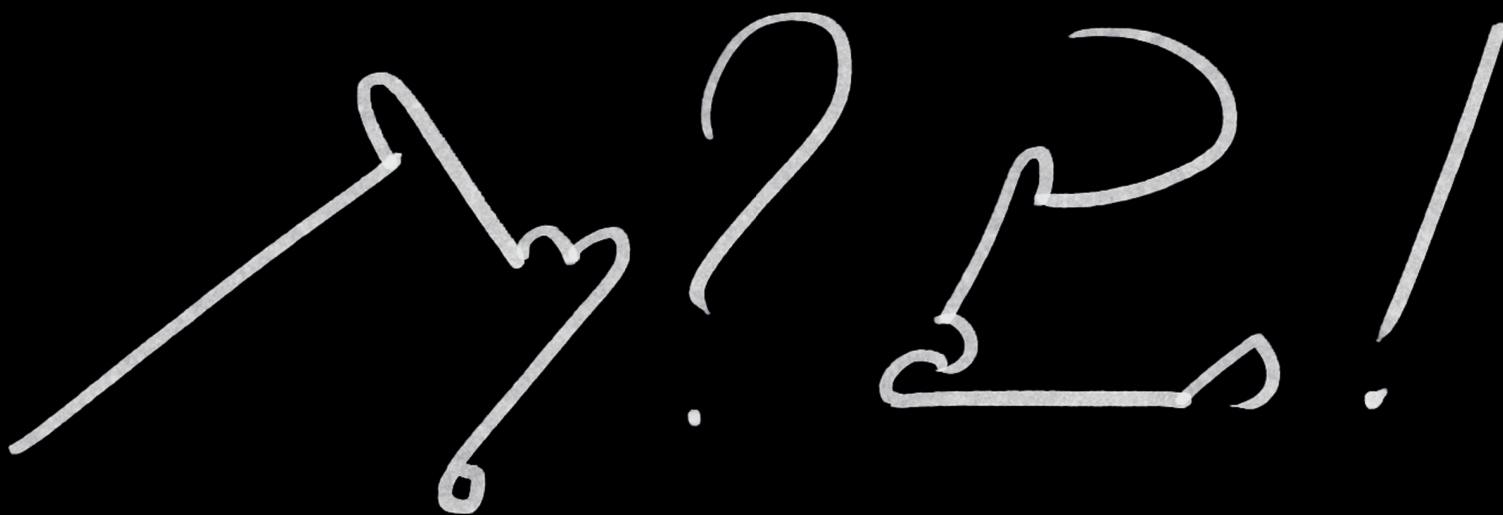


**ESTENO?GRAFIA!**  
O REVIVALISMO DE UMA FORMA DE ESCRITA QUASE OBSOLETA



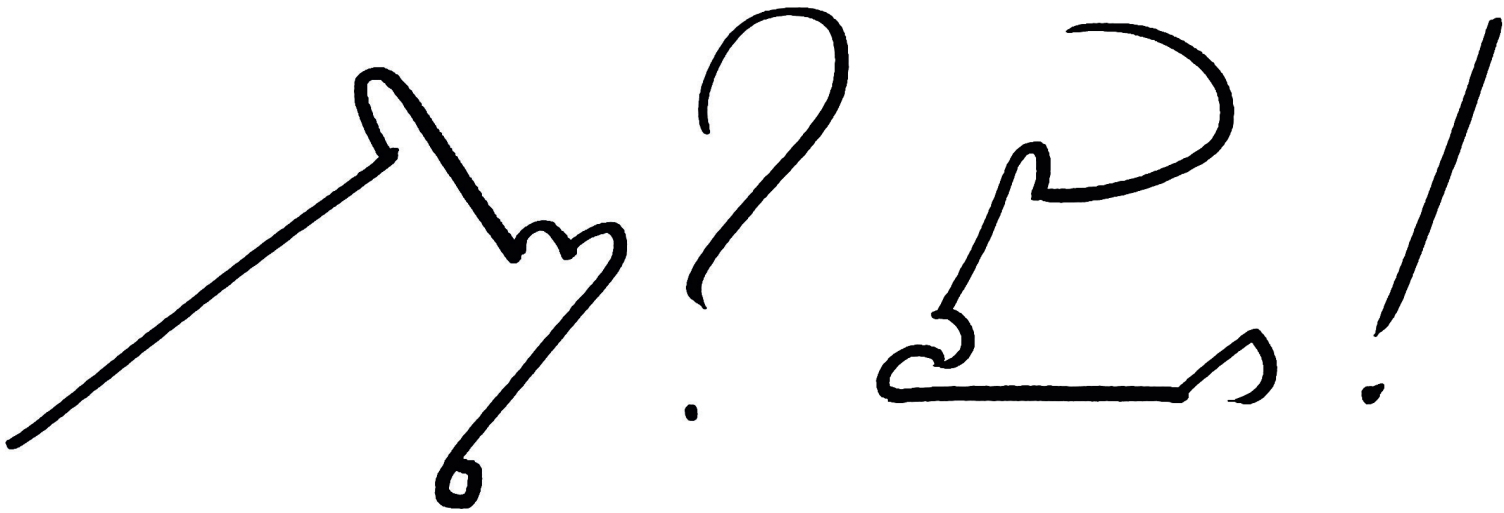
**Aluna:** Beatriz Martins Fernandes

**Orientadores:** Aprígio Morgado; António Gomes

Mestrado em Design Gráfico  
Caldas da Rainha, 2025



**ESTENO?GRAFIA!**  
O REVIVALISMO DE UMA FORMA DE ESCRITA QUASE OBSOLETA



**Aluna:** Beatriz Martins Fernandes  
**Orientadores:** Aprígio Morgado; António Gomes

Mestrado em Design Gráfico  
Caldas da Rainha, 2025



## **Agradecimentos**

Aos meus pais, pelo apoio incondicional, e à minha avó, que todos os dias me perguntava se já tinha terminado a dissertação. Um agradecimento especial às Fátimas (Fátima Almeida e Fátima Teixeira) por terem partilhado comigo a sua sabedoria.



## **Palavras-chave**

- Design Gráfico/Editorial
- Tipografia
- Estenografia
- Arquivo
- Educação

## **Resumo**

Tendo em conta a escassez de informação e a falta de conhecimento, em geral, relativamente à estenografia em Portugal, visto que esta não é atualmente utilizada em contextos diários ou académicos, e considerando também o número cada vez menor de pessoas com este conhecimento específico (estenógrafos, especialistas nesta área, alunos ou simplesmente curiosos), torna-se urgente a preservação deste sistema de escrita, atualmente em risco de extinção.

Desta forma, o presente estudo, tem como objetivo recuperar e reinterpretar o universo da estenografia e das formas de escrita concisas e eficientes com a sua consequente aplicação em contextos e tecnologias atuais. A inclusão e recuperação destes métodos de escrita ditos obsoletos permite não só a preservação da história como também pretende compreender melhor o passado. Com isto, utilizou-se uma metodologia qualitativa não intervencionista, por meios de pesquisa, revisão e crítica da literatura latente em arquivos, bibliotecas paralelamente com a realização de entrevistas a uma ex-professora e aluna de estenografia.

Posteriormente, utilizou-se uma metodologia intervencionista qualitativa com o objetivo de criar um suporte que compile toda a informação referente à estenografia portuguesa como forma de propagação de conhecimento e de preservação desta tecnologia quase extinta.



**Keywords**

- *Graphic/Editorial Design*
- *Typography*
- *Stenography*
- *Archive*
- *Education*

**Abstract**

*Taking into account the scarcity of information and the lack of knowledge in general regarding Portuguese stenography, since it is not commonly used nowadays in daily or academic contexts, and also given the decreasing number of people who hold this specific knowledge (stenographers, people specialized in this activity, students or simply curious) it becomes increasingly urgent the preservation and recovery of a relevant bibliographic archive in Portuguese of a writing system almost in extinction.*

*Thus, the present study aims at recovering and reinterpreting the universe of stenography and the concise and efficient forms of writing with its consequent application in current contexts and technologies. The inclusion and recovery of these so-called obsolete writing methods allows not only the preservation of history but also intends to better understand the past. With this, we use a non-interventionist qualitative methodology, by means of research, review and critique of latent literature in archives, libraries in parallel with interviews with former teachers and students of shorthand.*

*Subsequently, a qualitative interventionist methodology was used with the goal of creating a support that compiles all the information regarding Portuguese stenography as a way of spreading knowledge and preserving this almost extinct technology.*

# índice

## *introdução*

01	Contexto
02	Pertinência
03	Motivação
04	Objetivos Gerais e Específicos
05	Questão de investigação
05	Metodologia
06	Estrutura da dissertação

## *enquadramento*

08	Enquadramento
09	Esteno?
11	A Pedra de Acrópolis
12	As Notas Tironianas
16	A Estenografia pelo Mundo
25	A Estenografia Portuguesa

## *análise de casos*

30	Metodologia
32	Tabela de sistemas
34	Tabelas diagramáticas
54	Conclusão
56	Leopoldo de Carvalho
57	Francisco Póvoas
58	Paulo de Cantos
59	José Domingues Ramos

## *entrevistas*

60	Enquadramento
61	Metodologia
63	Questões
64	Discussão de Resultados

## *projeto prático*

67	Pertinência
68	Gênero da publicação
69	Nome e estrutura
70	Formato
71	Análise formal dos manuais
74	Tipografia
77	Cores
78	Imagem
78	Grelha
79	Hierarquia
82	Planeamento de Conteúdo
84	Exercícios
86	Publicação

## *conclusão*

106	Conclusão
111	Limitações do estudo

## *anexos*

114	Consentimento para entrevistas
116	Entrevista 1 - Fátima Teixeira
124	Entrevista 2 - Fátima Almeida
132	Recursos de trabalho - Miro
134	Recursos de trabalho - Figma
140	Encontros de Tipografia

## *bibliografia* <sup>142</sup>

# índice de figuras

## Figura 1

Capa da revista *International journal and media arts*

Fonte: <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/ijfma/issue/view/897>

## Figura 2

Imagem da Pedra da Acrópoles

Fonte: [https://historyofinformation.com/index.php?cat=5#entry\\_2053](https://historyofinformation.com/index.php?cat=5#entry_2053)

## Figura 3

Representações gráficas de várias interpretações do sistema de estenografia da inscrição da placa de Acrópoles

Fonte: King, 2001

## Figura 4

Glossário tironiano do século IX Codex Casselanus

Fonte: [https://historyofinformation.com/index.php?cat=5#entry\\_2037](https://historyofinformation.com/index.php?cat=5#entry_2037)

## Figura 5

Notas Tironianas

Fonte: Drucker, 1995

## Figura 6

Páginas do livro «Characterie : an arte of shorte, swifte, and secrete writing by character» de Timothy Bright

Fonte: <https://archive.org/details/characteriearteo00brig/page/n45/mode/2up>

## Figura 7

Páginas do livro «The Art of Stenographie» de John Willis

Fonte: [https://books.google.pt/books?id=-tfi6x8j1QCYC&printsec=frontcover&hl=p-](https://books.google.pt/books?id=-tfi6x8j1QCYC&printsec=frontcover&hl=p-t-PT#v=onepage&q&f=false)

[t-PT#v=onepage&q&f=false](https://books.google.pt/books?id=-tfi6x8j1QCYC&printsec=frontcover&hl=p-t-PT#v=onepage&q&f=false)

## Figura 8

Páginas do livro «An Essay intended to Establish a Standard for an Universal System of Stenography» de Samuel Taylor

Fonte: [https://www.liveauctioneers.com/item/119136120\\_shorthand-taylor-samuel-an-essay-intended-to](https://www.liveauctioneers.com/item/119136120_shorthand-taylor-samuel-an-essay-intended-to)

## Figura 9

Páginas do livro «Stenographie Sound-Hand» de Isaac Pitman, publicado em 1837

Fonte: [https://books.google.pt/books?id=DkcEAAAAQAAJ&printsec=frontcover&redir\\_esc=y#v=onepage&q&f=false](https://books.google.pt/books?id=DkcEAAAAQAAJ&printsec=frontcover&redir_esc=y#v=onepage&q&f=false)

## Figura 10

Tabela da história da estenografia

Fonte: Drucker, 1995

## Figura 11

Exemplo da estenografia Gregg

Fonte: <https://gregariousadvents.wordpress.com/2012/07/17/httpgregg-angel-fishy-net/>

## Figura 12

Página do manual «Sistema Universale e completo di stenografia o sia maniera di scrivere in compendio applicabile a tutti al' idiomi» de Emilio Amanti

Fonte: <https://www.finarte.it/asta/libri-autografi-e-stampe-roma-2022-12-06/emilio-amanti-sistema-universale-e-completo-di-stenografia-o-sia-maniere-di-scrivere-in-compendio-applicabile-a-tutti-gli-idiomi-fonda-87886?lang=en>

**Figura 13**

Círculo geométrico de base do sistema  
Martiniano  
Fonte: Santos, 1945

**Figura 14**

Taquigrafia Portuguesa de Angelo Ramon  
Martí  
Fonte: Moutinho, 2023

**Figura 15**

Cortes Constituintes de 1820  
Fonte: Arroyo, 2021

**Figura 16**

Círculo de onde são retirados os sinais  
estenográficos alfabéticos do sistema de  
Leopoldo  
Fonte: Carvalho, 1927

**Figura 17**

Signos alfabéticos retirados do círculo  
geométrico do método de Leopoldo com os  
seus respetivos sons.  
Fonte: Carvalho, 1927

**Figura 18**

Signos Alfabéticos Cantianos retirados da  
terminação das próprias palavras.  
Fonte: Cantos, 1937

**Figura 19**

Quadro de signos alfabéticos de Ramos e  
suas respetivas variações fonéticas  
Fonte: Ramos, 1950

**Figura 20**

Exemplo de uma frase estenografada com o

traçado no final a representar o ponto final  
Fonte: Ramos, 1950

**Figura 21**

Sons iniciais de Leopoldo de Carvalho  
Fonte: Carvalho, 1927

**Figura 22**

Sons iniciais de Ramos  
Fonte: Ramos, 1950

**Figura 23**

Aplicação de nomes numa frase, exemplo  
Fonte: Ramos, 1950

**Figura 24**

Pronomes, Leopoldo de Carvalho  
Fonte: Carvalho, 1927

**Figura 25**

Pronomes, Francisco Póvoas  
Fonte: Póvoas, 1946

**Figura 26**

Pronomes, José Ramos  
Fonte: Ramos, 1950

**Figura 27**

Estenografia Portuguesa, Leopoldo de  
Carvalho  
Fonte: Carvalho, 1927

**Figura 28**

Tratado de Estenografia  
Fonte: Póvoas, 1946

**Figura 29**

Francisco Póvoas retrato  
Fonte: Póvoas, 1946

**Figura 30**

Esteno, Paulo de Cantos  
Fonte: Cantos,1937

**Figura 31**

Paulo de Cantos, retrato  
Fonte: Cantos,1937

**Figura 32**

A Estenografia Prática  
Fonte: Ramos, 1950

**Figura 33**

Experimentação de estilos tipográficos  
Fonte: Autoria própria

**Figura 34**

Escolha da família tipográfica final  
Fonte: <https://fonts.adobe.com/fonts/bulletin-typewriter-mn#about-section>

**Figura 35**

Capas dos manuais adquiridos

**Figura 36**

Exemplos de imagens do manual «Tratado de Estenografia».  
Fonte: Póvoas, 1946

**Figura 37**

Página retirada do manual “Estenografia Prática” revelam o uso de separadores, na divisão entre o título e o texto  
Fonte: Ramos, 1950

**Figura 38**

Página retirada do manual “Estenografia Prática” revela o uso de separadores nos marcadores de página  
Fonte: Ramos, 1950

**Figura 39**

Página retirada do manual “Tratado de Estenografia” revela o uso de separadores nos marcadores de página  
Fonte: Póvoas, 1946

**Figura 40**

Uma página retirada do manual “Estenografia Portuguesa” demonstra o uso de linhas duplas para destacar o título e estabelecer uma hierarquia visual dos conteúdos  
Fonte: Carvalho, 1927

**Figura 41**

Página retirada do manual “Estenografia Portuguesa” revelam o uso de bordas decorativas na apresentação de sons terminais  
Fonte: Carvalho, 1927

**Figura 42**

A capa do manual “Esteno” apresenta pontilhados que desempenham uma função decorativa, criando bordas em torno de símbolos visíveis nas margens da capa  
Fonte: Cantos,1937

**Figura 43**

Página retirada do manual “Esteno” revela sublinhados utilizados para destacar o texto  
Fonte: Cantos,1937

**Figura 44**

Uma página retirada do manual “Esteno” demonstra a utilização criativa dos próprios signos para a criação de formas geométricas decorativas.  
Fonte: Cantos, 1937

**Figura 45**

Publicação «Esteno?Grafia!»

**Figura 46**

Publicação «Esteno?Grafia!»

**Figura 47**

Realização de exercício ao ar livre

**Figura 48**

Páginas teóricas do Esteno?Grafia!

**Figura 49**

Páginas teóricas do Esteno?Grafia!

**Figura 50**

Consulta de tabela de sons de forma a aplicar nos exercícios.

**Figura 51**

Capítulo da História da Estenografia do Esteno?Grafia!

**Figura 52**

Capítulo dos Tipos de Estenografia

**Figura 53**

Capítulo da Estenografia Portuguesa

**Figura 54**

Consulta da tabela de sons iniciais de forma a completar os exercícios da publicação.

**Figura 55**

Exercício Alfabeto Estenográfico

**Figura 56**

Realização do exercício do alfabeto estenográfico

**Figura 57**

Exercício das abreviaturas sonoras

**Figura 58**

Realização do exercício das abreviaturas sonoras

**Figura 59**

Exercício Leopoldo de Carvalho

**Figura 60**

Realização do exercício do Leopoldo de Carvalho

**Figura 61**

Exercício Francisco Póvoas

**Figura 62**

Realização do exercício do Francisco Póvoas

**Figura 63**

Exercício Paulo de Cantos

**Figura 64**

Realização do exercício de Paulo de Cantos

**Figura 65**

Exercício José Ramos

**Figura 66**

Realização do exercício do José Ramos

# INTRODUÇÃO

01	Contexto
02	Pertinência
03	Motivação
04	Objetivos Gerais e Específicos
05	Questão de investigação
05	Metodologia
06	Estrutura da dissertação

*Antes de estenografares, escreverás bem ou mal, mas devagar sempre com aquela morosidade atribuída à lesma das hortas (Cantos, 1937, p.2).*

## **Contexto**

Mas o que é estenografia? Este termo significa apenas - escrita abreviada (Cantos, 1937, p.52; Póvoas, 1946, p.17). Etimologicamente, vem do grego: stenos, «estreito», e graphein: «escrever», «grava», e é uma forma de escrita que visa escrever tão rápido como se fala (Estenografia — Dicio, s.d.; Cantos, 1937, p.91; Póvoas, 1946, p.17).

A história da estenografia é complexa por não ter sido desenvolvida por uma única pessoa, motivando assim a sua devida documentação. Além disso, trata-se de uma prática que se ramifica em diversos sistemas e métodos. Não existe um sistema universal de estenografia para cada língua; pelo contrário, existem vários sistemas criados por diferentes autores, que competem entre si para demonstrar que o seu método é o mais rápido e eficiente.

Em Portugal o primeiro método estenográfico surgiu da adaptação do método tayloriano ao idioma espanhol criado por Francisco de Paula Marti e só depois terá sido adaptado pelo seu filho Ângelo para a língua portuguesa (Cantos, 1937, p.10-11), criando-se assim o sistema Martiniano. A partir daí, começou a ser utilizada no secretariado estatal, na Assembleia da República e nos tribunais (Gomes, 2016, p.309), sendo nos anos 50 que a atividade apresentou um aumento no ensino (Gomes, 2016, p. 314) e nos anos 80 e 90, o seu declínio, devido ao surgimento e massificação dos computadores pessoais e utilização de software de processamento de texto (Gomes, 2016, p.309).

## Pertinência

Torna-se relevante a construção de um arquivo bibliográfico, em português, que preserve o conhecimento de uma tecnologia quase em extinção. A informação disponibilizada é mais extensa em inglês (métodos/autores/história) do que em português, sendo dentro desta problemática que o design servirá de interveniente para a propagação e transporte desta prática quase obsoleta para um contexto atual. Pretende-se assim reunir num só lugar tudo o que foi investigado sobre o tópico de forma a criar a primeira publicação focada nesta prática, criando assim uma antologia de autores e seus respetivos sistemas. Esta contribuirá não só para a redescoberta da prática, fomentando a curiosidade e o interesse de investigadores e interessados, como também poderá auxiliar na descodificação de documentos transcritos em estenografia que se encontrem em arquivos históricos.

Sublinhe-se que com esta dissertação, não se pretende negar o uso das tecnologias digitais nem a forma de escrita atual. Pretende-se sim expandir as possibilidades de ferramentas disponíveis e experimentar com as possibilidades que daqui podem advir.

No decorrer desta dissertação, foram elaborados um artigo e uma comunicação (ambos avaliados segundo um processo de revisão por pares) para os «Encontros de Tipografia: Other Typographic Worlds», organizados pelo DELLI e pelo COW – Center for Other Worlds, uma conferência internacional dedicada à tipografia. A apresentação teve lugar em Lisboa, na Universidade Lusófona, nos dias 24 e 25 de Novembro de 2023. Para mais informações, pode ser consultado o seguinte link: <https://13et.ulusofona.pt/>.

O artigo já se encontra publicado e disponível para consulta na revista International Journal of Film and Media Arts, indexada na Scopus. Pode ser acedido através do seguinte link: <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/ijfma/issue/view/897>



Fig.1 - Capa do «International Journal of Film and Media Arts»

## **Motivação**

Pela pesquisa que foi efetuada e pela consulta à plataforma Renates (site que recolhe informação oficial sobre teses de doutoramento e dissertações de mestrado realizadas em Portugal) deparou-se que, até à data deste estudo, não existe qualquer trabalho de investigação em relação ao assunto. O que existe de referências à estenografia é meramente isso, referências, e nenhuma aborda com profundidade o tema. Para além disso, e em contexto português, não foram produzidos nos últimos anos nenhum editorial ou publicação que fale em concreto do universo da estenografia portuguesa. Desde os seus impulsionadores, contexto histórico, tecnológico ou autoral.

## **Objetivos gerais e específicos**

Neste sentido, pretende-se criar um suporte gráfico com a informação compilada sobre a estenografia portuguesa, como forma de divulgar este conhecimento, preservando-o para as gerações futuras. A publicação que se pretende fazer não só apresenta uma introdução à estenografia, como também facilita o processo de aprendizagem para aqueles que desejam conhecer o sistema de José Ramos, uma variante do sistema oficial de estenografia português, o sistema Martí. Este recurso pretende ser uma ferramenta fundamental para os indivíduos interessados em explorar formas alternativas de escrita, seja para fins pessoais, científicos ou artísticos.

### GERAIS

- Disseminação de conhecimento em relação à Estenografia

### ESPECÍFICOS

- Recolha e compilação de informação sobre a história da estenografia portuguesa;
- Criação de uma publicação que sirva como ferramenta didática e prática para a aprendizagem de um dos métodos de estenografia portuguesa.

## **Questões de Investigação**

- Qual é a pertinência prática da estenografia na atualidade?
- Quais são os principais sistemas de estenografia?
- Quais foram os sistemas de estenografia utilizados em Portugal?
- Quais as suas diferenças?

## **Metodologia**

A presente investigação desenvolveu-se, numa primeira fase, segundo uma metodologia qualitativa recorrendo a métodos qualitativos de pesquisa bibliográfica sobre escritas concisas e eficientes do passado. Procedeu-se igualmente a um levantamento histórico, social e técnico da estenografia em Portugal e no mundo.

Numa segunda fase, a revisão da literatura permitiu a seleção de quatro estudos de caso, proporcionando um conhecimento específico sobre cada sistema estenográfico analisado e possibilitando a comparação das suas diferenças por meio da criação de duas tabelas de análise: a tabela de sistemas e as tabelas diagramáticas.

Foram igualmente realizadas entrevistas a uma professora, e a uma antiga estudante de estenografia. Relativamente à metodologia adotada, optou-se por se realizar entrevistas semi-estruturadas ou qualitativas (Mason, 2018, p.62).

Após a recolha de um bom corpo teórico sobre a matéria, adotou-se uma metodologia qualitativa de carácter exploratório, recorrendo a procedimentos como a definição e edição de conteúdos, a paginação e o tratamento e edição de imagens para a publicação. Além disso, foram estabelecidas diretrizes para a direção de arte, incluindo a análise formal dos manuais adquiridos e a conceção de um moodboard, que serviram de base para as decisões relativas ao layout e à tipografia. Todas as fases do processo de publicação foram validadas de acordo com as orientações dos orientadores.

## **Estrutura da dissertação**

A presente dissertação encontra-se dividida em **seis** partes: introdução, enquadramento, entrevistas, análise de casos, projeto prático e conclusão.

No primeiro capítulo, a **introdução**, apresenta o tema desta dissertação bem como a sua pertinência e motivação, os seus objetivos, as questões de investigação, metodologia utilizada e a estruturação desta dissertação.

No **enquadramento**, será apresentado um breve levantamento em relação às escritas concisas e eficientes do passado de forma a contextualizar a origem histórica da estenografia bem como a sua utilidade. Abordamos este tema, definindo-o, bem como o contextualizando socialmente e tecnologicamente.

Na **análise de casos**, procedeu-se à recolha de livros/manuais no que resultou numa identificação de um grupo de autores, nomeadamente: Leopoldo de Carvalho, Paulo de Cantos, Francisco Póvoas e José Ramos. Pretendeu-se com a análise destes autores, compreender as diferenças de cada um dos seus sistemas, bem como, de um ponto de vista gráfico, a forma de que a informação era demonstrada e organizada.

Nas **entrevistas**, tendo em conta que a prática de estenografia tornou-se obsoleta ao longo dos anos, e portanto, a informação disponível sobre a mesma (especialmente estenografia portuguesa) é escassa, recorreu-se a entrevistas com o intuito de adquirir informações diretas por especialistas. Isto é, conhecer os seus testemunhos, tecnicidades e instruções de forma a tornar o trabalho de investigação mais rico em depoimentos de pessoas que utilizaram esta forma de escrita eficiente nalgum ponto da sua vida.

No **projeto prático**, apresentamos a conceptualização da parte prática onde demonstramos o seu desenvolvimento, o planeamento de conteúdo, os exercícios, e o resultado final impresso.

No último capítulo, a **conclusão**, é feita uma revisão geral da dissertação, apresentamos as conclusões retiradas deste estudo, bem como as limitações e perspetivas futuras que derivaram deste projeto.

# ENQUADRAMENTO

08	Enquadramento
09	Esteno?
11	A Pedra de Acrópoles
12	As Notas Tironianas
16	A Estenografia pelo Mundo
25	A Estenografia Portuguesa

## **Enquadramento**

Neste capítulo, será apresentado um breve levantamento em relação às escritas concisas e eficientes do passado de forma a contextualizar a origem histórica da estenografia bem como a sua utilidade. Abordamos este tema, definindo-o, bem como o contextualizando socialmente e tecnologicamente.

Dado que a presente dissertação tem como objetivo a realização de uma publicação sobre esta prática em contexto português, torna-se imprescindível este apuramento histórico.

## Esteno?

Para o autor português, Francisco Póvoas<sup>1</sup>, em relação à definição de estenografia, alega que é o «processo de escrever por estenogramas ou o método de registar abreviada e rapidamente o pensamento por meio de signos próprios ou especiais» sendo que «estenograma é o traçado estenográfico de som ou palavra» (Póvoas, 1946, p.20).

Em relação à sua classificação, a grande parte dos autores designa-a como sendo uma «arte» enquanto outros a categorizam como um «sistema» ou «processo» sendo raras as vezes que as intitulam como uma «ciência» (Póvoas, 1946, p.18). Defende que «um sistema estenográfico não é uma aplicação, é uma concepção resultante da investigação de formas gráficas destinadas a facultar pela execução a mnemonização de um idioma para efeitos tradutivos ou interpretativos» (Póvoas, 1946, p.20)

Concluindo: Estenografia é um sistema de escrita abreviada, composta por figuras geométricas que se classificam segundo a sua direção e formato. É igualmente um sistema de escrita fonética abreviada, na qual não se atende à respetiva ortografia das palavras. Tem como principal finalidade, escrever tão rápido quanto se fala (Ramos, 1950, p.16).

---

<sup>1</sup> Francisco Mendes Póvoas foi professor do Instituto Superior de Comércio de Lisboa e das Escolas de Ensino Técnico Profissional. Professor do Ensino Particular Oficial-estenógrafo da Assembleia Nacional, Oficial do mérito Industrial e Sócio correspondente da Federação Taquigráfica brasileira (Póvoas, 1946, p.1). Também é autor de um livro sobre dactilografia intitulado «Dactilografia, Noções de esteno-dactilografia» de 1935.

A estenografia costuma ser comparada às cifras ou aos códigos devido a serem visualmente indecifráveis sem um conhecimento prévio específico. Porém, estas possuem uma diferença fundamental.

A cifra moderna, tal como defende Mccay<sup>2</sup> (2021), é um sistema de substituição (de letras por outras letras) e sua decodificação requer uma chave. Já a estenografia não funciona da mesma forma porque todos os sistemas de estenografia têm regras específicas a cada sistema que não se baseiam em apenas na substituição de letras.

A maioria dos sistemas estenográficos que serão abordados neste projeto de dissertação são, na sua natureza, fonéticos. Assim, escrevem-se foneticamente e por essa razão só se escrevem os sons significativos, em vez de todas as letras de uma determinada palavra.

---

2 Kelly McCay estuda a história do pensamento linguístico no início da Europa moderna. A sua investigação explora projectos de linguagem criativa realizados em Inglaterra nos séculos XVI e XVII, em particular a arte da estenografia. A sua dissertação centra-se na proliferação, produção, infraestrutura pedagógica e estrutura linguística da estenografia moderna, e inclui uma bibliografia descritiva dos manuais de estenografia impressos entre 1588 e 1700.

## A Pedra de Acrópolis

A história da estenografia começa na Acrópole de Atenas, onde foi descoberto, em 1884, o primeiro registo conhecido deste peculiar sistema de escrita. A placa de mármore exibida na Fig.2 mostra-nos um sistema de escrita baseado em vogais, dos quais utiliza certas modificações para indicação das consoantes (Norman, s.d.).

Foram vários os estudiosos que contribuíram para a interpretação dos conteúdos desta placa. Alguns nomes incluem Paul Nietzsche, Hugo Landwehr, Fritz Specht, etc. Porém, apesar das suas conclusões não serem idênticas, David King<sup>3</sup> garante-nos de que se trata de um sistema silábico estenográfico:

*Parece-me claro que estamos a lidar com um tipo de estenografia silábica. Mais tarde, Christian Johnen e Arthur Mentz revisitaram a estenografia da Pedra de Acrópolis nos seus estudos aprofundados sobre a história da estenografia. O grande interesse por esta prática reflete-se na vasta quantidade de publicações sobre o tema na língua alemã, bem como nos diversos clubes dedicados à estenografia que surgiram na Alemanha ao longo das últimas décadas do século XIX e no início do século XX (King, 2001, pp.58-59).<sup>4</sup>*

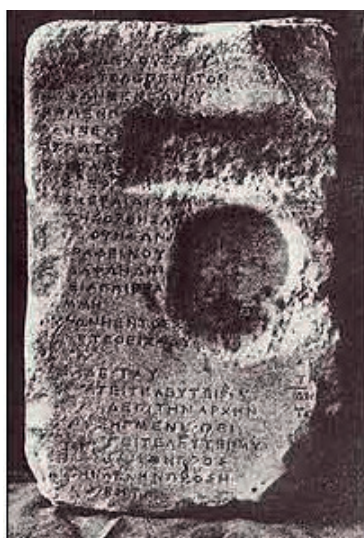


Fig.2 | Tábua/Placa com inscrições estenográficas encontrada na Acrópole de Atenas em 1884 (Norman, s.d.)

Fig. 3 | Representações gráficas de várias interpretações do sistema de estenografia da inscrição da placa de Acrópolis (King, 2001, p.60)

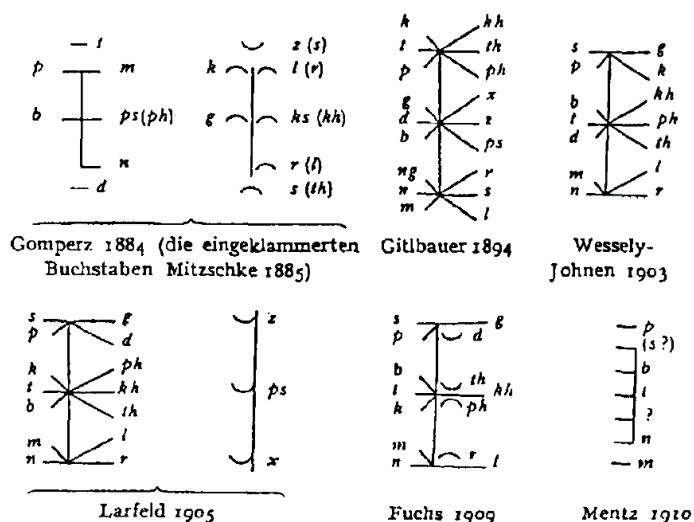


Fig.3

3 David A. King é um historiador e autor britânico-americano. Foi professor de Línguas e Literaturas do Próximo Oriente e de História da Ciência na Universidade de Nova Iorque (1979-85) e diretor do projeto da Smithsonian Institution sobre astronomia islâmica medieval e diretor do Instituto de História da Ciência da Universidade Johann Wolfgang Goethe.

4 Tradução livre da citação original «It seems clear that we are dealing with a syllabic shorthand. Thereafter the Acropolis shorthand was reinvestigated by Christian Johnen and Arthur Mentz in their masterly surveys of the history of shorthands. German fascination for shorthands is reflected in the abundant publications on that subject in German, and no less by the numerous and varied clubs (Vereine) for shorthand aficionados which flourished in Germany during the last few decades of the 19th century and the first few decades of the 20th.» (King, 2001, pp.58-59)

## As Notas Tironianas

A maioria dos historiadores considera que foi com Xenofonte, um historiador grego discípulo de Sócrates (Tuplin, 2023), que a estenografia começou a ser uma prática recorrente, enquanto King informa-nos que apesar de Xenofonte ter utilizado um antigo sistema de escrita grego para redigir as memórias do seu mestre (criando a obra «Memorabilia»)(Tuplin, 2023), terá sido na época do Império Romano que este sistema atingiu o auge, tendo sido utilizado de uma forma mais recorrente.

De modo a corresponder com Atticus, Cícero, um orador romano reconhecido pelos seus dotes oratórios, utilizava sinais estenográficos inventados por Ennius. Um sistema constituído por mais de 1.000 signos dos quais se destinavam à reprodução do que se dizia nos tribunais e lugares públicos (Ramos, 1950, p.12).

Assim, foi com Marcus Tullius Tiro, um erudito escravo de Cícero que terá sido posteriormente libertado pelo próprio, a que se deve a criação das notae Tironianae ou «Notas Tironianas», o primeiro sistema de escrita de estenografia latina, criado no ano 63 a.c. e que durou mais de mil anos.

Para além das notas tironianas, Tiro compilou igualmente um dicionário de estenografia. Podemos identificar alguns ilustres escritores estenográficos da época como por exemplo o Imperador Tito, Júlio César, e vários bispos (King, 2001, p.61).

Reporta-se que o próprio Cícero terá usufruído desta forma de escrita eficiente durante o julgamento dos conspiradores catilianianos, nomeadamente para gravar o famoso discurso de Catão em «signos, dos quais pequenos e breves compreendiam a força de muitas letras»<sup>5</sup> (Drucker, 1995, pp.69-70). Analogamente pensa-se que Tiro, secretário do imperador Nero, terá usado um estilete e placas de cera para transcrever os seus discursos (Jean, 1992, p.66).

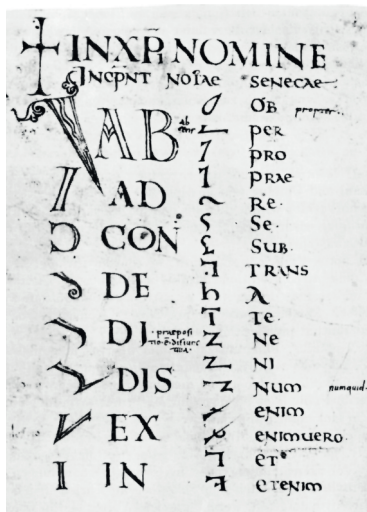


Fig.4 | Glossário tironiano do século IX Codex Cas-selanus (Norman, s.d.)

5 Tradução Livre «signs in which small, brief characters comprehended the force of many letters» (Drucker, 1995, pp.69-70).

A estenografia passou a ser largamente utilizada na época Romana, tanto para a gravação e registo de conferências públicas como também para próprio usufruto dos estudantes que precisavam de apontar rapidamente as mensagens dos seus mestres e oradores.

Os indivíduos que praticavam estenografia em contextos governamentais ou particulares eram denominados de notários ou cursores, sendo considerados distintos de outros tipos de escribas, onde a função que desempenhavam era mais especializada (Ramos, 1950, p.12).

Após 534 d.C, o Imperador romano Bizantino Justiniano acabou por proibir a escrita estenográfica, uma vez que era vista como um código secreto, encorajando à subversão (Parkinson, 2016).

Com a entrada da época medieval na Europa, a estenografia passou a ser associada igualmente a práticas de bruxaria e magia, e por essa razão, desapareceu por completo (Drucker, 1995, pp.69-70). Outra razão pela qual as notas tironianas não terão sido utilizadas pelos escribas medievais, deve-se ao facto de que eles próprios terão desenvolvido um vasto espectro de abreviaturas, de forma a poupar papel, facilitando a escrita rápida (King, 2001, p.62).

W	approbat	W	modestus	Y	epistola
W	comprobat	W	immodestus'	Y	litera
W	improbus	M	modicus	Y	literæ
W	probus	M	immodicus	Y	syllaba
W	probitas	M	commodus	Y	tempus
W	improbitas	M	incommodus	Y	per tempus
W	probabilis	M	accomodat	Y	per idé tempus
W	reprobat	M	in modum	Y	temporalis
M	modus	M	admodum	Y	extéporalis
M	modulus	M	quæ admodum	Y	homo

Fig.4 | Glossário tironiano do século IX Codex Casselanus (Norman, s.d.)

Mais tarde, no séc. XII, o arcebispo de Cantuária, Thomas Becket (1118-70) incentiva a investigação sobre a estenografia de Tiro (King, 2001, p.61). Foi graças ao seu interesse em preservar sermões, que em 1180, o monge John Of Tilbury publica um sistema abreviado de palavras (Parkinson, 2016).

Apesar do abolição da estenografia na época Medieval, é neste período, nos séculos doze e treze, que várias tentativas foram feitas para criar novos modelos de estenografia, com base no conhecimento que possuíam das notas tironianas (King, 2001, pp. 66-67).

No séc.XV, o interesse por esta prática terá sido renovado, após terem sido descobertos, num mosteiro beneditino, um léxico de notas Ciceronianas e de um Saltério escrito em estenografia Tironiana (King, 2001, p.61). Estas terão sido igualmente «redescobertas» por Johannes Trithemius, Abade da Abadia Beneditina de Sponheim, e em 1506 na Abadia de St. Jakob em Wurzburg, que publicou uma lista de cerca de 30 notas no seu «Polygraphiæ» (publicadas postumamente em 1518) (King, 2001, pp.62-63).

Grande parte dos textos que continham estenografia tironiana permaneceram ilegíveis, apesar das extensas evidências paleográficas redescobertas sobre o assunto. Só em 1747, com a publicação de Dom. P. Carpentier, é que essa forma de escrita altamente cursiva e condensada terá sido decifrada. A partir dessa data, começou-se a obter uma compreensão mais clara do conteúdo textual dessas peças (Parkinson, 2016).

Já no final do século XIX, tinham sido elaboradas chaves de descodificação fidedignas para a decifração da estenografia de Tiro, contudo, as dificuldades de tradução agravaram-se face ao problema da legibilidade — afinal, esta forma de escrita é denominada de estenográfica devido à grande velocidade à qual era redigida.

A estenografia Tironiana dependia de um conjunto de radicais, (geralmente a letra maiúscula inicial da palavra) que poderia permanecer por si só, especialmente se for um termo frequentemente empregado. Mas no caso da existência de radicais mais elaborados para indicar certas palavras invariáveis: advérbios, preposições, conjunções, certas formas nominativas e mesmo certas formas singulares de terceira pessoa de um verbo no indicativo estas podem ser modificadas por uma terminação que, embora rapidamente notada, permitia a inflexão ou outra modificação da palavra. A estenografia de Tiro era bem estabelecida, institucionalizada no ensino e hábitos de uso generalizados (Drucker, 1995, pp.69-70).

L		P	
L	L §. 119. v. Fl. Li. Il. It. Lu.	P	Prae. 1. c. v. R. §. 125. 266.
h		P	P(rae) or 61. §. 380. Praetor.
L	L a 32. Litera.	P	P(rae) it 17. c. Praecipit.
L?	L o 42* §. 325. Lego.	P	P(rae) it 20. §. 380. Praeit.
L	L it 42. §. 325. Legit.	P.	P(rae). 36. §. 276. 413. Praesens.
L	L at 42* Legat.		

Fig.5 | Notas Tironianas  
(Drucker, 1995, p.62)



The Art of Stenographic.

Where note that the small Character of j the consonant, being affixed unto the great character of B. in the first place, significeth A. before it: in the second place, E: in the third place, I: in the fourth place, O: in the fifth place, V: in the sixth place it significeth no Vowel at all: As in example.

j	Bdg.	ff	Bdg.	ll	Bdg.
ff	Bdg.	ll	Bdg.	ll	Bdg.
But the places of Affixes about the flat Character, (which is the Character of the letter R) are thus disposed:					
		i	o	u	
		3	4	5	
		2	1	6	
		e	a		

Chap. 4. How all words of one syllable, ending in a Consonant, are to be written.

Before wee proceed to disjuncts, let us consider the use of Affixes, in abbreviating all words of one Syllable, ending in a consonant.

A word of one syllable ending in a consonant, beginneth either with a vowel, or with a consonant.

I. If it begin with a vowel, and end in one single consonant, then the small character of the consonant must be affixed to the great character of the vowel, in the sixth place thereof, as:

Arp.	Eate.	Vre.
All.	Ire.	Vp.
Eafe.	Oake.	Alli.

The Art of Stenographic.

II. If there bee more consonants than one, the small character of the second consonant must be affixed to the character of the first, and the third to the character of the second, and the fourth (if there be so many) to the character of the third: each character being so affixed to other, as it will fall out in readiest manner to be made, or receive best grace, as:

Arp.	Arter.	Oates.
Arm'd.	Elme.	Oalles.
Art.	Est.	Vra.

III. If a word of one syllable begin and end with a single consonant, the consonant wherein it endeth is to be affixed to the consonant wherewith it beginneth, in the place of the vowel, which vowel also it doth signifie, As:

Arre.	Moore.	Right.
Meere.	Murre.	Queene.
Myrbe.	Sime.	Deepe.

III. If there be any more consonants than two in the word, they are to be affixed in their order: such as come before the vowel in the sixth place, and such as follow the vowel, in the place of the Vowel. As:

Whippes.	Burse.	Starrs.
Saatch.	Parish.	Trottoe.
Knocker.	Marmes.	Spurres.

Chap.

THE TABLE OF COMBINATIONS

a bd.	as:	ehf.	Charvdis.
3 bl.	as:	Abic.	Horrible.
θ ct.	as:	Mockt.	Suspect.
d dl.	as:	Bridle.	Sadulle.
ε ft.	as:	Soft.	Aloft.
> gd.	as:	Begd.	Bragd.
ogh	as:	Sigh.	Rough.
9 gl.	as:	Beagle.	Bugle.
1 gn.	as:	Magne.	Oppugne.
ld	as:	Hould.	Heroald.
l ff.	as:	Pesse.	Ernylphus.
lv.	as:	Sylver.	Resolve.
ombf.	as:	Humble.	Resemble.
ompl.	as:	Temple.	Example.
unt.	as:	Limpt.	Emptic.
nd.	as:	Wind.	Abandon.
6 ndf.	as:	Bundle.	Arundell.
ng.	as:	Wing.	Wronging.
engl.	as:	Tangle.	Triangle.
7 ndg.	as:	Fringe.	Spunge.
nk.	as:	Sinke.	Sunk.
onct.	as:	Linkt.	Abington.

Fig.7 | Páginas do livro «The Art of Stenographie» de John Willis (Willis, 1632).

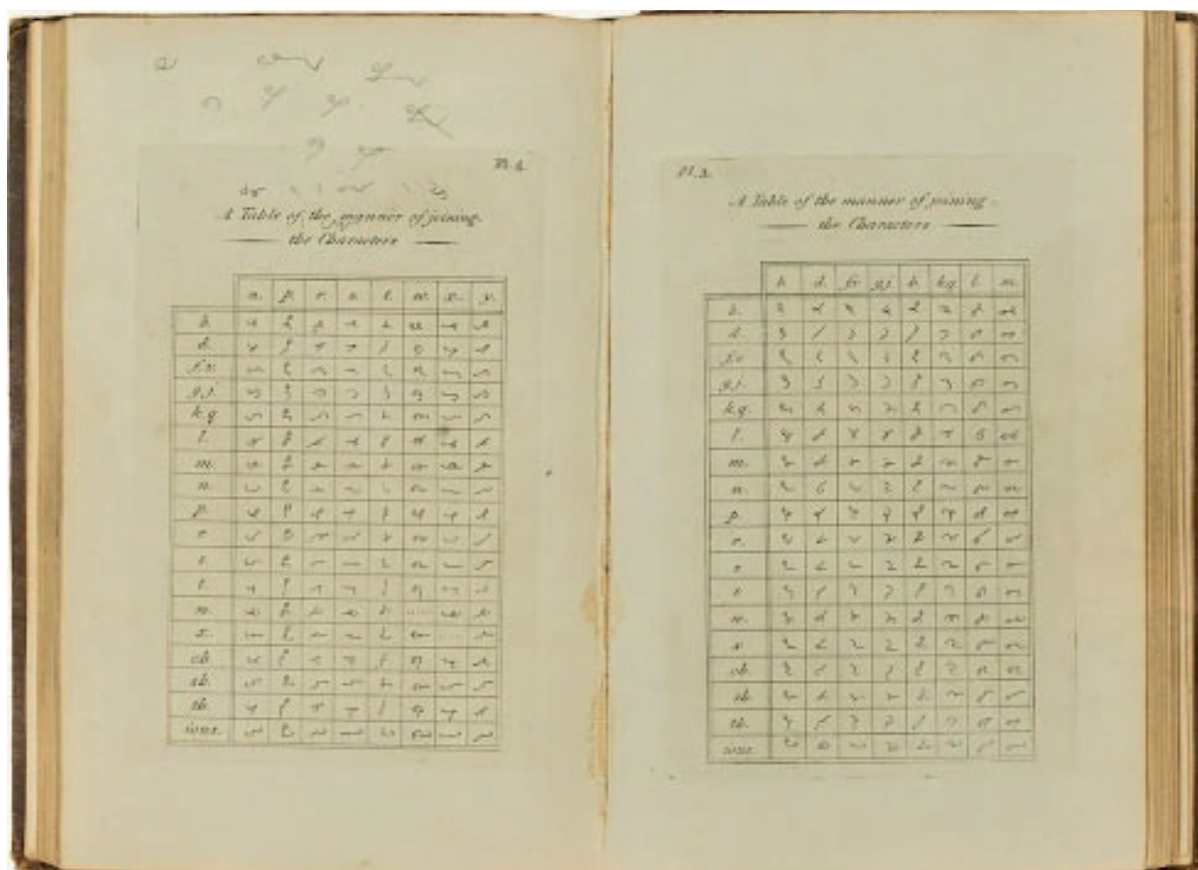
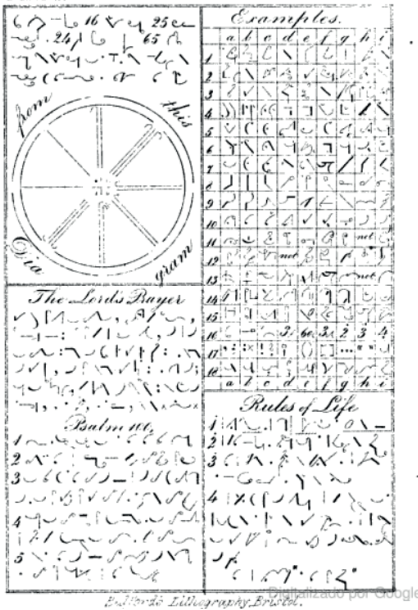


Fig.8 | Páginas do livro «An Essay intended to Establish a Standard for an Universal System of Stenography» de Samuel Taylor (Scott, s.d.). Aqui podemos ver uma tabela do alfabeto e as suas respectivas combinações com os símbolos estenográficos.

Plata 2.



Exibido em Lilligraphy, Erlébet.

Plata 1.

Stenographic Sound-Hand.			
Single Sounds	Single Consonant	Single Sounds	
	h, l, i by one upstroke, s, up or down.		
c tho, tho	B   h, ham, by	S   self, se, as,	
a (and)	D   do, done	T   st, cut, to	
x. a. an	F   fr, if, off	V   ever, of, over	
all, axe, law	G   ge, God, good	W   we, well, with	
o, o, eve	H   hand, have, he	Y   yet, you	
oo, who	J   juus, judge	Z   as, is	
o eye, thy	K   can, can, come, who		whoe, which
u, eve	L   all, always, all, with		change, child
u boy, eve	M   may, me, my		shall, ship
u how, thou	N   in, know, no		thought
B   m	P   up, upon		that, them
u   p   l	R   are, or, our		usual, any
<i>Progressive Affixes</i> <i>Adv, dem</i> — <i>or in</i> <i>ment</i> <i>inter</i> <i>under, end, &amp; recum</i> <i>circum</i> <i>sub, super</i> <i>trans</i> <i>live</i> <i>ludo</i> <i>stern</i> <i>sum</i> <i>than</i> <i>sen</i> <i>ten</i> <i>than</i> <i>sum</i> <i>sum</i> <i>ly</i>			
<i>Representatives</i> <i>into</i> <i>unto</i> <i>o</i> <i>world</i> <i>to</i> <i>ward</i> <i>ward</i>			
Double Consonant Sounds			
bl	belov	spe	language
br	breadth	oz	comple
dr	direct	tbl	call
dw	dwell	ks	case
pl	full	ks	except
pr	from	ksa	question
gl	glory	pl	people
gr	great	pr	person
		tr	truth
		tw	twice
		ov	over
		ev	every
		sh	short
		thr	through
		th	their, there
		th	there

Exibido em Lilligraphy, Erlébet.

Fig.9 | Páginas do livro «Stenographie Sound-Hand» de Isaac Pitman, publicado em 1837 (Home, s.d.)

como um método aperfeiçoado, em 1830 (Drucker, 1995, p.249). O seu sistema era simples, completo e lógico, baseado numa correlação entre os sons da fala e a ortografia convencional transformada num conjunto de marcas de estenografia de produção rápida. O sistema tinha menos signos que um sistema lexical convencional, contendo um extenso vocabulário de glifos individuais. Essencialmente, a fonografia consistia num alfabeto abreviado, de escrita rápida, com certas contrações. No entanto, a compreensão de Pitman sobre fonética era rudimentar. A caracterização dos seus símbolos em «consoantes» e «vogais» – categorias que, embora familiares ao público que adotou o seu sistema, mostraram-se inadequadas para um trabalho mais aprofundado na linguística (Drucker, 1995, p.249).

O sucesso da estenografia de Pitman pode ter sido atribuído ao facto de ter sido baseado em categorias conceptuais já familiares. O sistema era relativamente fácil de aprender, uma vez que se baseava em menos caracteres do que qualquer outro sistema anterior. Os elementos básicos consistiam num conjunto de símbolos para as consoantes (uma linha recta numa das quatro direcções, um quarto de círculo numa das oito posições) e símbolos para as vogais, que podiam ser omitidos numa notação rápida do esqueleto<sup>6</sup> para textos que deveriam ser imediatamente transcritos para escrita normal (Drucker, 1995, p.250).

De seguida, apresentamos uma tabela na qual apresenta não só os vários autores de estenografia ao longo dos tempos, como também a data em que as suas obras foram publicadas e os sinais estenográficos de cada um desses sistemas.

6 «Esqueleto» refere-se à exclusão das vogais, concentrando-se em manter as consoantes. Este método era utilizado para transcrever rapidamente a linguagem falada para a forma escrita. A ideia é capturar os elementos essenciais do texto de forma rápida, sem o conjunto completo de caracteres, tornando o processo mais ágil e eficiente.

Fig.10 | Tabela da história da estenografia (Drucker, 1995, p.248)

History of shorthand in chart form by William Upham

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
	1601	1618	1630	1633	1636	1641	1650	1645	1649	1656	1658	1659	1672	1682	1701	1674	1674	1678	1682	1712	1736	1747	1750	1753
a	Λ	/	Λ	Λ	Λ	Λ	Λ	Λ	Λ	Λ	Λ	Λ	Λ	Λ	Λ	Λ	Λ	Λ	Λ	Λ	Λ	Λ	Λ	Λ
b	∩	/	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩
c	∩	/	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩
d	∩	/	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩
e	∩	/	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩
f	∩	/	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩
g	∩	/	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩
h	∩	/	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩
i	∩	/	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩
j	∩	/	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩
k	∩	/	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩
l	∩	/	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩
m	∩	/	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩
n	∩	/	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩
o	∩	/	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩
p	∩	/	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩
q	∩	/	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩
r	∩	/	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩
s	∩	/	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩
t	∩	/	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩
u	∩	/	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩
v	∩	/	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩
w	∩	/	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩
x	∩	/	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩
y	∩	/	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩
z	∩	/	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩

	25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36	37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	47	48
	1760	1760	1762	1763	1764	1767	1768	1775	1775	1779	1779	1786	1782	1785	1786	1787	1789	1795	1801	1802	1832	1836	1869	1887
a	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩
b	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩
c	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩
d	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩
e	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩
f	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩
g	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩
h	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩
i	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩
j	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩
k	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩
l	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩
m	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩
n	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩
o	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩
p	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩
q	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩
r	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩
s	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩
t	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩
u	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩
v	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩
w	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩
x	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩
y	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩
z	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩	∩

- |                            |                          |                             |                                      |                              |
|----------------------------|--------------------------|-----------------------------|--------------------------------------|------------------------------|
| 1 John Willis, 1602        | 11 Job Everardt, 1658    | 21 Philip Gibbs, 1736       | 31 Holdsworth and Wm. Aldridge, 1768 | 39 Samuel Taylor, 1786       |
| 2 Edmond Willis, 1618      | 12 Noah Bridges, 1659    | 22 Aulay Macaulay, 1747     | 32 R. Graves and S. Ashton, 1775     | 40 William Graham, 1787      |
| 3 Witt, 1630               | 13 William Mason, 1672   | 23 Peter Annet, 1750        | 33 Wm. Williamson, 1775              | 41 William Mavor, 1789       |
| 4 Henry Dix, 1633          | 14 William Mason, 1682   | 24 Thomas Gurney, 1753      | 34 Thomas Hervey, 1779               | 42 Thomas Roes, 1795         |
| 5 Mawd, 1635               | 15 William Mason, 1707   | 25 Henry Taplin, 1760       | 35 W.J. Blanchard, 1779              | 43 John Crome, 1801          |
| 6 Thomas Shelton, 1641     | 16 Elisha Coles, 1674    | 26 Thomas Stackhouse, 1760  | 36 W. J. Blanchard, 1786             | 44 Richard Roe, 1802         |
| 7 Thomas Shelton, 1650     | 17 William Hopkins, 1674 | 27 David Lyle, 1762         | 37 John Mitchell, 1782               | 45 Archibden, 1632           |
| 8 Theophilus Metcalf, 1645 | 18 Lawrence Steel, 1678  | 28 Alphabet of Reason, 1736 | 38 Michael Nash, 1783                | 46 Ralph Fogg (Salem), 1636  |
| 9 Jeremiah Rich, 1669      | 19 Abraham Nichols, 1692 | 29 Mark Antony Meilan, 1764 |                                      | 47 (Printed at Boston), 1809 |
| 10 John Farthing, 1654     | 20 Francis Tanner, 1712  | 30 John Byrom, 1767         |                                      | 48 Thomas Towndrow, 1837     |

Depois de Isaac Pitman surgiu Robert Gregg, o qual criou em 1880, o seu próprio sistema fonético denominado de Light-Line Phonography. Com o tempo, este sistema acabou por substituir o método de Pitman nos Estados Unidos (Parkinson, 2016).

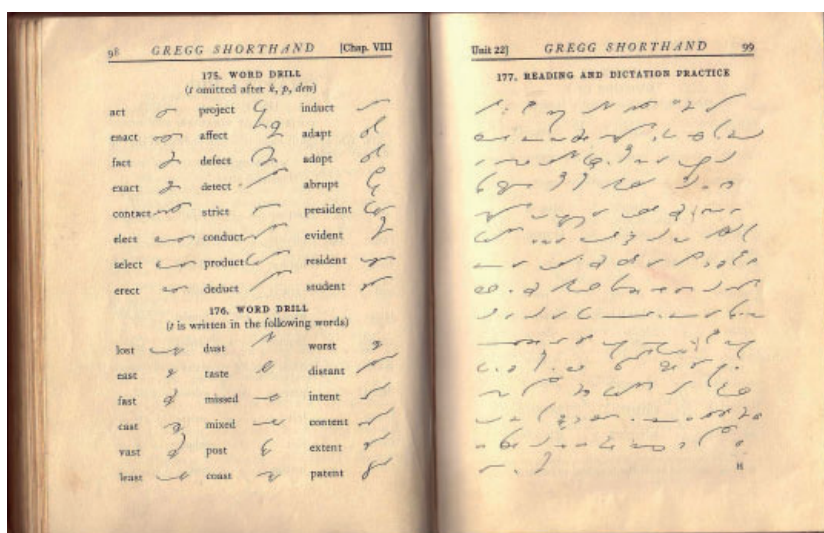


Fig.11 | Exemplo da estenografia Gregg (Quest: Gregg Shorthand | Gregarious Adventures, 2012)

Em França, Théodore Bertin (em 1792) e, posteriormente, a Hippolyte Prévost (no princípio do século XIX) adaptaram o sistema Taylor à sua própria língua. Mais tarde, em 1868, Duployé transformou estes sistemas num sistema de escrita fonética simples e de fácil compreensão (Ramos, 1950, p.13). Depois deste, foram vários os autores que propuseram novos sistemas de estenografia; no entanto, os que tiveram mais adesão foram os de Duployé e Prévost.

Foram vários os sistemas estenográficos que se praticaram em França a ponto de, no próprio parlamento, serem adotados quatro métodos distintos de escrita — Duployé, Aimé-Paris, Prévost e Prévost-Delaunay (Ramos, 1950, p.14).

Na Alemanha também se adaptou o sistema Taylor para a língua alemã, sendo Mosengeil<sup>7</sup> o responsável pela criação de um alfabeto racional de bastante flexão. Em 1834, Gabelsberger criou um sistema constituído por 63 figuras formadas por linhas de diferentes tamanhos, espessuras, direções e formas, atribuindo-lhes valores fonéticos que correspondiam não só às letras do alfabeto alemão, como também a algumas sílabas comumente utilizadas.

Este sistema foi denominado gráfico ou cursivo, pois os seus signos eram semelhantes tanto na forma como no tamanho em relação às letras do alfabeto comum, sendo o sistema oficialmente adotado na Alemanha.

Em 1841, Stoltze<sup>8</sup> apresentou um novo método, atualmente conhecido como Stoltze-Shrey, que se baseava nesse sistema, porém, mais simplificado (Ramos, 1950, p.14).

Na Itália era utilizado o método Bertin como principal sistema de escrita abreviada no final do século XVII. Porém, o autor Emilio Amanti, terá tido preferência pelo sistema Taylor, adaptando-o mais tarde para a língua italiana (Ramos, 1950, p.16).

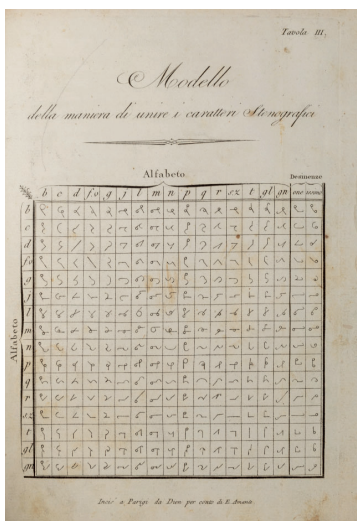


Fig.12 | Página do manual «Sistema Universale e completo di stenografia o sia maniera di scrivere in compendio applicabile a tutti al' idiomi» de Emilio Amanti, onde mostra combinações do alfabeto com os seus respectivos símbolos estenográficos (STENOGRAFIA - AMANTI, EMILIO, s.d.).

7 Carl Friedrich August Mosengeil foi um estenógrafo alemão, reconhecido como um dos pioneiros da estenografia na Alemanha (Internet Archive, 2021).

8 Heinrich August Wilhelm Stolze foi um estenógrafo alemão. Juntamente com Franz Xaver Gabelsberger, é considerado um dos fundadores da Estenografia Unificada Alemã. O seu trabalho teve um impacto ainda maior no sistema unificado Stolze-Schrey, adotado pelos estenógrafos da Suíça germanófono como o sistema padrão (Geschichte der kurzschrift, 2009).



Fig.13 | Círculo geométrico de base do sistema Martiniano (Santos, p.44, 1945).

Já na América do Sul, onde é falado o espanhol, pratica-se o sistema Martí. Este deve-se a Francisco de Paula Martí, adaptado do de Taylor à língua espanhola. O autor apresentou em 1802 o primeiro tratado de Estenografia, no qual foi corrigido em 1808 (Ramos, 1950, p.14). Formou o alfabeto, onde os signos eram criados com base nas diferentes secções de um círculo cortado por quatro diâmetros perpendiculares entre si, como exemplificado na Fig.13 (Ramos, 1950, p.14). As figuras acabam por ser constituídas por retas e curvas em variadas posições. As vogais e as consoantes distinguem-se pelo seu tamanho, com diversos sinais para terminações, reservando-se as figuras de traços mais rápidos aos sons mais frequentemente utilizados (Ramos, 1950, p.15).

No Brasil, o mesmo método é adotado. Nas línguas orientais são preferidos os métodos ingleses uma vez que as suas adaptações mostram ser relativamente fáceis (Ramos, 1950, p.16).

Tendo isto em conta, consideramos pertinente resumir a história da estenografia em 3 períodos. Para isso baseamo-nos na tabela de épocas proposta por Francisco Póvoas:

**1º Período** – Taquigrafia Clássica: Surgimentos das notas tironianas, passando dos tempos gregos aos romanos do séc.X;

**2º Período** – Renascimento: Começa em Inglaterra com Timothy Bright e Samuel Taylor até 1876. Estes sistemas vão se generalizando para os outros países da Europa;

**3º Período** – O do aperfeiçoamento: caracterizado pelo aparecimento de revistas da especialidade. A sua maioria pertencente ao sistema Taylor e Gabelsberger (Ramos, 1950, p.16; Póvoas, 1946, p.41).

Consideramos igualmente pertinente referir os diferentes tipos de sistemas estenográficos. Um deles é o sistema geométrico ou simbólico, que usa sinais breves retirados da geometria para representar um som específico. Outro tipo é o sistema cursivo, também conhecido como itálico ou gráfico, que é considerado uma evolução dos sistemas geométricos e usa sinais estenográficos fluídos, inclinados para a direita, semelhantes às letras itálicas. O alemão Gabelsberger é reconhecido como o inventor mais célebre desse sistema.

Existem também sistemas mistos que combinam princípios geométricos e cursivos, como o sistema Gregg e o Meschini, bem como sistemas alfabéticos, que usam letras do alfabeto para representar os sons. Alguns exemplos são o SoundScript, o Speedwriting, o Stenocript, o Forkner e o AlphaHand.

Além destes, há sistemas silábicos que utilizam abreviações por sílabas ou sílaba por sílaba e sistemas mecânicos, como a estenotipia ou taquigrafia mecânica, que usa uma pequena máquina com teclado para digitar os sinais taquigráficos.

Atualmente, é possível encontrar máquinas de estenotipia acopladas a computadores, onde os sinais aparecem na tela à medida que são escritos (Métodos Ou Sistemas De Taquigrafia, s.d., p.1-2).

## A Estenografia Portuguesa



Fig.14 | Taquígrafia Portuguesa de Angelo Ramon Martí (Moutinho, 2023).

Em Portugal, o primeiro trabalho apresentado sobre esta escrita é da autoria do espanhol Pinto Rodrigues, publicado em 1802, com o nome de «Sistema Universal e Completo de Taquígrafia» (Ramos, 1950, p.15).

Por não ter obtido sucesso, o governo decidiu contratar, em 1820, Ângelo Ramon Martí para dirigir um curso de Estenografia no nosso país. É ele que acaba por tomar o leme da Estenografia Portuguesa, ao ser contratado para a atividade profissional nas Cortes Gerais e Extraordinárias da Nação e para Mestre da aula do Correio Geral, à Calçada do Combro (Póvoas, 1946, p.45). Tendo sido desta forma que o método geométrico terá sido introduzido em Portugal. É assim que, em 1821, foi publicamente praticado no Soberano Congresso, em português, o sistema de escrita abreviada.

Com isto, temos que em 1822 surge o primeiro livro de estenografia adaptado à nossa língua, da autoria de Martí, a partir do método do seu pai, Francisco de Paula Martí, que por essa razão é denominado de sistema martiniano, o único sistema adoptado em Portugal.

A primeira vez que encontramos a estenografia aplicada fora dos usos parlamentares, é com Joaquim Machado, colega de trabalho de Martí nas Cortes Constituintes de 1820. O autor cria um novo método, adaptado do sistema Taylor para a língua portuguesa, sendo posteriormente traduzido por Pedro Bertin à língua francesa (Póvoas, 1946, p.21). Porém, em virtude de ter introduzido certas modificações ao método, num opúsculo que publicou não aprovado por Martí, terá gerado uma polémica (Ramos, 1950, p.15).

Mais tarde, em 1874, o sistema martiniano terá sofrido algumas alterações por parte de António Maria de Almeida e posteriormente por Pery de Linde, em 1906, no qual introduziu os sons de começos e terminações no meio do estenograma.

Para além do sistema Martí, outros métodos foram desenvolvidos e publicados, designadamente «Taquiografia ou Estenografia (Sem mestre)», de Manuel Joaquim da Costa (1944) (Ramos, 1950, p.15), «Esteno» de Paulo de Cantos e vários artigos publicados em jornais e livros da especialidade, pelo professor Sanches Ferreira (Ramos, 1950, p.16).

Fraga Pery de Linde é quem espoleta, tanto em Portugal como no Brasil, a curiosidade sobre esta matéria, gerando assim uma nova preocupação: a questão da economia de tempo. Foi a partir daí que as grandes empresas e companhias se aperceberam das vantagens que a estenografia poderia trazer quando aplicadas num contexto secretarial (Póvoas, 1946, p.46).

Na prática, a estenografia em Portugal, era aplicada na vida parlamentar, nomeadamente nas assembleias (Póvoas, 1946, p.23). Teve um crescimento nos anos 50 e 60, devido à Guerra Colonial, que espoletou a procura de profissionais para o setor de secretariado de estado (Gomes, 2016, p.314).

De uma maneira geral, a estenografia acaba por acelerar os serviços de correspondência nos meios comerciais e burocráticos, no registo de debates e depoimentos nos tribunais, na concepção das notas tanto dos jornalistas como nos estudantes do ensino superior (Póvoas, 1946, p.23)

Na opinião de Francisco Póvoas, as publicações que surgiram após 1904, falham «nos processos de ordem didática e metodologia», por não se focarem na lógica do funcionamento de um único sistema, mas sim na criação de novos métodos, heterogéneos entre si. Defende que, em geral, «a conscienciosa análise da atividade taquigráfica de 1822 a 1915, dá-nos a taquígrafos fazendo taquigrafia e não a taquigrafia fazendo taquígrafos» (Póvoas, 1946, p.46).

O autor expressa que, daí adiante, surgiram variantes de Martí sem sustento num trabalho de investigação extenso bem como professores que introduziram as suas próprias modificações, movidos por uma «ânsia de inventar» (Póvoas, 1946, p.46-47).

O uso da estenografia em Portugal entrou em declínio entre os anos 80 e 90, com a introdução de novas tecnologias, tais como: os computadores pessoais, o desenvolvimento de software de processamento de texto e tecnologias de monitorização e processamento de voz. Estes avanços tecnológicos levaram à substituição, em grande parte, das máquinas de escrever (Gomes, 2016, p.309).

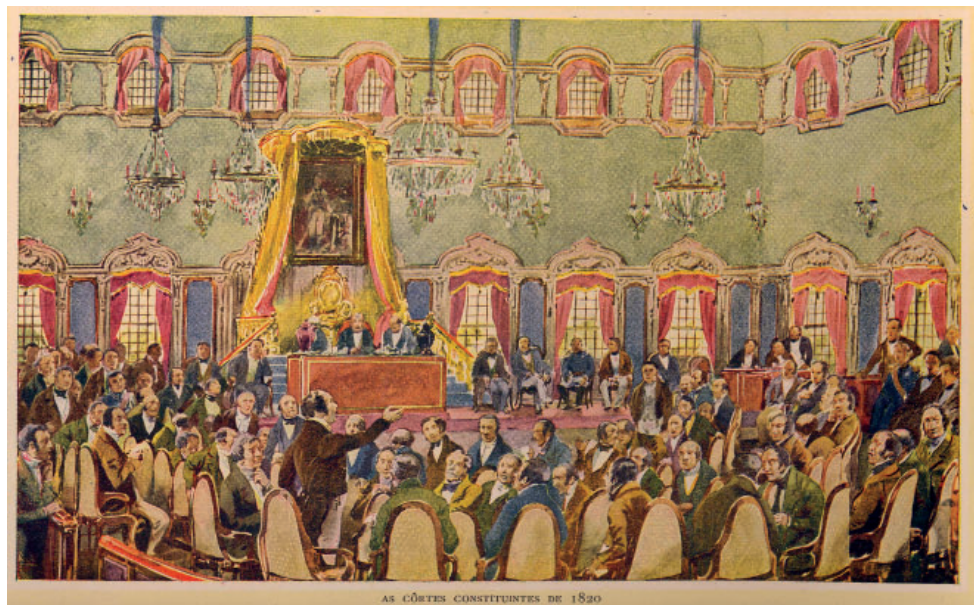


Fig.15 | Cortes Constituintes de 1820 (Arroyo, 2021)



# ANÁLISE DE CASOS

30	Metodologia
32	Tabela de sistemas
34	Tabelas diagramáticas
54	Conclusão
56	Leopoldo de Carvalho
57	Francisco Póvoas
58	Paulo de Cantos
59	José Domingues Ramos

De forma a compreender o universo da estenografia, procedeu-se à recolha de livros/manuais de vários autores portugueses. Esta recolha acabou por levantar questões pertinentes para as entrevistas. Questões que nos permitiram perceber as tecnicidades da estenografia e que nos levaram à identificação do sistema que esteve em vigor em Portugal.

Deste modo, foi feito um levantamento das semelhanças e particularidades de cada sistema, o que resultou numa identificação de um grupo de autores, nomeadamente: Leopoldo de Carvalho, Paulo de Cantos, Francisco Póvoas e José Ramos.

Pretende-se com este capítulo, não só perceber as diferenças de cada um dos seus sistemas, bem como, de um ponto de vista gráfico, a forma de que a informação era demonstrada e organizada.

## Metodologia

Numa primeira fase, foi feita uma pesquisa em arquivos, bibliotecas e alfarrabistas não só na área de residência da mestranda, como também noutros pontos do país.

Optou-se pela recolha de livros e manuais que se encontrassem disponíveis para levantamento e requisição, o que nos deixou com uma amostra de 4 manuais:

- Estenografia Portuguesa, de Leopoldo de Carvalho;
- Tratado de Estenografia, de Francisco Póvoas;
- Esteno, de Paulo de Cantos;
- Estenografia Prática, de José Ramos.

Foi com a recolha destes manuais que se identificaram os quatro autores anteriormente mencionados.

Numa segunda fase, procedeu-se à observação e análise dos sistemas, com o objetivo de compreender de forma geral de cada um. Para isso, foram estudadas e as suas regras e respetivas particularidades. Com o auxílio das entrevistas, foi também possível esclarecer dúvidas que surgiram com o estudo individual.

Para uma melhor compreensão de toda a informação estudada, e de forma a estruturar e comparar estas informações, foram concebidas duas tabelas:

- **Tabela de sistemas**, que tem como objetivo tanto reunir os pontos em comum como apontar as diferenças entre sistemas;
- **Tabelas diagramáticas**, que visam comparar graficamente o modo como a informação era organizada e demonstrada.

A tabela de sistemas, foi dividida por temas comuns ou por pontos considerados essenciais na estrutura dos sistemas. A título de exemplo, identificaram-se alguns tópicos como «alfabeto», «vogais/consoantes», «pontuação» e «datas» como algumas das áreas abordadas na tabela.

No caso das tabelas diagramáticas, foram identificados os diagramas base de cada sistema, tabelas de signos estenográficos e frases de exemplo.

Apresentamos de seguida as respetivas tabelas:



## PRONOMES

- Os pronomes pessoais são todos representados por um traço no estenograma. Um ou dois traquinhos indicam um ou dois pronomes ou a existência das referidas palavras (me, te, se, nos, vos // l, h, e, s, o, a, os, as); São colocados no sítio mais conveniente
- Sempre que um som abrange um pronome, escreve-se o som e não o verbo no infinitivo cortado pelo pronome. Despreza-se certas regras que possam obstar a velocidade, compreensão e fácil tradução dos estenogramas.
- Não parece existir uma lógica por detrás da inclinação dos traços, como acontece no livro da estenografia prática
- Os pronomes pessoais são todos representados por um traço no estenograma e podem ser qualquer pronome pessoal. Um ou dois traquinhos indicam um ou dois pronomes ou a existência deles.  
Não há indicação de que a inclinação dos traços signifique alguma coisa... nem há explicação propriamente dita de como a pessoa é suposto adivinhar que pronome está representado.
- Apenas se deve empregar o "você" através da abreviatura "v"
- As formas pronominais são representadas por pequenos traços cortando o signo mais conveniente do estenograma da palavra a que estão ligados. Este pequeno traço deve ter a inclinação do signo inicial do pronome respetivo  
Os pronomes demonstrativos "o, a, os, as" quando ligados a um verbo estenografam-se com um traço vertical  
Os pronomes demonstrativos "lo, la, los, las" são escritos do mesmo modo. A diferença é que o verbo tem de estar no Infinitivo.

## NOMES

- Nomes próprios e comuns devem ser escritos com abreviaturas caligráficas e são estenografados

- Não se estenografam, apenas se abreviam ao ponto em que não ponham em risco a tradução. Acontece o mesmo com os estrangeirismos.
- Os nomes próprios ou estrangeirismos podem ser estenografados ou escritos de modo vulgar por extenso ou abreviado. Quando são estenografados deve sublinhar-se o estenograma.

## VERBOS

- Só existe 3 formas verbais - infinitivo, futuro e passado. (Eu ser, V, ser ele ser. Eu a ser. V a ser etc)

## ADVÉRBIOS

- A terminação "mente" limita-se a ser alongada a um "m".
- Advérbios de afirmação limitam-se ao "ç"
- Advérbios de dúvida -> "ch"
- Advérbios de negação "h"

## PROPOSIÇÕES

- Suprimem-se quase todos (por -> p; com -> c)

## CONJUNÇÕES

- Reduzem-se as adversativas ao mas -> ms
- Conclusivas -> donde, dnd
- Causais -> porque, pq

## INTERJEIÇÕES

- Desaparecem

## ADJETIVOS

- Os adjetivos são invariáveis em género, firmando-se a forma masculina. Quanto ao número, singular.

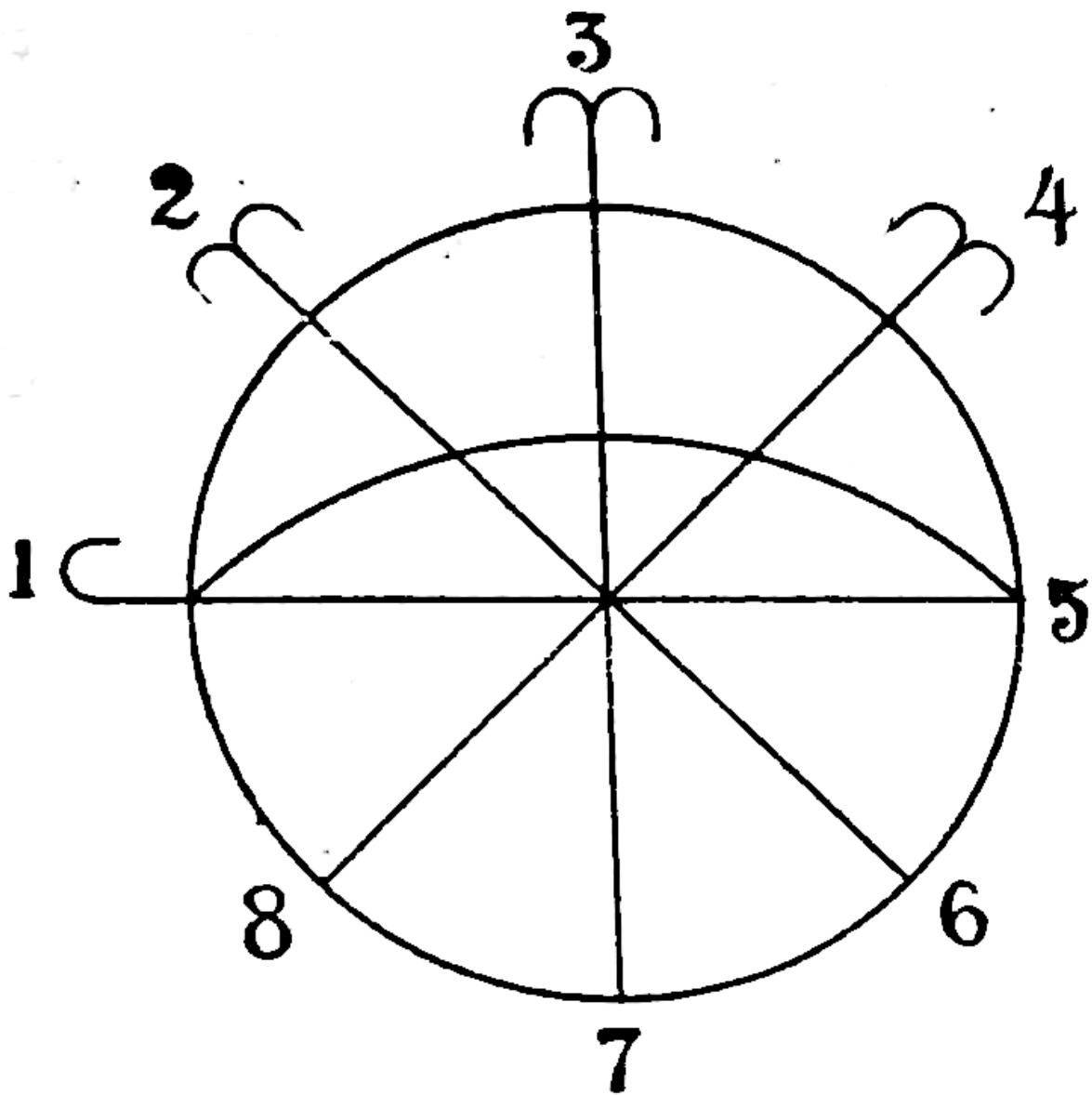
## ARTIGOS

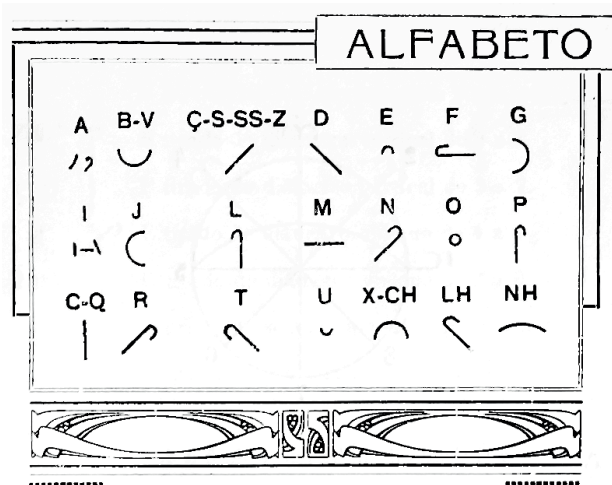
- Todos os sons representam o masculino, feminino, singular e plural











- Os adjetivos são invariáveis em género, firmando-se a forma masculina. Quanto ao número, singular.

- O final do estenograma dispensa o emprego de qualquer signo para nos indicar o género, número, formas verbais ou semelhantes. O artigo infica-nos a flexão.










# LEOPOLDO DE CARVALHO







































- A  É tirado da linha curva de 5 a 6.
- B-V  É formado pelo semicírculo inferior de 1 a 5.
- Ç-S-SS-Z  É tirado do diâmetro oblíquo de 4 a 8.
- D  É tirado do diâmetro oblíquo de 2 a 4.
- E  É tirado do semicírculo superior de 1 a 5.
- F  É tirado do diâmetro horizontal de 1 a 5.
- G  É tirado do semicírculo direito de 3 a 7.
- I  Traça-se de três modos. É tirado do diâmetro vertical de 3 a 7, do diâmetro horizontal de 1 a 5, e do diâmetro oblíquo de 2 a 6.
- J  É tirado do semicírculo esquerdo de 3 a 7.
- L  É tirado do diâmetro vertical de 3 a 7.

**ABREVIATURAS**

administrar . . . . .		capital, capítulo . . . . .	
agora . . . . .		carácter . . . . .	
alfândega . . . . .		centralizar . . . . .	
algum, alguma, } . . . . .		circular . . . . .	
alguns, algumas, } . . . . .		círculo . . . . .	
amortizar . . . . .		classificar . . . . .	
antigo . . . . .		como, corpo. . . . .	
antigamente. . . . .		constituir. . . . .	
apresentar . . . . .		daquele, daquela, } . . . . .	
aquele, aquela, } . . . . .		daqueles, daquelas, } . . . . .	
aqueles, aquelas, } . . . . .		daquilo . . . . .	
aquilo . . . . .		declarar . . . . .	
argumentar . . . . .		diâmetro . . . . .	
associar . . . . .		dificultar . . . . .	
autorizar . . . . .		documento . . . . .	
cálculo . . . . .		duplicar . . . . .	

**Representação fonética:**

asto, esto, isto, osto, usto.  
 aste, este, iste, oste, uste.  
 ast, est, ist, ost, ust.  
 astro, estro, istro, ostro, ustro.  
 astre, estre, istre, ostre, ustre.  
 astr, estr, istr, ostr, ustr.  
 anstro, enstro, instro, onstro, unstro.  
 anstre, enstre, instr, onstre, unstre.  
 anstr, enstr, instr, onstr, unstr.  
 êste, esta, êstes, estas, estou, está.  
 (E mais sons semelhantes).  
 Exemplos:

haste	astro	êste	esta	êstes	estas	está	estou
							
basta	busto	cesto	casta	castor	pasta	pista	posta
							
madrasta	nefasto	vasto	lesto	costura	costureira		
							
rostro	rastro	rasteiro	feita	deposto	gôsto	estalagem	
							
estenógrafo	estenográfico	histórico	historiógrafo	estampa			
							

o mel para a boca do asno. - A palavra é prata; o  


silêncio é ouro. - Antes que cases, vê o que fazes.  


- Quem meu filho beija, minha boca adoça. - Fala  


pouco e bem, ter-te-hão por alguém. - As paredes teem  


ouvidos. - A verdade e o azeite veem sempre acima  









de água. - Ao perigo com tento e ao remédio com  


tempo. - A' tua mesa e à alheia não te assentes com  

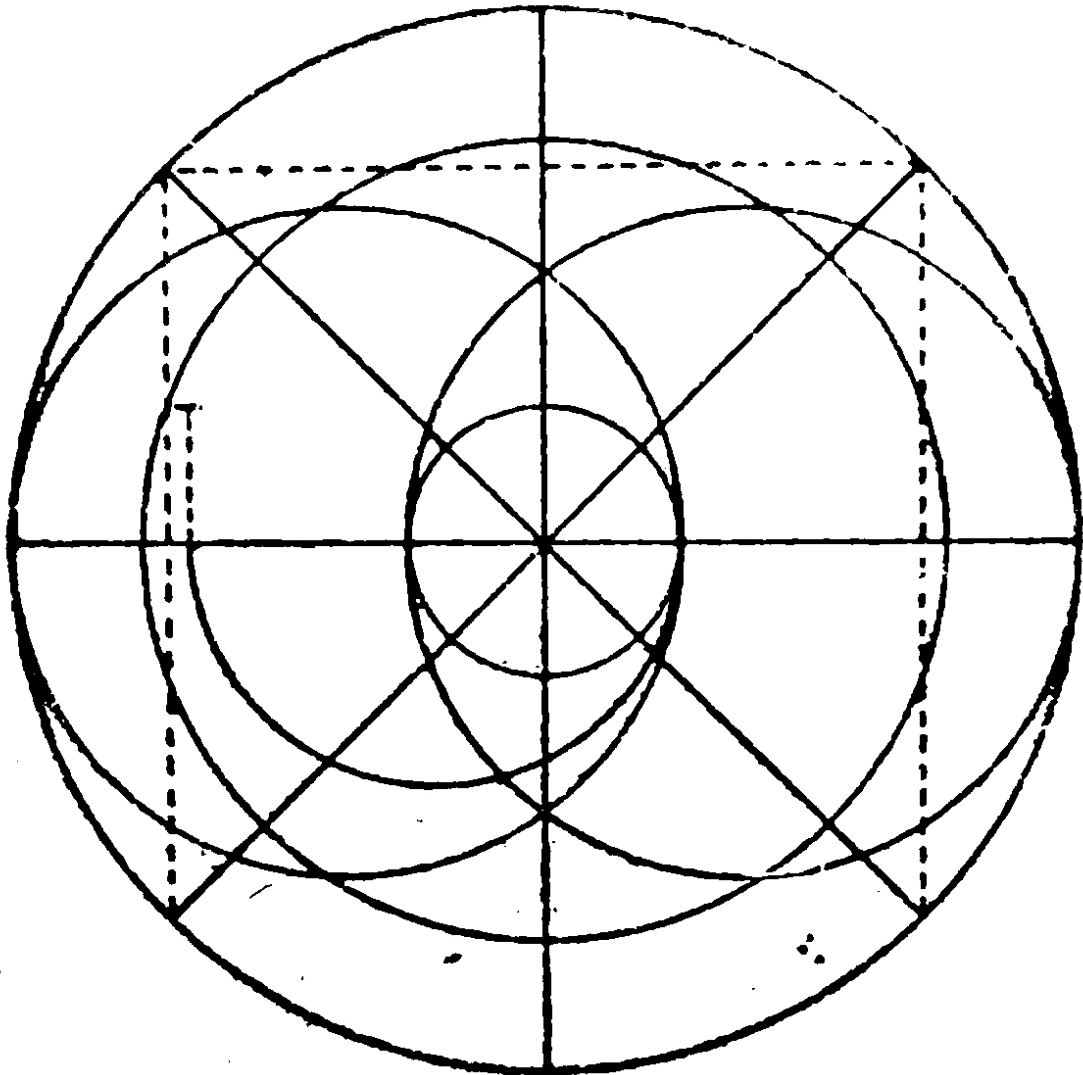

a bexiga cheia - Não bebas cousa que não vejas, nem  


assines carta que não leias.  


**Valores fonéticos das consoantes :**

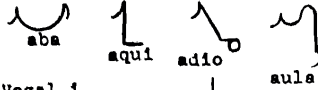
- B-V  be, bé, bê, bi, ve, vé, vê vi.
- Ç-S-SS-Z  se, sé, sê, si, ce, cé, cí, ze, zé, zê, zi, es, és, ês, is.
- D  de, dé, dê, di, ed, id.
- F  fe, fé, fê, fi, ef, if.
- G  gue, gué, guê, gui.
- J  ge, gé, gê, gi, je, jé, ji.
- L  le, lé, lê, li, el, il, êle.

# FRANCISCO PÓVOAS



**Casos especiais**

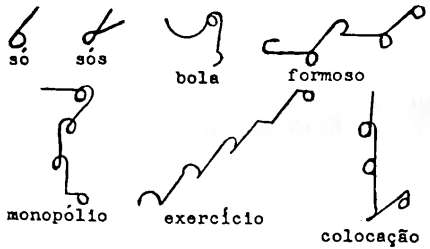
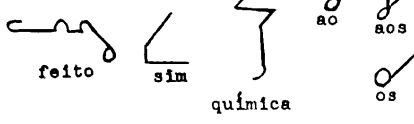
**Vogal a:**



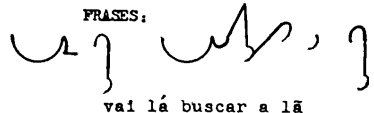
**Vogal o**

o  
s, ss  
ç, z  
r, rr

**Vogal i**



**FRASES:**



**Signos mistos:**  
f, l, n, t, r, p.



*Filantropia*


Base: el. de comp. *alb...* e *atv...* (por ordenação alfabética *b-v*).

II — Alco, elco, ilco, olco, ulco: ligação de *al-alo* com *c, ç*.


Base: el. de comp. *alc(q)...*

III — Alfo, elfo, ilfo, olfo, ulfo  (sentido de *afo*)

Base: el. de comp. *alf...*

IV — Algo, elgo, ilgo, olgo, ulgo  (sentido de *ago* e *ajo*)  
Aljo, eljo, iljo, oljo, uljo


Base: pron. neutro, abs *algo* e el. de comp. *alj...*

V — Almo, elmo, ilmo, olmo, ulmo  (sentido de *amo*)

Base: el. de comp. *alm...*

VI — Alpo, elpo, ilpo, olpo, ulpo  (sentido de *apo*)

Base: el. de comp. *alp...*

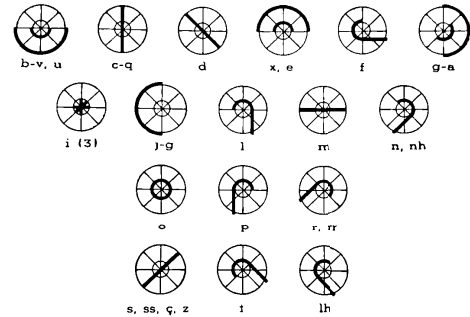
VII — Alro, elro, ilro, olro, ulro  (sentido de *aro*)

Base: el. de comp. *alr...*

**Signos alfabéticos e de articulados**

Sua representação gráfica no sentido da sua formação, posição e proporção, ampliados uma vez

(Rel. 1 — 3)



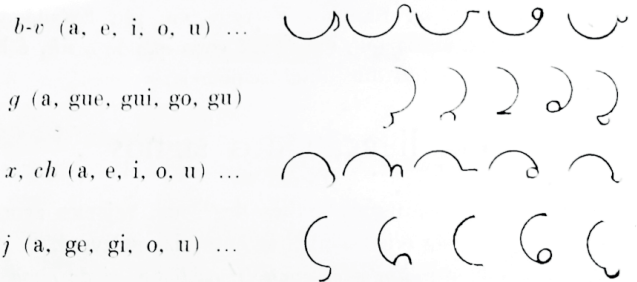
Temos pois:

- b-v, u:** semicircunferência inferior das circunferências exterior e interior
- c, q, k:** diâmetro vertical da circunferência exterior
- d:** diâmetro oblíquo esquerda-direita da circunferência exterior
- x, e:** semicircunferências superiores das circunferências exterior e interior

**Formação de sílabas**

(*Signos ampliados uma vez*)

**CURVOS**



I — ACO - ICO - ACRO - ARCO - ESCO - ISCO (e)

*Aco, eco, ico, oco, uco*  
*acro, eero, icero, oero, uero*  
*aico, eico, oico, euco, ouco*  
*anco, enco, inco, onco, unco*  
*arco, erco, irco, orco, urco*  
*ireu, ireum, ireuns*  
*asco, esco, isco, osco, usco*



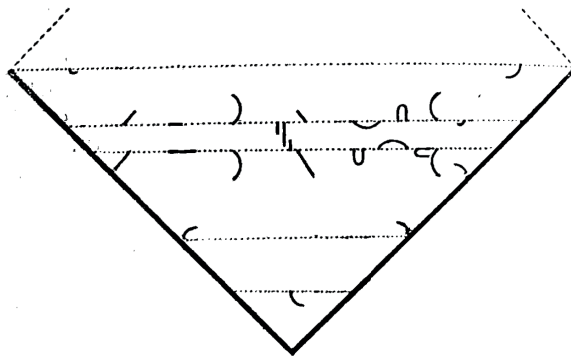
Base: sufixos *ico, esco, isco* e prefixos *acro* e *arqu...* (arch).  
Sons análogos: singular e plural, feminino e masculino.  
Isoladamente: *eco, êco, acre, anca, arco, asco, isca, aqui.*



a	á	ã	l	ll	lll	π	π	π
ê	ê	ê	j	j	j	ρ	ρ	ρ
ç	ç	ç	λ	λ	λ	σ	σ	σ
ð	ð	ð	m	m	m	τ	τ	τ
æ	æ	æ	n	n	n	υ	υ	υ
f	f	f	ð	ð	ð	x	x	x
g	g	g	æ	æ	æ	z	z	z
h	h	h	ç	ç	ç			

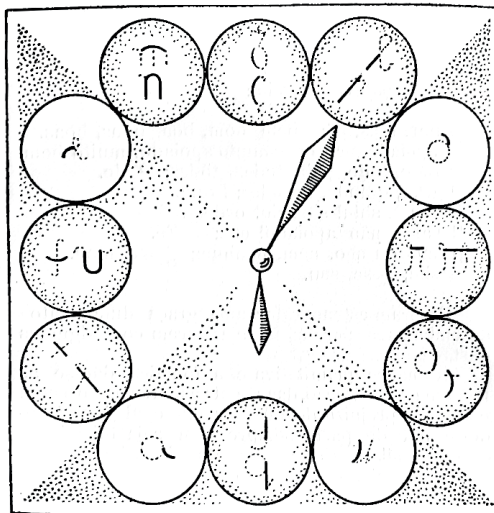
	a	o	i	o	u
b	^	/	^	>	^
c	(	(	(	(	(
d	)	)	)	)	)
f	~	~	~	~	~
g	⋈	⋈	⋈	⋈	⋈
h	λ	λ	λ	λ	λ
j	ε	ε	ε	ε	ε
l	λ	λ	λ	λ	λ
m	~	~	~	~	~
n	λ	λ	λ	λ	λ
p	<	<	<	<	<
q	⊥	⊥	⊥	⊥	⊥
r	^	^	^	^	^
s	ε	ε	ε	ε	ε
t	)	)	)	)	)
v	u	u	u	u	u
x	λ	λ	λ	λ	λ
z	(	(	(	(	(

lua comprida voltada para a direita, como a abertura dum parêntesis, escrita de cima para baixo.



Quadro II — A Grande Parada reduzida já a um quarto de simples traços.

Parte N.º 5) para o substituírmos por um instrumento mais preciso, de relojoaria...



Quadro III — Relógio Estenográfico (!)

**CONSOANTES**  
 Na 1 h. pra cima b, pa baixo p.  
 » 3 atrás r, à frente rr.  
 » 4 » d, » t.  
 » 8 pra cima g, pra baixo q.  
 » 8 » x, » l.  
 » 9 atrás f à frente v.  
 » 11 em cima m, em baixo n.

**VOGAIS**  
 Nas 2 h. pra cima o.  
 » 5 » baixo u.  
 » 7 » frente a.  
 » 10 » e.

Casamentos de consoantes entre si

b c d f g h j l m n p q r s t d x z

b	c	d	f	g	h	j	l	m	n	p	q	r	s	t	d	x	z		
b	c	d	f	g	h	j	l	m	n	p	q	r	s	t	d	x	z		
c	b	c	d	f	g	h	j	l	m	n	p	q	r	s	t	d	x	z	
d	c	b	d	f	g	h	j	l	m	n	p	q	r	s	t	d	x	z	
f	c	d	b	f	g	h	j	l	m	n	p	q	r	s	t	d	x	z	
g	c	d	f	b	g	h	j	l	m	n	p	q	r	s	t	d	x	z	
h	c	d	f	g	b	h	j	l	m	n	p	q	r	s	t	d	x	z	
j	c	d	f	g	h	b	j	l	m	n	p	q	r	s	t	d	x	z	
l	c	d	f	g	h	j	b	l	m	n	p	q	r	s	t	d	x	z	
m	c	d	f	g	h	j	l	b	m	n	p	q	r	s	t	d	x	z	
n	c	d	f	g	h	j	l	m	b	n	p	q	r	s	t	d	x	z	
p	c	d	f	g	h	j	l	m	n	b	p	q	r	s	t	d	x	z	
q	c	d	f	g	h	j	l	m	n	p	b	q	r	s	t	d	x	z	
r	c	d	f	g	h	j	l	m	n	p	q	b	r	s	t	d	x	z	
s	c	d	f	g	h	j	l	m	n	p	q	r	b	s	t	d	x	z	
t	c	d	f	g	h	j	l	m	n	p	q	r	s	b	t	d	x	z	
v	c	d	f	g	h	j	l	m	n	p	q	r	s	t	b	v	d	x	z
x	c	d	f	g	h	j	l	m	n	p	q	r	s	t	d	x	b	v	z
z	c	d	f	g	h	j	l	m	n	p	q	r	s	t	d	x	v	z	b

# JOSÉ RAMOS

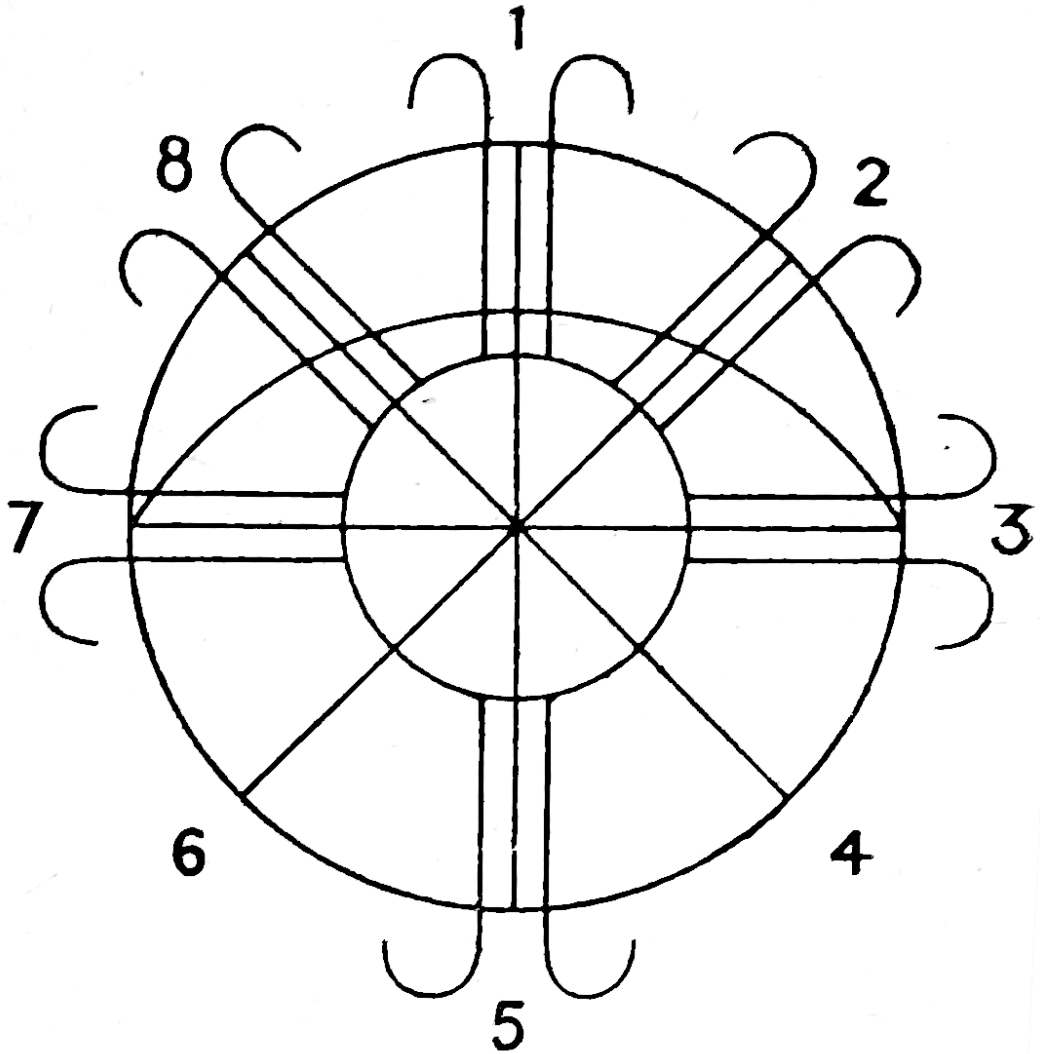


Fig. n.º 1



## Alfabeto

Sendo a maioria dos sistemas analisados baseados no método de Martí, estes partilham a mesma base. O que significa que para além de serem sistemas fonéticos também são geométricos. Isto é, os sinais estenográficos alfabéticos baseiam-se na geometria e são retirados da circunferência representada na Fig.16 (como partes de círculo, traços retos, verticais, horizontais, oblíquos, etc). Estes sinais estenográficos representam cada um, um determinado som (Castro, s.d.).

Também é consensual entre sistemas, os signos alfabéticos «n» e «nh» terem signos próprios em vez de serem representados juntos como acontece com o sistema de Póvoas. Já com Leopoldo de Carvalho, o signo «NH», apesar de estar representado no alfabeto estenográfico na prática, é dispensado, pois existem sons que o facilmente o contêm.

De todos os sistemas estudados o mais peculiar, no que toca a vários dos pontos analisados na tabela de autores, é o de Paulo de Cantos.

O alfabeto, no sistema Cantiano<sup>9</sup>, baseia-se na terminação característica de cada letra em vez do círculo geométrico de Martí (Fig.18). Embora não assente nessa base, pode ainda assim ser considerado geométrico, pois preserva a sua lógica fundamental (Ramos, 1950, p.16). Cada signo alfabético, continua a corresponder a um determinado som, o que o torna fonético, à semelhança dos restantes sistemas. Terá sido considerado o mais radical e sintético da época, no entanto, devido ao pouco alcance das suas publicações, o seu método não chegou a ser tão difundido e, conseqüentemente, reconhecido (Gomes, 2016, p.308-309).

---

<sup>9</sup> Paulo de Cantos desenvolveu também o sistema PAK (Peninsular, Abreviado, Kosmopolita), uma grafia universal que criou ao unir o seu método Esteno com os princípios de simplificação do BASIC English, adaptando-os ao português e ao castelhano (Gomes, 2016, p.314)

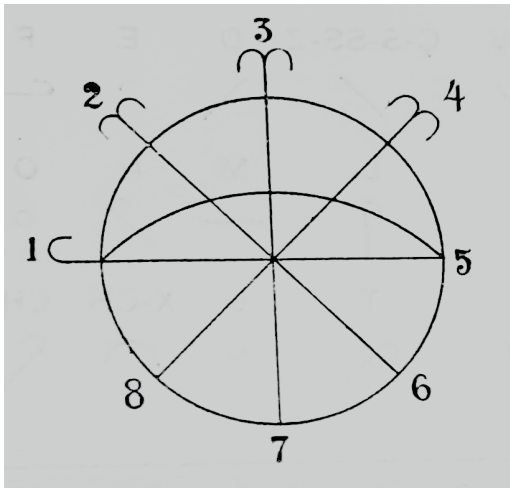


Fig.16 | Círculo de onde são retirados os sinais estenográficos alfabéticos do sistema de Leopoldo (baseado no de Martí).

<b>A</b>	↗	É tirado da linha curva de 5 a 6.
<b>B.V</b>	⌒	É formado pelo semicírculo inferior de 1 a 5.
<b>S-SS-Z</b>	↘	É tirado do diâmetro oblíquo de 4 a 8.
<b>D</b>	↙	É tirado do diâmetro oblíquo de 2 a 6.
<b>E</b>	∧	É tirado do semicírculo superior de 1 a 5.
<b>F</b>	⌒	É tirado do diâmetro horizontal de 1 a 5.
<b>G</b>	)	É tirado do semicírculo direito de 3 a 7.
<b>I</b>	↔	Traça-se de três modos. É tirado do diâmetro vertical de 3 a 7, do diâmetro horizontal de 1 a 5, do diâmetro oblíquo de 2 a 6.
<b>J</b>	(	É tirado do semicírculo esquerdo de 3 a 7.
<b>L</b>	∩	É tirado do diâmetro vertical de 3 a 7.

Fig.17 | Signos alfabéticos retirados do círculo geométrico do método de Leopoldo com os seus respectivos sons.

a	á	ã	i	í	í	π	π	-
ê	ê	ê	j	j	-	ϑ	ϑ	-
ç	ç	ç	λ	λ	λ	ς	ς	ç
ð	ð	)	μ	μ	μ	τ	τ	)
ê	ê	ê	η	η	η	υ	υ	υ
f	f	⌒	θ	θ	λ	υ	υ	υ
g	g	⊥	ρ	ρ	ρ	x	x	λ
h	h	⌒	σ	σ	π	z	z	(

lua comprida voltada para a direita, como a abertura dum parêntesis, escrita de cima para baixo.

Fig.18 | Signos Alfabéticos Cantianos retirados da terminação das próprias palavras.

## Vogais e Consoantes

Em estenografia, as vogais e as consoantes têm relações diferentes. Enquanto que as vogais são, sempre que possível, omitidas, as consoantes podem ter vários valores fonéticos. Isto acontece, porque as letras com som semelhante (e.g. as letras «b» e «v») são representadas por um único signo alfabético. Como consequência estes signos, dependendo do contexto, podem possuir significados diferentes (e.g. o signo estenográfico do b/v pode significar: be, bé, bê, bi, ve, vé, vê, vi, como exemplificado na Fig.19).

Na escrita estenográfica, também é possível distinguir consoantes de vogais pelo seu tamanho. Quando a palavra necessita da vogal para o entendimento da mensagem, estas são geralmente representadas aproximadamente por cerca de um terço do tamanho das consoantes (Carvalho, 1927, p.3).

Estas noções são semelhantes a praticamente todos os sistemas, existindo apenas algumas pequenas particularidades, tais como:

— Na obra de Francisco Póvoas, o signo alfabético «NH» é representado em tamanho menor, à semelhança das vogais.

— Na obra de José Ramos, omitem-se as consoantes «c», «p», e «g» nas palavras «facto», «pacto» e «ignoro» respetivamente. Também se omitem certos ditongos ou substituem-se por uma vogal (p.e. queira -> q/ra) (Ramos, 1950, p.29).

QUADRO N.º 1 — par grupos de figura

Grupo	Consoante	Nome	Valores fonéticos
1-5		c k q	qué, quê, que, qui
8-1	\	d	dé, dê, de, di
2-6	/	c s z	cé, cê, ce, ci, éce, éce, ice sé, sê, se, si, és, és, is zé, zê, ze, zi, éz, éz, iz
7-3	—	m	mé, mé, me, mi éme, éme, ime, em, im
7-5-3	∪	b v	bé, bé, be, bi vé, vé, ve, vi
7-1-3	∩	ch	ché, ché, che, chi xé, xé, xe, xi
1-3-5	)	g	gué, guê, gue, gui
1-7-5	∪	j g	jé, jê, je, ji gé, gê, ge, gi
7-1-3	∩	nh	nhé, nhé, nhe, nhi
8-1-5	∩	l	lé, lê, le, li éle, éle, ile, él, él, il
2-1-5	∩	p	pé, pé, pe, pi

Fig.19 | Quadro de signos alfabéticos de Ramos e suas respetivas variações fonéticas (Ramos, 1950, p.23)

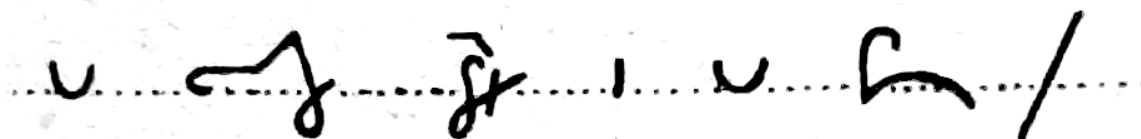
## Pontuação

A maioria dos sistemas prescinde da utilização de pontuação. Para a maior parte, as letras maiúsculas não existem, ou não há diferença entre letras maiúsculas e minúsculas.

No entanto, no caso de Paulo de Cantos, reconhecendo a utilidade de existir a necessidade de apontar perguntas e respostas, é proposto que em vez do ponto de interrogação, se utilize o «sim ou não», reduzida a «sn» (Cantos, 1937, p.42).

No caso de José Ramos, toda a pontuação é omitida, excepto o ponto final, que é representado por um traço oblíquo, traçado de cima para baixo, da direita para a esquerda. Apesar disto, não é uma regra fixa, podendo também ser omitido (Ramos, 1950, p.33).

Fig.20 | Exemplo de uma frase estenografada com o traçado no final a representar o ponto final (Ramos, 1950, p.42)



## Numeração e Datas

É bastante consensual entre sistemas que os números não são estenografados. Porém:

— No sistema de Paulo de Cantos estenografam-se números, sendo estes representados pelos seus sinais iniciais característicos e dominantes;

— No sistema de Ramos, não se estenografam números porém quando são números inteiros superiores a mil é colocado um pequeno traço no topo da unidade de milhar e dois na unidade de milhão.

Em relação às datas, estenografam-se os meses pois são nomes comuns. Apenas Ramos regista-as de uma forma diferente. Neste sistema, os meses devem representar-se pelo número de ordem que lhe pertence, dentro do ano, quando se queira indicar uma data. Se for apenas necessário indicar o mês isoladamente escreve-lo em escrita vulgar ou sublinha-se quando é estenografado. Se o ano for anterior ou posterior ao século atual representa-se o ano com a centena também (Ramos, 1950, p.84).

## Abreviaturas/ Supressões

Uma vez que o uso exclusivo de sinais alfabéticos estenográficos não permitiria alcançar uma velocidade de escrita adequada, foi criado um conjunto de abreviaturas fonéticas para substituir a necessidade de usar constantemente sinais alfabéticos. Leopoldo de Carvalho divide-os em:

- Sons Iniciais (aplicados apenas no início da palavra).
- Sons Indistintos (aplicados em qualquer parte da palavra);
- Sons Terminais (aplicados no final da palavra);

Em comparação com os outros sistemas, apenas possui dois sons iniciais que se correlacionam entre si. A análise demonstra que os restantes métodos incluem muito mais sons categorizados como sendo «iniciais» (Fig.21 e 22).

No método de Leopoldo, suprimem-se geralmente o «e» e o «i» (menos quando formam um ditongo) e não se repetem letras com sons comuns (e.g. ss,çç,ch,etc).

Francisco Póvoas utiliza a mesma lógica: as vogais «e» e «i» omitem-se quase sempre excepto quando: formam um ditongo; pertencem a palavras acentuadas, isoladas ou se estiverem na terminação de uma palavra na segunda pessoa do singular do presente do indicativo do verbo ser, ou quando a abreviatura exija a sua inclusão.

Em relação às abreviaturas fonéticas, este divide-as em:

- Terminais Invariáveis (abreviatutas fonéticas aplicadas no final da palavra);
- Iniciais Invariáveis (abreviaturas fonéticas aplicadas no início da palavra);

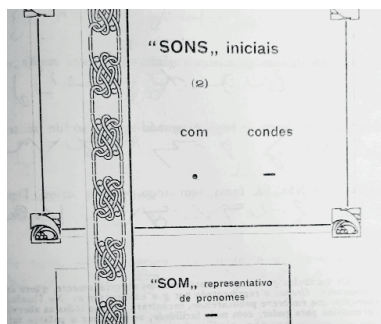


Fig.21 | Sons iniciais de Leopoldo de Carvalho (Carvalho,1927, p.45).

SONS INICIAIS (Quadro n.º 2)	
Caracteres	Valores fonéticos
•	ins
—	em, im, en, in
	com, cum, con, cun, (cra)
\	des, dis, diz, (dra)
∩	encon
∪	indes
∩	desin
∪	descon
∩	condes
∪	cons, conc, const
∩	tar, tra, tras, trans
∪	contra
∩	sub, sob, sobre
∪	circuns
∩	supra, super
∪	par, pra, pla, para
∩	far, fra, fia

Fig.22 | Sons iniciais de Ramos (Ramos,1950,p.36)

— Variáveis (abreviaturas fonéticas aplicadas em qualquer parte da palavra).

Posteriormente, ainda enumera uma lista de abreviaturas de palavras de emprego mais repetido, classificando-as como:

— Regulares, se seguirem a estrutura da palavra;

— Irregulares, se derivam de formas convencionais de signos ou símbolos adotados nos usos internacionais ou comuns (símbolos como +, %, =, etc);

— Mistras, se participam de usos convencionais de formas internacionalizadas e da estrutura das palavras.

Já Paulo de Cantos baseia-se nas nuances e características da língua portuguesa, utilizando foneticamente oito dialetos<sup>10</sup> portugueses para formar determinadas abreviaturas. No dialeto insular (ilhas) do Porto Santo, Madeira e Açores, por exemplo, o som «o» torna-se «u» em palavras como «flur» e «amur»; nos Açores, simplifica-se o «ão» para «ã»; e na Madeira, «inha» transforma-se em «enha» (exemplo: «pontenha» em vez de «pontinha»). Além disso, a palavra «coisa» é pronunciada com um ditongo aproximativo, como «côasa» (Cantos, 1937, p. 56).

Ramos, classifica as abreviaturas fonéticas por signos sintéticos e classifica-os como sons iniciais, finais ou arbitrários, comparando-os a prefixos que se colocam nas palavras. São classificados segunda a posição que ocupam na palavra (Ramos, 1950, p. 35).

---

10 Os oito dialetos provêm das ilhas (Porto Santo, Madeira e Açores), Guiné, Angola, Moçambique, Indo-português (Goa, Damão, Diu, Ceilão, etc), Extremo Oriente (Macau e Malaca), Luso-Norte-Americano (na América do Norte), e o Brasileiro (Cantos, 1937, p. 59).

## Nomes

Os nomes na sua generalidade, são abreviados e estenografados:

No método de Leopoldo, os nomes próprios e comuns devem ser escritos com abreviaturas (iniciais/terminais/in-distintas) e serem estenografados.

No método de Ramos os nomes próprios ou estrangeirismos podem ser estenografados ou escritos de modo vulgar, por extenso ou abreviados. Quando são estenografados deve sublinhar-se o estenograma.

No sistema de Póvoas, os substantivos próprios (nomes, apelidos, continentes, mares, ilhas, países, terras, etc) e locuções substantivas próprias (Rio de Janeiro, Luís de Camões, etc), não se estenografam, mas devem abreviar-se até ao ponto em que não ponham em risco a tradução.

Quando há formas de género a tradução deve considerar a palavra que antecede o nome. Porém, não é uma fórmula rígida, podendo se estenografar por vezes os nomes próprios e até as locuções substantivas próprias costumando em tal caso, sublinhar-se como significando que não é caso vulgar. O mesmo se dá com estrangeirismos.

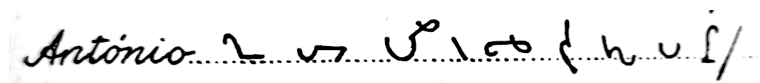


Fig.23 | Aplicação de nomes numa frase, exemplo (Ramos,1950,p.45)

## Artigos

A relação de género e número é comum a todos os sistemas, definindo-se pelo artigo que antecede o nome (o/a/os/as). Isso significa que, referindo um exemplo de Paulo de Cantos, o nome comum «menino» fica «menin», cabendo ao artigo definido indicar o género.

## **Adjetivos**

No sistema de Cantos, os adjetivos são invariáveis em género, firmando-se a forma masculina. Quanto ao número, singular.

Nos restantes sistemas, não parece haver nenhuma preferência em relação a este tópico.

## **Verbos**

Todas as formas verbais são estenografadas na sua maioria. Apenas no sistema de Cantos é que o autor as afunila a 3:

- Infinito;
- Futuro;
- Passado.

(E.g. Eu ser; V. a ser; Ele ser etc)

## **Advérbios**

São estenografados geralmente substituídos por abreviaturas específicas aplicadas com mais regularidade.

No caso do sistema de Cantos, temos casos específicos:

- A terminação «mente» limita-se a ser alongada a um «m»;
- Advérbios de afirmação limitam-se ao «ç»;
- Advérbios de dúvida limitam-se ao «çn»;
- Advérbios de negação limitam-se ao «n».

## **Preposições**

As preposições são substituídas pelas abreviaturas fonéticas estipuladas em cada manual.

No entanto, Paulo de Cantos simplifica-o ainda mais ao suprimir a maioria das proposições. Por exemplo, a proposição «por» fica «p» enquanto que «com» passa para «c» (Cantos, 1937, p.78).

## Pronomes

De maneira geral, os pronomes são representados por um traço que corta o estenograma.

No sistema de Póvoas, os pronomes pessoais são todos representados por um traço que atravessa o estenograma, podendo este indicar qualquer pronome pessoal. O número de traços presentes no estenograma indica diretamente a quantidade de pronomes (por exemplo, dois traços correspondem a dois pronomes).

No sistema de Leopoldo de Carvalho, aplica-se o mesmo princípio, porém, sem abranger todos os pronomes. Em vez disso, estabelece uma lista específica: me, te, se, nos, vos // lhe, lhes, o, a, os, as. Esta simplificação acaba por excluir os pronomes demonstrativos: lo, la, los, las, que estão presentes noutros métodos. Além disso, não indica explicitamente qual pronome está a ser empregado na frase estenográfica, deixando essa interpretação a cargo do contexto.

Apesar de, em teoria, os pronomes serem escritos, na prática, são por vezes dispensados. Como afirma o autor: «Sempre que um som abrange um pronome, escreve-se o som e não o verbo no infinitivo cortado pelo pronome, porquanto, sendo a taquigrafia uma escrita essencialmente fonética e destinada, conseqüentemente, a alcançar a palavra falada, desprezam-se, quanto possível, certas re-

Fig.24 | Pronomes, Leopoldo de Carvalho (Carvalho, 1927, p.42)












dar-lhe	dá-lhe	fazer-lhe	fez-se-lhe	foge-lhe
				

Fig.25 | Pronomes, Francisco Póvoas (Póvoas, 1946, p.87)

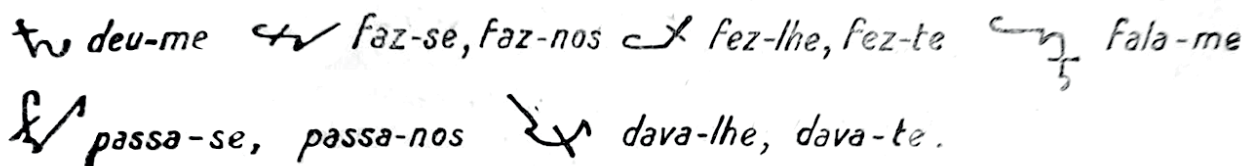
diga-me	deu-lhe	vê-lo
		
oiça-o	tem-na	dá-te
		

gras que possam obstar à sua indispensável velocidade, compreensão e fácil tradução dos estenogramas» (Carvalho, 1927, p. 42). Portanto, na prática o que sucede, é o emprego do som em detrimento do pronome.

No sistema de Ramos, as formas pronominais são representadas por traços cuja inclinação indica diretamente o pronome a que se referem. Esses traços devem seguir a mesma inclinação do signo inicial do pronome correspondente (Ramos, 1950, p. 31).

Os pronomes demonstrativos «o, a, os, as» quando ligados a um verbo, são estenografados com um traço vertical. Já os pronomes demonstrativos «lo, la, los, las» seguem a mesma representação, mas, para distingui-los, o verbo deve estar no infinitivo (Ramos, 1950, p. 31).

No sistema de Cantos, o autor procura simplificar ao máximo esta classe de palavras e, por isso, renuncia a «qualquer tratamento especial quer da segunda pessoa do singular quer do plural, empregue-se sempre o direto – Você (...) representado pela abreviatura V» (Cantos, 1937, p. 74).



The image shows handwritten shorthand for pronominal verb forms. The first row contains: 'deu-me' with a vertical stroke, 'faz-se, faz-nos' with a vertical stroke, 'fez-lhe, fez-te' with a vertical stroke, and 'fala-me' with a vertical stroke. The second row contains: 'passa-se, passa-nos' with a vertical stroke, and 'dava-lhe, dava-te' with a vertical stroke.

Fig.26 | Pronomes, José Ramos (Ramos, 1950, p.31)

## **Conjunções**

É unânime que a conjunção «e» passe a «i» na união de frases.

Onde outros autores não aprofundam mais o assunto, Cantos aproveita para abreviar ainda mais esta classe gramatical, defendendo que «as 8 adversativas podem reduzir-se ao mas representado pelos signos de ms. As 8 conclusivas podem reduzir-se ao donde, dnd. As 8 causais podem reduzir-se ao porque, representado pelos 2 signos de pq. A frequência do q despertou a vontade de o simplificar omitindo-lhe já as últimas 2 letras» (Cantos, 1937,p.78-79).

## **Interjeições**

Não são utilizadas no contexto de escrita de cartas comerciais, e portanto, é uma classe de palavras na qual os autores estudados não se debruçam tanto.

Citando Paulo de Cantos «ninguém as empregará, por certo, através dos fios do telégrafo, d modo q n será iconoclasta a inocente pergunta: Q ml viria ao mundo s p meio benéfico terramoto gráfico desaparecesse urbi et orbi todas as interjeições?» (Cantos, 1937, p.73).

## **Conclusão**

Em síntese, podemos concluir que estes sistemas em relação à:

### **NATUREZA**

- São todos geométricos e fonéticos;
- A maioria baseia-se no sistema oficial de estenografia portuguesa, o sistema martí;

### **ALFABETO**

- A maioria dos sistemas representa letras de som semelhante no mesmo signo alfabético (b/v;ç/ss/s);
- Apenas um sistema retira os signos alfabéticos pela terminação das próprias letras.

### **VOGAIS E CONSOANTES**

- Todos os sistemas designam-lhes valores fonéticos;
- Todos os sistemas omitem as vogais sempre que possível;
- A maioria dos sistemas omite certos ditongos ou substituem-os por uma vogal apenas;
- Todos os sistemas representam as vogais com um tamanho menor que as consoantes.

### **PONTUAÇÃO**

- A maioria prescinde do uso de pontuação;
- Apenas 1 sistema substitui o ponto de interrogação pela abreviatura «sn»;
- Apenas 1 sistema utiliza o ponto final, representado por um traço oblíquo que pode ser omitido.

### **NUMERAÇÃO**

- 2 sistemas estenografam números (Cantos e Ramos);
- 2 sistemas não os estenografam (Leopoldo e Póvoas).

## **DATAS**

- A maioria não estenografa o mês (limitando-se a escrevê-lo de modo vulgar por extenso ou abreviado)
- Apenas 1 sistema representa as datas pelo número de ordem que lhe pertence dentro do ano.

## **ABREVIATURAS/SUPRESSÕES**

A maioria dos sistemas divide grupos de sons pelo local que estes ocupam na palavra a ser estenografada:

- Os grupos indistintos/variáveis/arbitrárias indicam que são grupos de sons que podem ser colocados em qualquer parte da palavra;
- Os grupos Terminais/Terminais invariáveis/Sons Finais, indicam que são grupos de sons que só aparecem no final da palavra;
- Os grupos Iniciais/Iniciais invariáveis/Sons Iniciais, indicam que são grupos de sons que aparecem no início da palavra.

## **PRONOMES**

- A maioria representa-os por um traço que corta o estenograma.

## **NOMES**

- A maioria não os estenografa, apenas abrevia-os em escrita vulgar ao ponto que não pôr em risco a tradução;
- Apenas 1 sistema estenografa os nomes, escrevendo-os de modo vulgar, por extenso ou abreviado. O nome é sublinhado quando estenografado.

## **ARTIGOS**

- Todos os sistemas dispensam o emprego de signos que indiquem gênero, número, ou formas verbais. Essa informação é dada pelo artigo que antecede a palavra.

## Leopoldo de Carvalho

Jorge Leopoldo de Carvalho foi diretor dos serviços estenográficos do Senado de República, ex-professor de estenografia clássica do Parlamento Português, membro do *Comité Internacional de Sténographie* sócio honorário da *Federación Taquigráfica Española*, oficial diplomado e chefe dos serviços estenográficos da Academia de Ciências de Portugal (Carvalho, 1927).

Foi também autor do livro *Tratado de Stenographia* publicado em 1904 em parceria com outro célebre autor de estenografia portuguesa, o professor António La-Grange. Tratado este que se refere a uma revisão e adaptação do sistema que vigorava em Portugal desde 1820, o de Angelo Ramon Martí (que por sua vez derivou do sistema de Samuel Taylor), especialista vindo de Espanha ensinar a pedido dos liberais (Frenesi, 2019).



Fig.27 | Estenografia Portuguesa, Leopoldo de Carvalho (Carvalho, 1927)

## Francisco Póvoas

Francisco Mendes Póvoas nasceu em 1896 e morreu em 1967 (Índice De Autores | Póvoas, Francisco Mendes, 1896-1967, s.d.). Foi professor do Instituto Superior de Comércio de Lisboa e das Escolas de Ensino Técnico Profissional. Professor do Ensino Particular Oficial-estenógrafo da Assembleia Nacional, Oficial do mérito Industrial e Sócio correspondente da Federação Taquigráfica brasileira (Póvoas, 1946, p.1).

Também é autor de um livro sobre dactilografia intitulado *Dactilografia, Noções de esteno-dactilografia* de 1935.

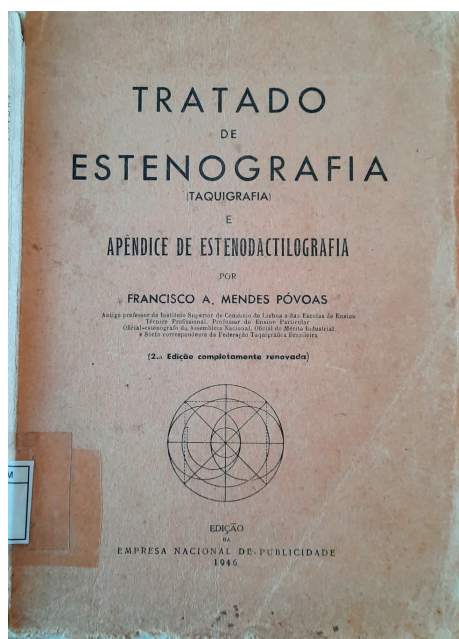


Fig.28 | Tratado de Estenografia (Póvoas, 1946)



Fig.29 | Francisco Póvoas, retrato (Póvoas, 1946, p.203)

## Paulo de Cantos

Paulo José de Cantos nasceu em 1892 em Lisboa, na freguesia de Santa Maria de Belém (Gomes, 2016, 102) e faleceu a 9 de Abril de 1979 (Martins, 2013). Foi professor, editor, designer, filantropo, filólogo e fez os seus estudos primários e secundários, passando depois a frequentar as Universidades de Lisboa, Porto e Coimbra (Martins, 2013). Descrito por vários autores como tendo um estilo «explosivo» e bastante peculiar no seu trabalho, o sistema que se segue, não carece desse elemento (Gomes, 2016, p.9).

Cantos é conhecido pelos seus livros didáticos e brochuras, que editou desde os anos 20. Livros que não se limitavam apenas a um tema abrangendo à linguística, geografia, anatomia, literatura, matemática e folclore. A cuja uma particularidade baseiam-se nas composições tipográficas para criar esquemas, desenhos estilizados, mapas antropomórficos (Martins et al., 2013).



Fig.30 | Esteno, Paulo de Cantos (Cantos,1937)



Fig.31 | Paulo de Cantos (Gomes, 2016,p.224)

**José Domingues  
Ramos**

José Ramos foi diplomado pelo extinto Instituto Industrial e Comercial do Porto, professor de Ensino Particular e Mestre efetivo da Escola Comercial de Oliveira Martins (Ramos, 1950, p.1).



Fig.32 | A Estenografia Prática (Ramos, 1950)

# ENTREVISTAS

60  
61  
63  
64

Enquadramento  
Metodologia  
Questões  
Discussão de Resultados

## **Enquadramento**

Considerando que a prática da estenografia tornou-se obsoleta e que a informação disponível sobre estenografia portuguesa é escassa, optou-se pela entrevista como método para elucidar questões não esclarecidas na literatura e a relação que os praticantes desta forma de escrita mantinham com a mesma.

Esta teve como principal foco reunir informações sobre:

- O Ensino de Estenografia;
- A Estenografia enquanto área profissional;
- Descobrir o património da estenografia em Portugal (que sistemas existiam);
- Descobrir a relação que as pessoas tinham com a estenografia na altura.

## **Metodologia**

Em relação à metodologia adotada, optou-se por uma entrevista semi-estruturada, ou entrevista qualitativa, conforme defendido por Mason (2018, p. 62).

Entrevistaram-se duas pessoas que tiveram algum tipo de relação direta com a estenografia, procurando-se professores ou antigos alunos de cursos de secretariado. A área geográfica de procura foi limitada à cidade de Aveiro (local de residência da mestranda), devido à existência prévia de uma Escola Comercial e Industrial, atualmente denominada Escola Mário Sacramento, onde eram ministradas aulas de secretariado.

As entrevistas foram conduzidas presencialmente, num ambiente informal, no qual se privilegiou tanto a escuta passiva quanto ativa dos entrevistados. Em termos de estrutura, as entrevistas não seguiram um guião rígido, permitindo uma fluidez que possibilitava o surgimento de questões espontâneas. Apesar de não haver uma sequência pré-determinada de perguntas, estas foram cuidadosamente planeadas antes da realização das entrevistas. As questões apresentadas eram de carácter aberto, não sendo oferecidas opções de resposta aos entrevistados.

As entrevistas foram gravadas em formato áudio, e todas

as participantes consentiram na recolha e tratamento dos dados para fins académicos. Posteriormente, os áudios foram transcritos para análise, revelando-se fundamentais para a obtenção de informações sobre a prática estenográfica que seriam inacessíveis apenas através do estudo dos manuais. Além disso, as entrevistas enriqueceram a investigação, dado que ambos os entrevistados possuíam conhecimentos relevantes para o trabalho de dissertação, nomeadamente sobre a prática estenográfica em Portugal, tanto num contexto histórico como social, o que também permitiu confirmar qual o sistema estenográfico aplicado no país.

A versão integral das entrevistas encontra-se disponível na secção de anexos.

## Questões

- 1.** Que tipo de sistema estenográfico aprendeu?  
Que tipo de exercícios se faziam nas aulas de estenografia?  
Que material era fornecido aos alunos?  
Quem é que ia aprender estenografia?  
Em que áreas profissionais era utilizada a estenografia na altura?  
Utilizavam manuais de estenografia nas aulas?  
Se sim, lembra-se quais eram?  
Que material era usado para se estenografar?  
Que cuidados/regras são precisos ter ao estenografar?  
Como era feito o processo de tradução?  
Que qualificações se tinha de ter para lecionar estenografia?  
Sabe qual era o sistema estenográfico geral dado nas escolas?
  
- 2.** Onde é que aprendeu estenografia?  
Quem eram os professores?  
Onde lecionou estenografia?  
Quantos anos esteve a aprender estenografia?  
Quantos anos lecionou estenografia?
  
- 3.** Ainda usa a estenografia em algum aspeto da sua vida?  
(Seja ela de carácter profissional ou não?)  
Considera que a prática de estenografar seria útil em algum contexto específico aplicado nos dias de hoje?  
Considera que a prática de estenografar traz algum tipo de vantagem?  
Gostava de estenografar? Tirava algum gozo com esta prática?  
Considera que aprender estenografia foi um processo difícil? No que teve mais dificuldade em aprender?

## **Discussão de resultados**

Ambas as entrevistadas aprenderam estenografia no Curso de Secretariado e Relações Públicas da antiga Escola Pública Industrial e Comercial de Aveiro (EICA), atualmente denominada Escola Mário Sacramento.

Os cursos voltados para o campo profissional eram direcionados principalmente para pessoas que desejavam ingressar em áreas secretariais ou em tribunais.

O módulo de estenografia tinha a duração de dois anos, sendo que, no primeiro ano, abordava-se a parte teórica (alfabetos, sons, etc.), e, no segundo, a parte prática (ditados com foco na velocidade ideal). Esta disciplina era considerada nuclear.

Uma das entrevistadas confirmou que o sistema ensinado no curso era o Sistema Martiniano.

Cada professor de estenografia elaborava o seu próprio manual, baseado em livros especializados e no conhecimento adquirido ao longo da sua formação anterior. Esses manuais eram inicialmente reproduzidos por stencil e copiados à máquina, sendo que, mais tarde, os exercícios passaram a ser distribuídos através de fotocópias.

Os exercícios realizados pelos alunos consistiam, na sua maioria, em ditados feitos a lápis. Os alunos costumavam ter sempre dois lápis à mão, caso a ponta de um deles se partisse. Quando cometiam erros, não podiam apagá-los; simplesmente riscavam e continuavam a escrever.

Nas avaliações, os exercícios incluíam frases que os alunos precisavam de estenografar por baixo e ditados nos quais a professora ditava o texto, que os alunos escreviam em estenografia e depois traduziam para verificar a precisão em relação ao texto original. O tempo para realizar a tradução era limitado.

Utilizavam papel comum branco, no qual criavam uma divisória ao meio para reduzir o tempo gasto no retorno da mão ao início da página (quanto menor a coluna, mais rápida a escrita).

Um elemento essencial que os alunos deviam considerar, e que era exigido, era a velocidade de escrita em estenografia, sendo o ideal alcançar 120 palavras por minuto.

Aprendia-se estenografia em português e francês, devido às relações comerciais de Portugal com França, e à necessidade de redigir cartas comerciais em ambos os idiomas.

Para as entrevistadas, os aspectos mais difíceis da aprendizagem da estenografia eram, por um lado, memorizar as abreviaturas e, por outro, traduzir o que haviam escrito em estenografia para escrita comum, especialmente após algum tempo do discurso anotado.

A estenografia teve impactos e utilidades diferentes para cada uma das entrevistadas. Para Fátima Teixeira, a estenografia não trouxe grandes benefícios, pois mudou de área de formação e acabou por trabalhar num laboratório de análises clínicas. Já para Fátima Almeida, a estenografia foi bastante útil, uma vez que ingressou como professora no INESP, um antigo instituto de estudos profissionais em Aveiro, onde lecionou durante 20 anos. Nesta instituição, ensinou dactilografia, estenografia, correspondência portuguesa e práticas de secretariado, tendo mais tarde também ensinado dactilografia para computadores.

Ambas as entrevistadas usaram também a estenografia como um código, em tom de brincadeira.



# PROJETO EDITORIAL

67	Pertinência
68	Gênero da publicação
69	Nome e estrutura
70	Formato
71	Análise formal dos manuais
74	Tipografia
77	Cores
78	Imagem
78	Grelha
79	Hierarquia
82	Planeamento de Conteúdo
84	Exercícios
86	Publicação

**Pertinência**

Esta publicação tem como objetivo dar a conhecer ao leitor a origem da estenografia e a sua evolução, tanto a nível mundial como em Portugal. Pretende também proporcionar uma compreensão rápida e clara da lógica da escrita estenográfica, através de exercícios práticos que destacam as diferenças entre os diversos sistemas propostos pelos autores apresentados ao longo da obra.

**Género da publicação**

A publicação apresenta-se como uma antologia dedicada à estenografia portuguesa, reunindo o trabalho de quatro autores estenográficos: Leopoldo de Carvalho, Francisco Póvoas, Paulo de Cantos e José Ramos.

Adaptámos exercícios impostos pelos autores de forma a facilitar a compreensão de cada um dos seus sistemas, reconfigurando-os para a exploração da estenografia no campo do design gráfico e editorial. Estes exercícios não só permitirão a compreensão do design de cada sistema, como introduzirão o leitor à prática da estenografia de uma forma lúdica.

## **Nome e Estrutura**

Com vista ao desenvolvimento do projeto prático realizou-se uma análise das obras de forma a tentar recuperar a essência dos manuais e aplicá-la na publicação.

No início dessa análise, observámos como estes estavam organizados. Numa primeira parte, introduziam um contexto histórico, explicavam os fundamentos e signos alfabéticos básicos, correspondendo à parte teórica. Na segunda parte, eram introduzidos os exercícios, correspondendo à parte prática. Esta estrutura era unânime entre todos os autores estudados. Desta forma, considerou-se pertinente seguir uma estrutura semelhante, evidenciando-a no título da publicação.

Assim, foi intitulada de «Esteno?Grafia!».

O «Esteno?» representa a parte teórica, ao invocar a dúvida e curiosidade através do ponto de interrogação. A questão intriga, despertando o desejo de descobrir mais. É neste capítulo que será abordado a parte histórica e o legado estenográfico português, bem como os fundamentos e respetivo alfabeto estenográfico.

Já o «Grafia!» corresponde à fase de elucidação, um *call to action*, quando se revela que o «esteno?» é, na verdade, uma forma de escrita. Esta componente simboliza a parte prática da publicação. Aparecem intercalados na publicação, os exercícios práticos que ajudarão o leitor a aprender e explorar os potenciais da estenografia.

## **Formato**

Uma vez que a estenografia era igualmente utilizada para fins pessoais, como em entradas de diários, agendas, e anotações rápidas em contexto de seminário, optou-se por uma proporção  $1:\sqrt{2}$  e pelo formato DIN A5 (como se de uma agenda se tratasse), de forma a evocar essa vertente prática.

Terá sido Inspirado igualmente no formato dos próprios manuais adquiridos. Prático de forma a ser transportado para todo o lado, mas grande o suficiente para o leitor ter espaço para realizar os exercícios que aparecem a complementar a publicação.

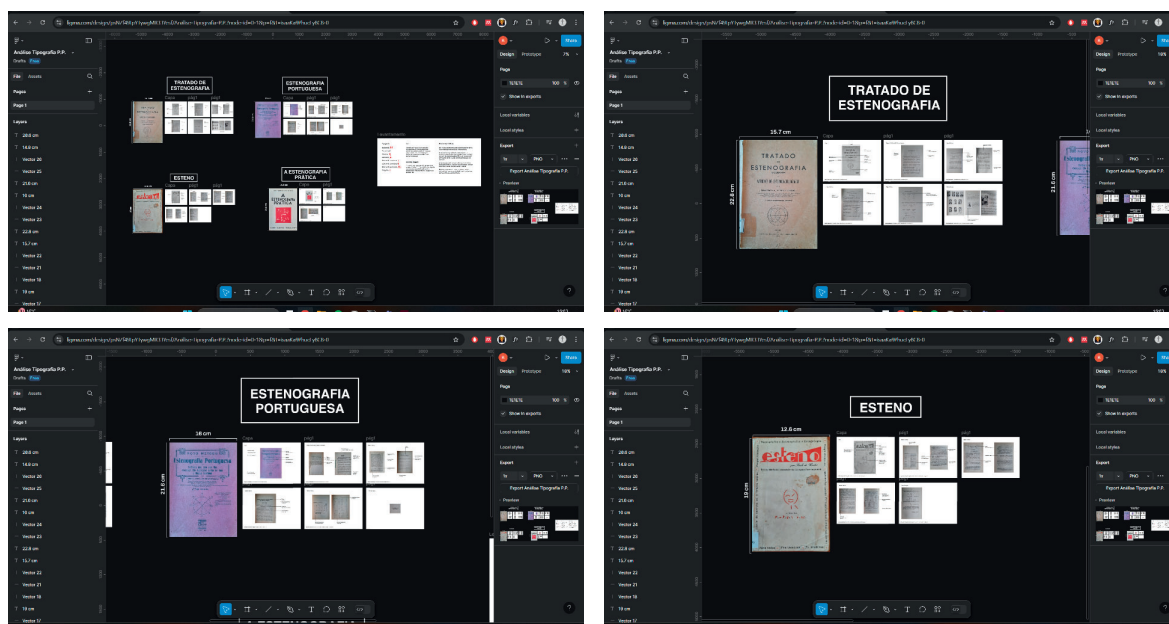


**DIN A5**

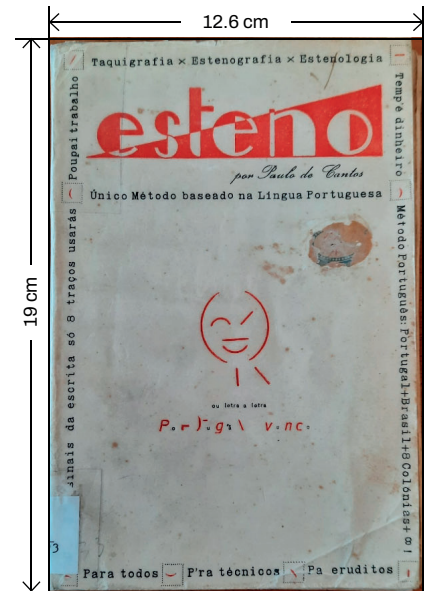
## Análise formal dos manuais

Com base na análise das obras, recuperámos elementos como o uso de tipos de letra monoespaçados, filetes e sublinhados bem como a incorporação dos próprios signos estenográficos.

A análise pode ser consultada em maior detalhe através do seguinte link: <https://www.figma.com/design/psNZf49tpYTywgMR33Yesf/An%C3%A1lise-Tipografia-P.P.?node-id=0-1&t=JtTDfAHRHdf19lui-1>



**Análise formal dos manuais**



**Títulos**

Moderna  
Humanista

Sem serifa geométrica  
Sem serifa transicional

**Subtítulos**

Moderna  
Sem serifa humanista

Caligráficos  
Egípciana ou com serifa quadrada  
Mono espaçada

**Corpo de texto**

Sem serifa humanista  
Humanista  
Mono espaçada

Humanista

**Legenda**

Humanista

**Elementos Gráficos**

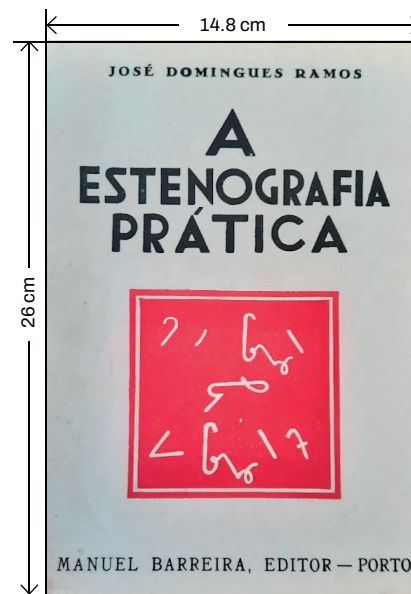
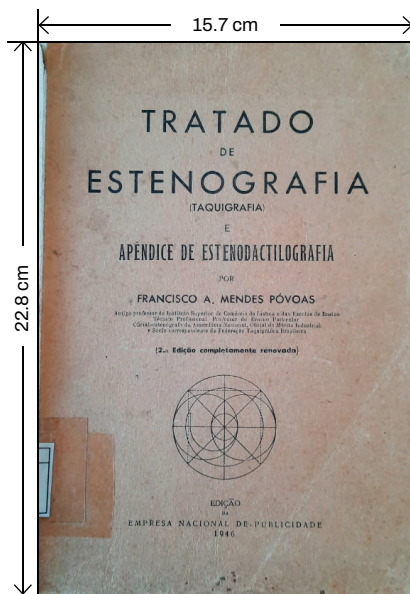
Bordas decorativas ao estilo Art Nouveau  
Sublinhados duplos em títulos  
Negritos  
Divisórias verticais  
Pontilhados

Pontilhados como elemento decorativo nas bordas  
Signos estenográficos para a criação de imagens decorativas  
Negritos  
Sublinhados  
Divisórias

**Cor**

Capa roxa  
Monocromático no interior

Capa castanha com destaque laranja no título, elementos decorativos e signos  
Monocromático no interior



Sem serifa geométrica  
Sem serifa humanista  
Moderna

Egípcia  
Sem serifa geométrica  
Monoespaçada

Moderna

Egípcia  
Sem serifa geométrica  
Moderna

Sublinhados para destaque

Capa castanha  
Monocromático no interior

Sem serifa geométrica  
Lettering  
Egípciana ou com serifa quadrada

Sem serifa geométrica

Humanista

Egípciana ou com serifa quadrada

Signos estenográficos  
Divisórias  
Negritos  
Pontilhados

Capa com cor de destaque vermelha  
Monocromático no interior

## Tipografia

No que diz respeito à sua composição textual, os manuais foram compostos por meio de tipografia de caracteres móveis de chumbo<sup>11</sup> recorrendo à litografia e à zincogravura para a produção dos diagramas gráficos. Por isso, procurámos compreender o universo gráfico dos manuais tipografados, da datilografia e da estenografia, especialmente no que diz respeito às suas convenções ortotipográficas, dado que estas últimas estavam intimamente ligadas em contexto laboral.

Concluiu-se que os tipos de letra frequentemente utilizados nestes manuais, são humanistas para o corpo de texto, egípcios (ou com serifa quadrada) para o corpo de texto, e subtítulos e geométricos sem serifa para títulos, subtítulos e legendas.

Destaca-se que a maioria dos manuais recorre a tipos serifados para o corpo de texto, enquanto Póvoas e Cantos, introduzem um estilo de letra monoespaçado de máquina. Cantos combina, ainda que pontualmente, tipos sem serifa para destaques e subtítulos.

Com base nesta análise, foi seleccionado: para o corpo de texto, uma tipografia humanista, a Weiss Antiqua; para os títulos, optou-se por uma fonte egípcia mono espaçada, a Bulletin Typewriter.

---

<sup>11</sup> Os caracteres de chumbo eram normalmente feitos com uma liga de chumbo, estânio, e antimónio (Baines & Haslam, 2005, p.92)

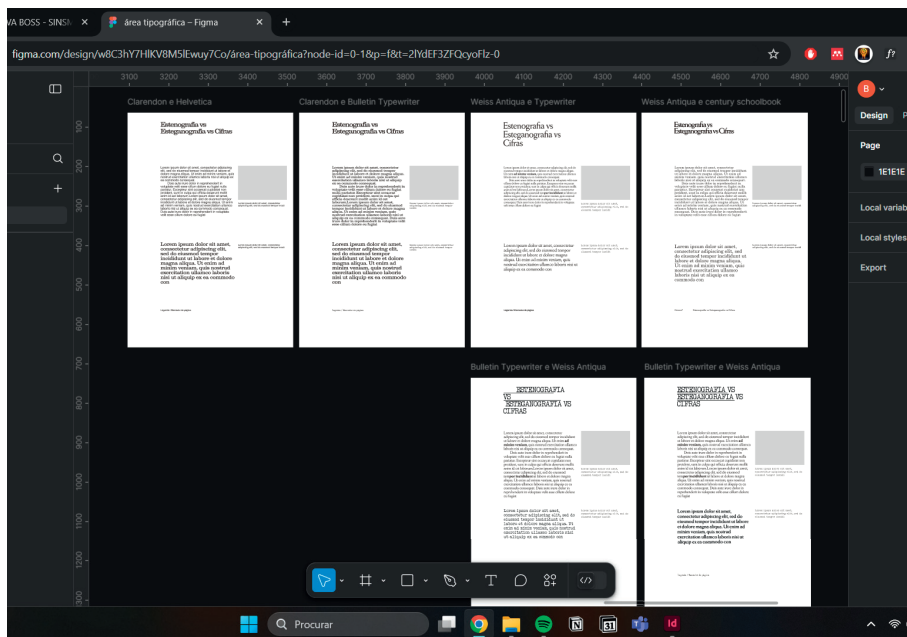
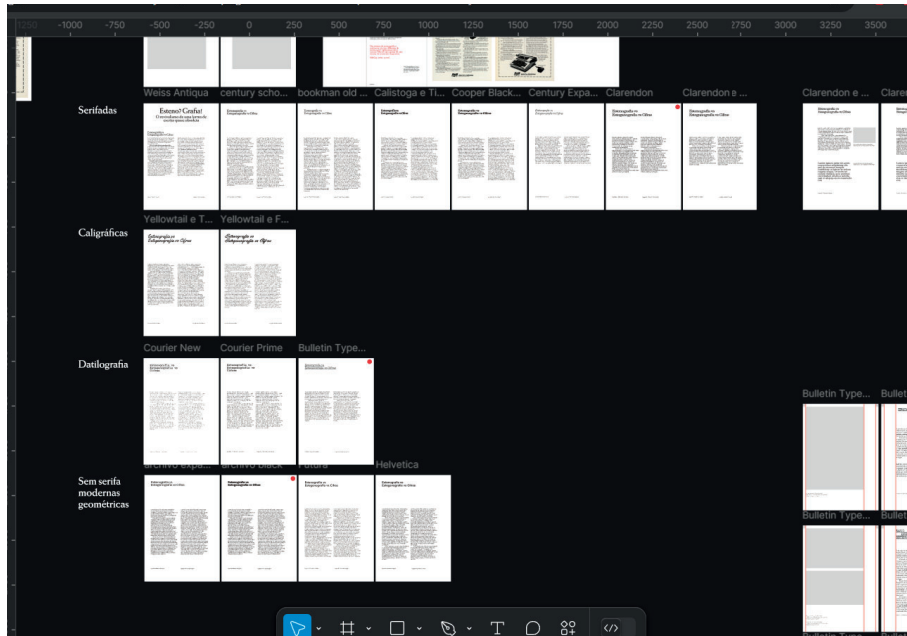


Fig.33 | Experimentação de estilos tipográficos

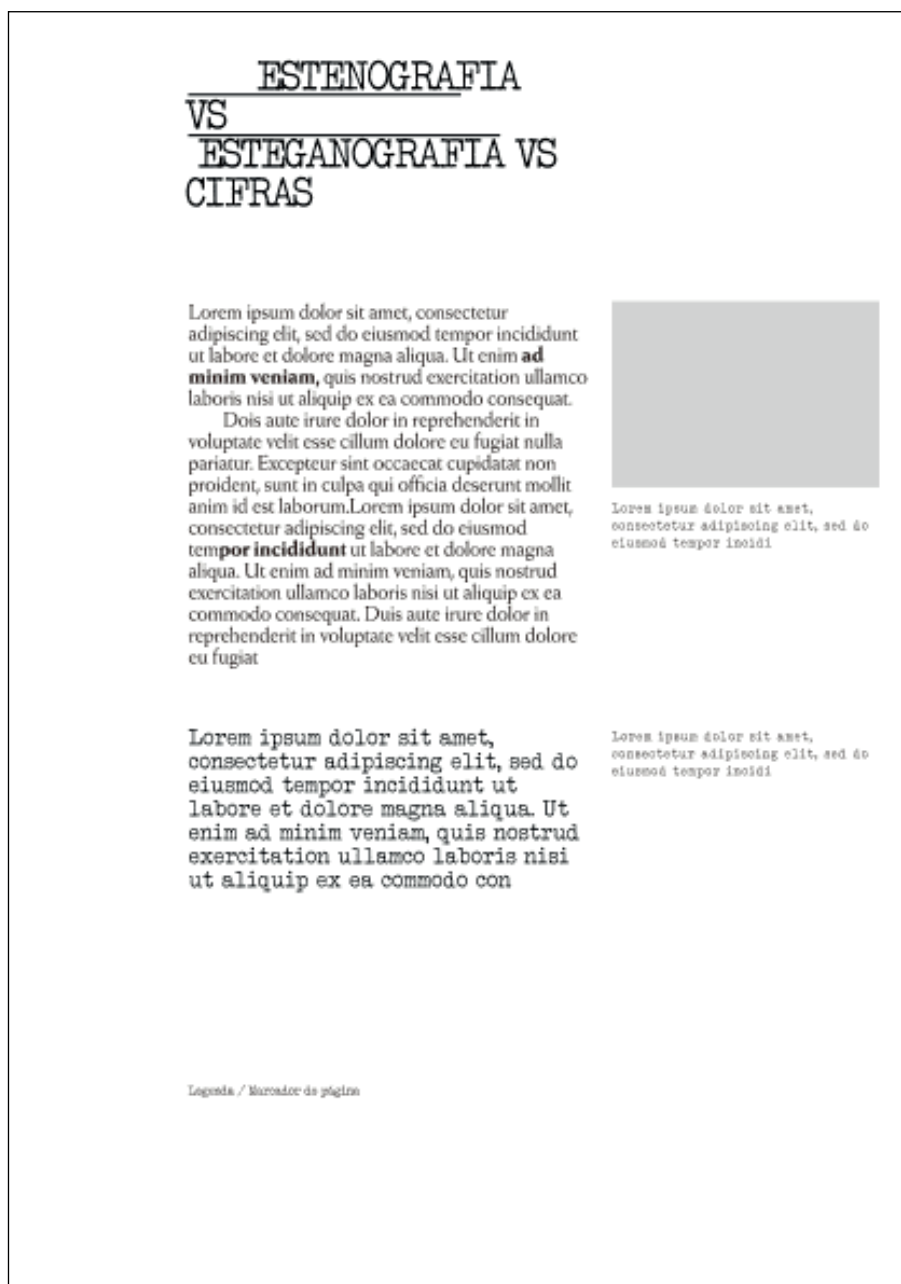
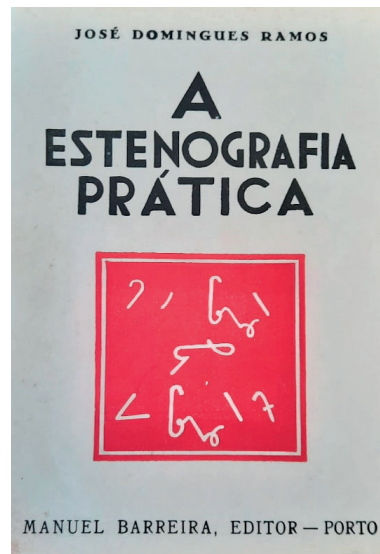
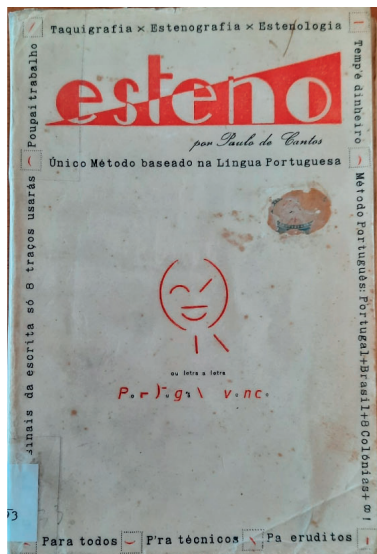
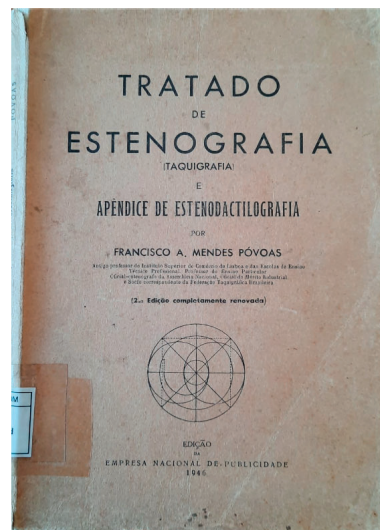


Fig. 34 | Escolha da família tipográfica final:  
Para títulos e legendas foi selecionada a Bulletin Typewriter criada pela empresa francesa Mecanorma (Adobe Fonts, n.d.). Para textos foi selecionada a família tipográfica Weiss Antiqua criada por Emil Rudolf Weiß e publicado pela URW Type Foundry (MyFonts, 2001).

## Cores

De forma geral, os manuais adoptam esquemas de cores monocromáticos no interior, enquanto a capa apresenta uma cor de destaque. Esta escolha decorre das restrições económicas associadas a este tipo de publicação, cujo principal objetivo era educativo, exigindo, assim, custos de produção reduzidos. Ainda assim, o uso de ilustrações, embora tornasse o processo mais moroso e dispendioso, era cuidadosamente controlado limitando-se aos recursos monocromáticos.

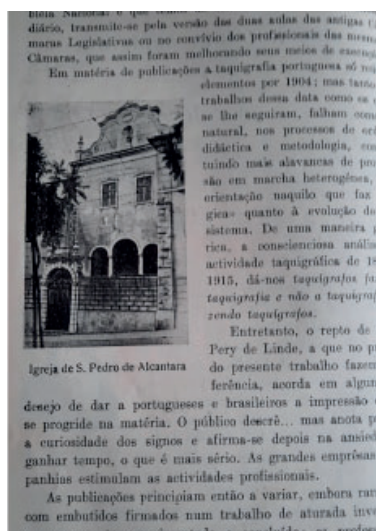
Fig.35 | Capas dos manuais adquiridos



## Imagem

A maioria dos manuais não contém imagens, com exceção do *Tratado de Estenografia* de Francisco Póvoas, que incluía retratos de vários estenógrafos, bem como imagens de escolas, entre outros elementos. A escassa presença de imagens nestes manuais revela, mais uma vez, o controlo de custos associados a este tipo de publicações.

Fig.36 | Exemplos de imagens do manual «Tratado de Estenografia».



## Grelha

Em relação ao layout, pretende-se que este seja simples e que siga os standards de um manual educativo de forma a que a informação possa ser absorvida facilmente pelo leitor e que se mantenha uma coesão visual por todo o livro.

## Hierarquia

Os manuais analisados apresentavam diversos elementos gráficos, como sublinhados, pontilhados, traços, bordas e estiletos decorativos, que estabeleciam uma clara hierarquia de informação.

No manual *Tratado de Estenografia*, de Francisco Póvoas, e *Estenografia Prática* de José Ramos destaca-se o uso de filetes para separar os marcadores de página, enquanto os traços interrompidos são utilizados no início das notas de rodapé (Fig.37, 38 e 39).

O alinhamento do texto justificado, observado em todos os manuais deve-se, provavelmente, ao estilo predominantemente padrão de muitos jornais e revistas da época.

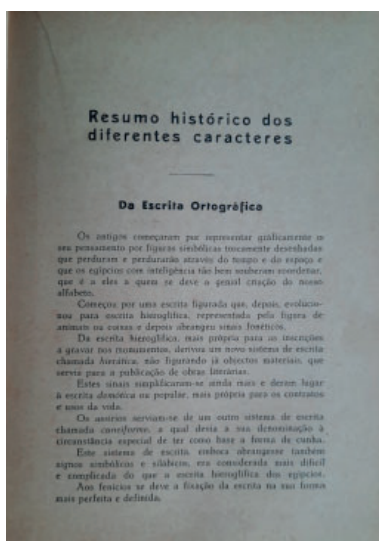


Fig.37 | Página retirada do manual “Estenografia Prática” revelam o uso de separadores, na divisão entre o título e o texto (Ramos,1950,p.)



Fig.38 | Página retirada do manual “Estenografia Prática” revela o uso de separadores nas linhas de texto corrente e fôlio (Ramos,1950,p.13)

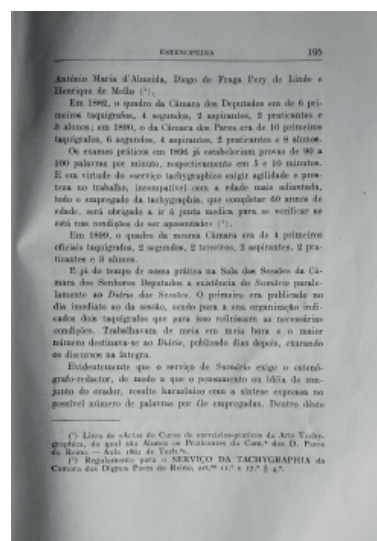


Fig.39 | Página retirada do manual “Tratado de Estenografia” revela o uso de separadores nas linhas de texto corrente e fôlio (Póvoas,1946,p.195)

No manual «Estenografia Portuguesa», de Leopoldo de Carvalho, os capítulos apresentam-se duplamente sublinhados ou separados por dois traços, criando uma clara hierarquia entre os títulos e o texto. Além disso, foram introduzidas bordas decorativas próprias da época «Art Nouveau» mais elaboradas nos capítulos dedicados à apresentação dos sons sintéticos, conferindo uma estética diferenciada em relação ao restante conteúdo, exemplificados nas figuras 40 e 41.

No manual «Esteno», de Paulo de Cantos, os sublinhados são utilizados para destacar o texto, enquanto os pontilhados, além de integrarem os exercícios de escrita estenográfica, também desempenham uma função decorativa, servindo como bordas em torno de símbolos, como se

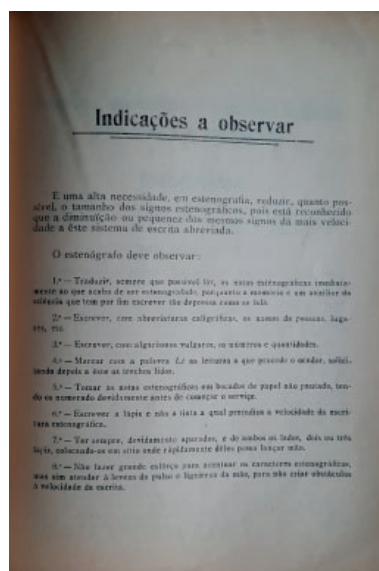


Fig.40 | Uma página retirada do manual «Estenografia Portuguesa» demonstra o uso de linhas duplas para destacar o título e estabelecer uma hierarquia visual dos conteúdos (Carvalho,1927,p.55)



Fig.41 | Página retirada do manual «Estenografia Portuguesa» revela o uso de bordas decorativas na apresentação de sons terminais (Carvalho,1927,p.21)

observa na própria capa do manual (Fig.42). Adicionalmente, verifica-se o uso de símbolos tipográficos comuns, como travessões, parênteses e hifens (exemplificados na figura 44), em substituição dos elementos desenhados específicos do seu sistema de estenografia. Isto resultaria, porém, em custos adicionais para os estudantes de estenografia interessados em publicar uma sebenta baseada no sistema.

Assim, procurou-se incorporar na publicação alguns elementos observados como os pontilhados, os traços e os sublinhados.



Fig.42 | A capa do manual “Esteno” apresenta pontilhados que desempenham uma função decorativa, criando bordas em torno de símbolos visíveis nas margens da capa (Cantos,1937)

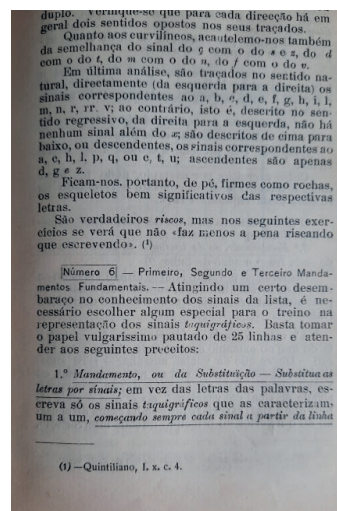


Fig.43 | Página retirada do manual “Esteno” revela sublinhados utilizados para destacar o texto (Cantos,1937, p.41)

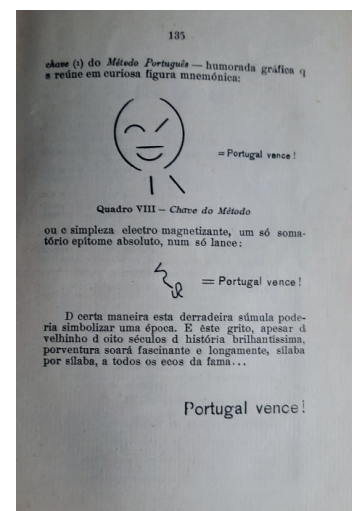
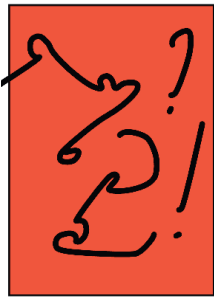


Fig.44 | Uma página retirada do manual “Esteno” demonstra a utilização criativa dos próprios signos para a criação de formas geométricas decorativas. (Cantos,1937, p.135)



**ESTENOGRAFIA!**

Subst. como Fun.

**1. História**

1.1. Origem

1.2. Definição

1.3. Estenografia em Portugal

1.4. Estenografia em Brasil

**2. Métodos de Estenografia**

2.1. Método de Azevedo

2.2. Método de Estenografia

2.3. Método de Estenografia no Brasil

**3. A Língua de Estenografia**

3.1. Símbolos estenográficos

3.2. Alfabeto

3.3. Acções estenográficas

3.4. Símbolos

**4. Acções estenográficas**

4.1. Símbolos de Entrada

4.2. Símbolos de Saída

4.3. Símbolos de Entrada e Saída

4.4. Símbolos de Entrada e Saída

4.5. Símbolos de Entrada e Saída

4.6. Símbolos de Entrada e Saída

4.7. Símbolos de Entrada e Saída

4.8. Símbolos de Entrada e Saída

4.9. Símbolos de Entrada e Saída

4.10. Símbolos de Entrada e Saída

**5. Símbolos de Entrada e Saída**

5.1. Símbolos de Entrada e Saída

5.2. Símbolos de Entrada e Saída

5.3. Símbolos de Entrada e Saída

5.4. Símbolos de Entrada e Saída

5.5. Símbolos de Entrada e Saída

5.6. Símbolos de Entrada e Saída

5.7. Símbolos de Entrada e Saída

5.8. Símbolos de Entrada e Saída

5.9. Símbolos de Entrada e Saída

5.10. Símbolos de Entrada e Saída

**6. Símbolos de Entrada e Saída**

6.1. Símbolos de Entrada e Saída

6.2. Símbolos de Entrada e Saída

6.3. Símbolos de Entrada e Saída

6.4. Símbolos de Entrada e Saída

6.5. Símbolos de Entrada e Saída

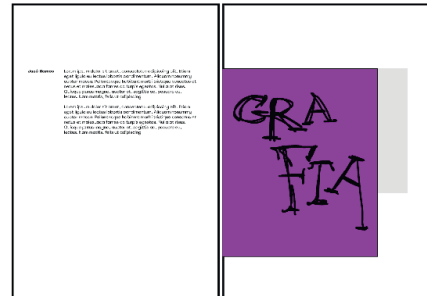
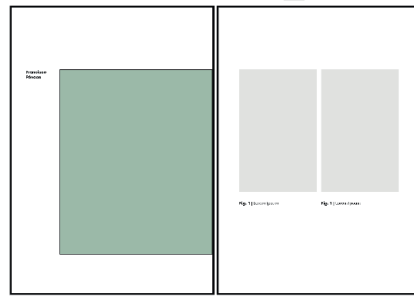
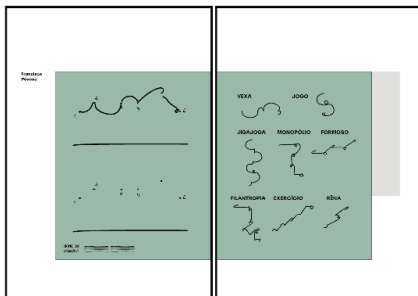
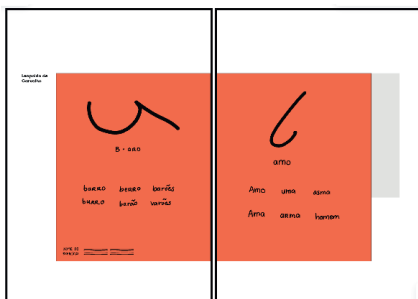
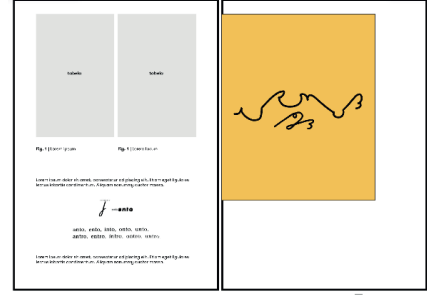
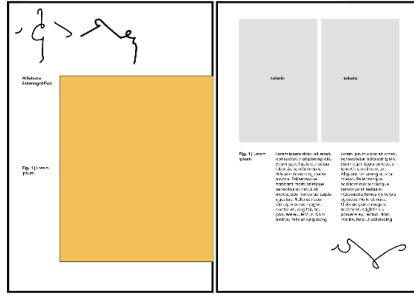
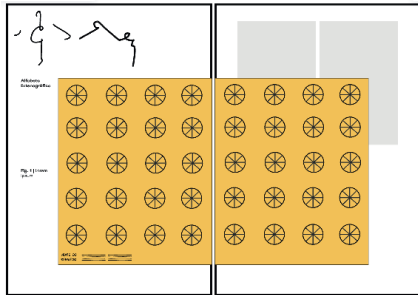
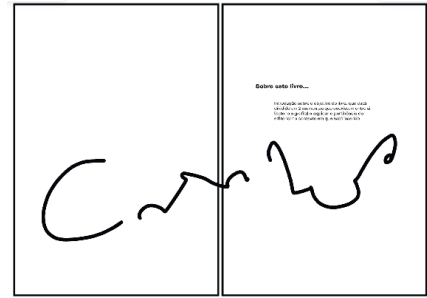
6.6. Símbolos de Entrada e Saída

6.7. Símbolos de Entrada e Saída

6.8. Símbolos de Entrada e Saída

6.9. Símbolos de Entrada e Saída

6.10. Símbolos de Entrada e Saída



**Planeamento de conteúdo**

Para a criação do projeto prático foi realizado uma diagramatização dos conteúdos e exercícios estenográficos a serem incluídos na publicação.



O planeamento pode ser analisado em mais detalhe no seguinte link: <https://miro.com/app/board/uXj-VOBCEoKo=>

## Exercícios

Para a elaboração dos exercícios, começou-se por identificar as competências essenciais a adquirir para a prática da estenografia. Estas competências constituíram o primeiro tipo de exercícios, concebidos para proporcionar uma aprendizagem simples da estenografia. Assim, foram definidas três áreas fundamentais:

- Identificar os signos alfabéticos de acordo com a sua fonética.
- Compreender a lógica da escrita sintética e das abreviaturas (incluindo sons iniciais, finais e arbitrários).
- Reconhecer que a estenografia não segue as regras da ortografia, focando-se exclusivamente no som das palavras.

Após a definição destes pontos-chave para os exercícios iniciais, foi idealizado um segundo tipo de exercícios. Estes têm como objetivo evidenciar as diferenças entre os sistemas propostos por diferentes autores, permitindo ao leitor compreender as subtis nuances e a diversidade de métodos existentes no universo da estenografia portuguesa.

No caso de Leopoldo de Carvalho, a principal particularidade, reside na forma como o autor categoriza os sons sintéticos. Por isso, os exercícios associados ao seu sistema centram-se especificamente no reconhecimento e uso desses sons.

No caso de Francisco Póvoas, o autor enfatiza a incorporação dos sons sintéticos na escrita estenográfica, salientando frequentemente como uma má execução pode prejudicar o escritor. Algo notável na sua abordagem é a inclusão de exemplos de escrita estenográfica incorreta ao longo do

manual, prática incomum nos restantes autores. Assim, os exercícios baseados no sistema de Francisco Póvoas procuram ensinar o leitor a identificar os erros típicos na escrita estenográfica, compreender a forma correta de escrita e reconhecer os inconvenientes de ignorar os sons sintéticos.

No caso de Paulo de Cantos, foi particularmente desafiante escolher qual das suas várias particularidades destacar, dado que o seu sistema apresenta múltiplas diferenças em relação aos restantes sistemas estudados. Após uma análise cuidadosa, decidiu-se abordar o seu alfabeto, que não só se baseia nos sons, mas também nas terminações das letras. Além disso, foi dado destaque ao diagrama «relógio estenográfico», presente no seu manual, como ferramenta pedagógica para ajudar o leitor a decifrar frases estenográficas.

Já no caso de José Ramos, enfatizámos a importância da simplificação máxima dos sons antes da escrita estenográfica. Neste contexto, o exercício focou-se em apresentar ao leitor as regras essenciais a considerar para garantir uma transição eficiente entre o som e a escrita estenográfica.





Fig. 46 | Publicação  
«Esteno?Grafial»



Fig. 47 | Realização de  
exercício ao ar livre

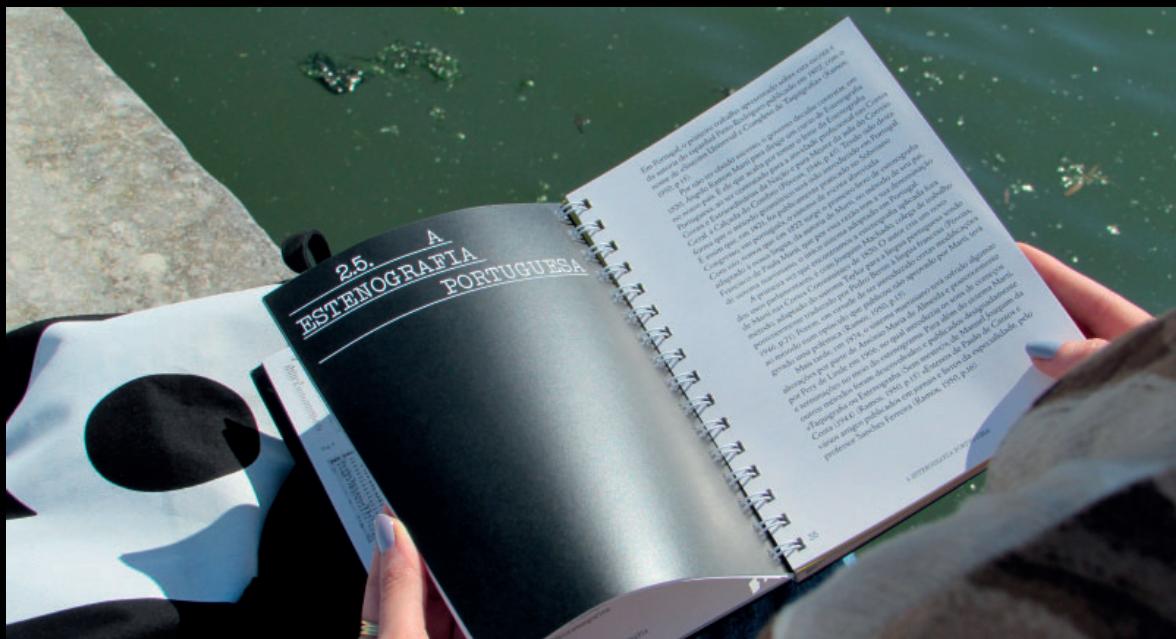
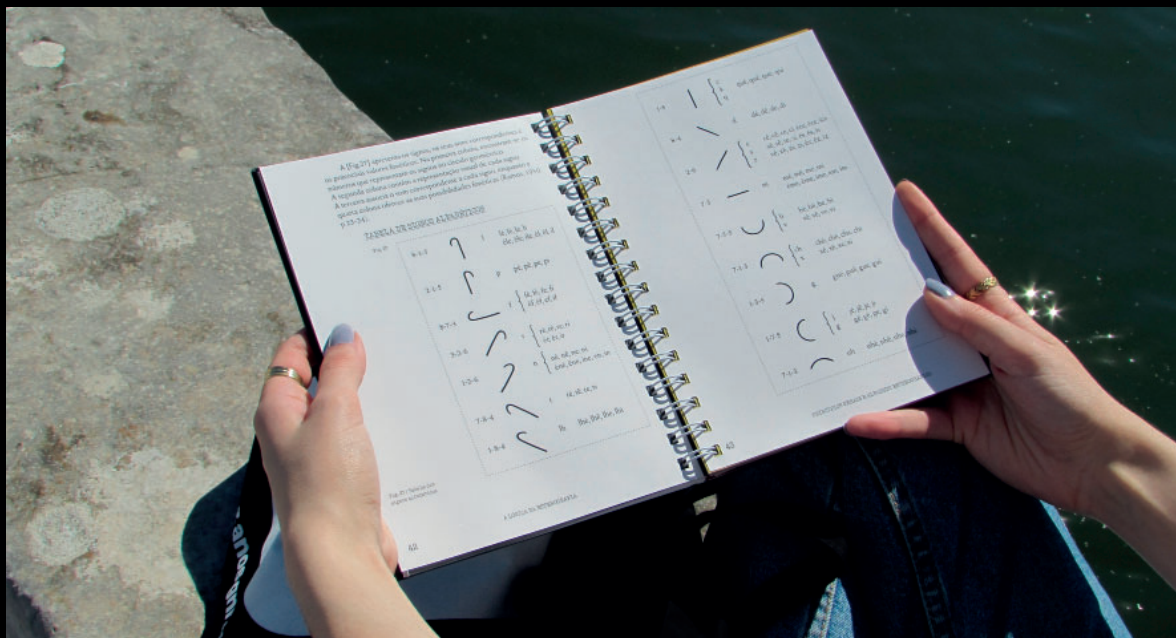


Fig. 48 | Páginas teóricas do Esteno?Grafia!



Fig. 49 | Páginas teóricas  
do *Esteno?Grafia!*



4.1.  
LEOPOLDO  
CARVALHO

4. AUTORES  
ESTENOGRÁFICOS

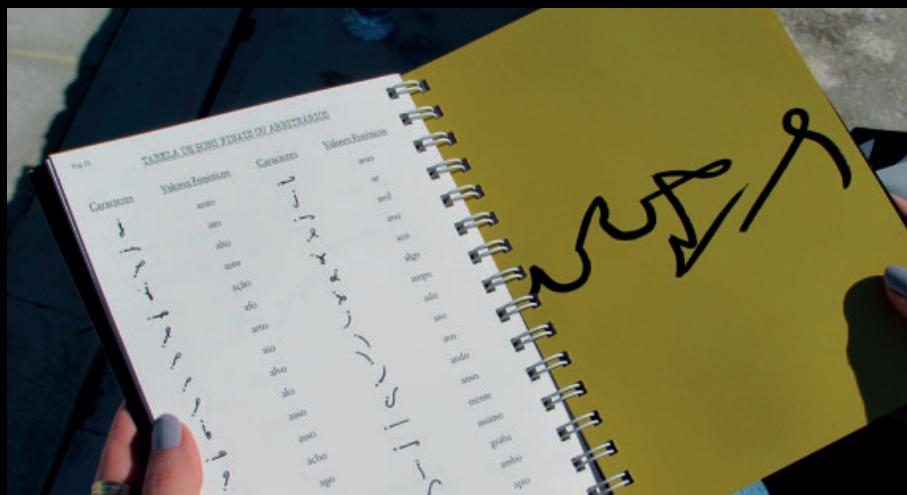
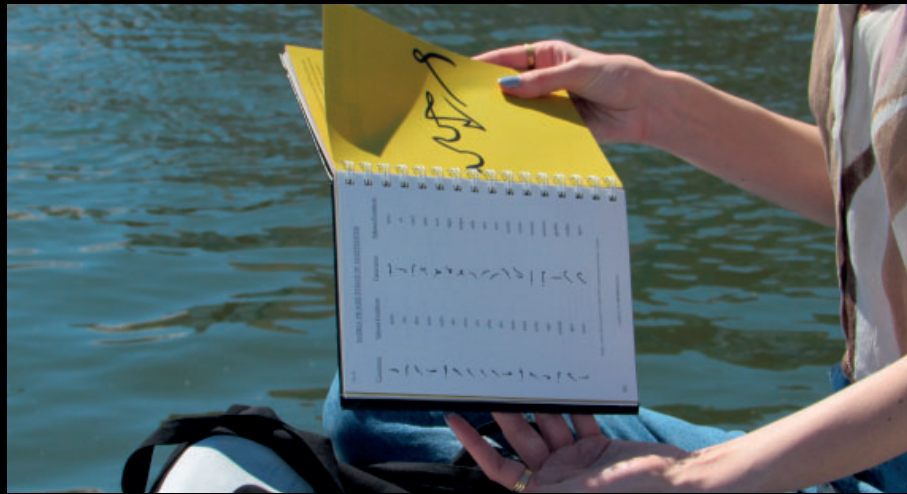


Fig. 50 | Consulta de tabela de sons de forma a aplicar nos exercícios.

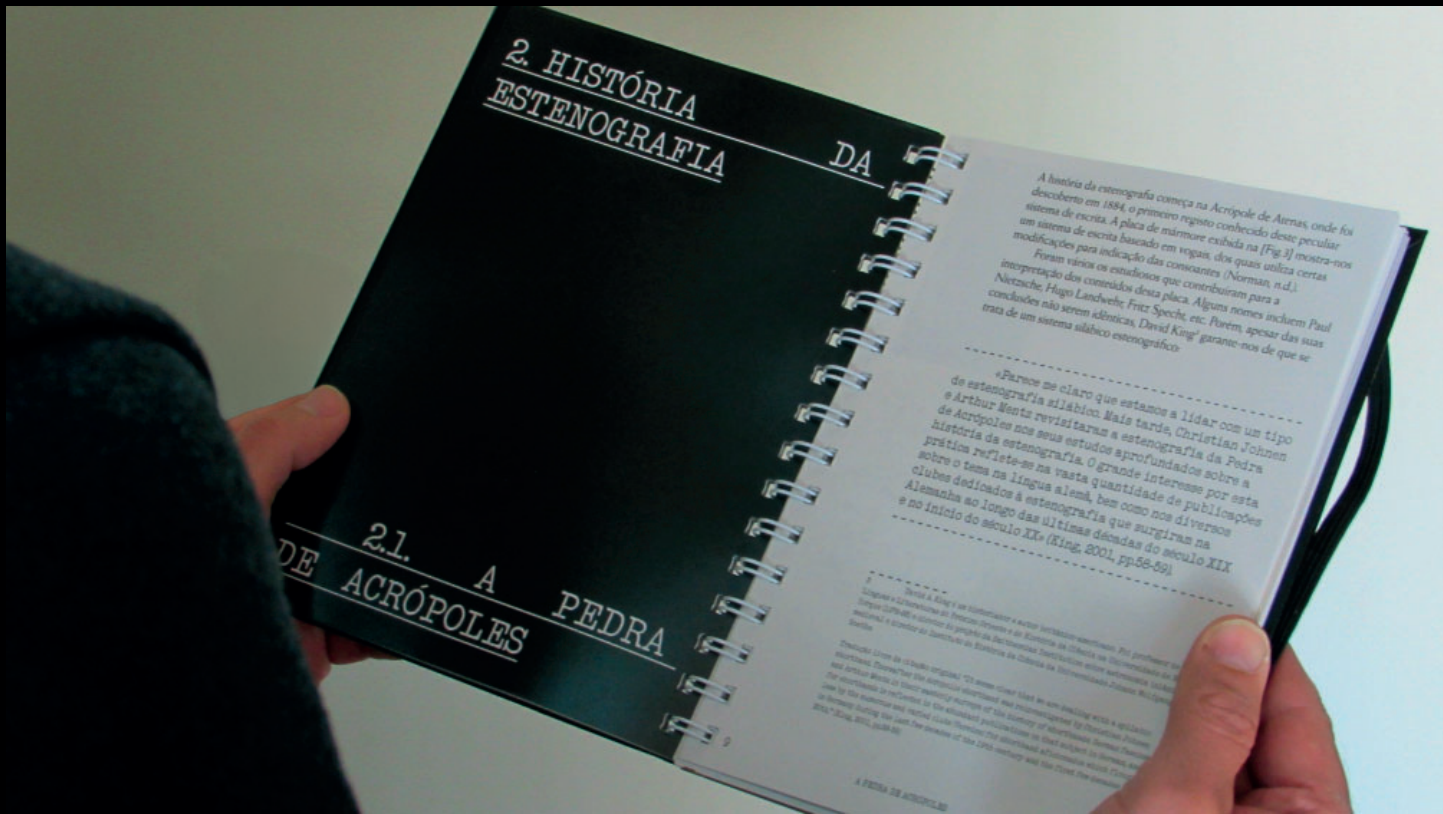


Fig. 51 | Capítulo da História da Estenografia do Esteno?Grafia!

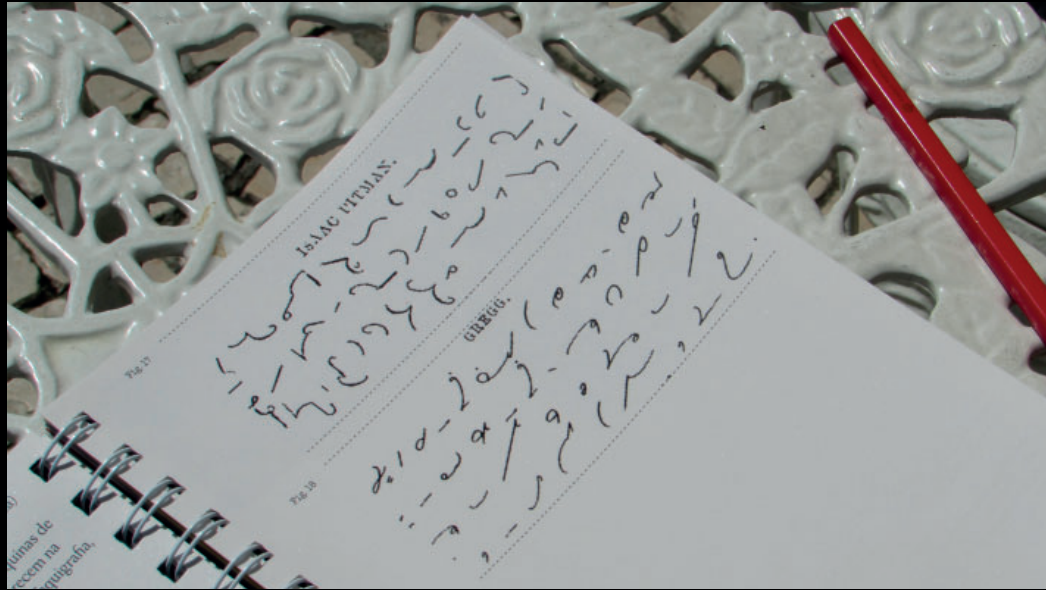


Fig. 52 | Capítulo dos Tipos de Estenografia



Fig. 53 | Capítulo da Estenografia Portuguesa



Fig. 54 | Consulta da tabela de sons iniciais de forma a completar os exercícios da publicação.

# ALFABETO ESTENOGRÁFICO

Representa as circunferências com o respetivo signo estenográfico alfabético correspondente.



**C/K/Q**  
quê, quê, que, qui



**D**  
dê/dê/de/di



**Ch/X**  
ché,chê, che, chi  
xê, xê, xe, xi



**G**  
guê, guê, gue, gui



**P**  
pê, pê, pe, pi



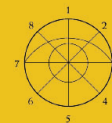
**F**  
fé, fé, fe, fi  
éf, éf, if



**LH**  
lhê, lhê, lhe, lhi



**NH**  
nhê/nhê/nhe/nhi



**T**  
tê, tê, te, ti

GRAFIA

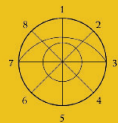
ALFABETO ESTENOGRÁFICO

GRAFIA

ALFABETO ESTENOGRÁFICO



**C/S/Z**  
cê/cê/ce/ci/éce/ice  
sê,sê,se,si,és,és,ís  
zê,zê,ze,zi,éz,éz,íz



**M**  
mê,mê, me, mi  
ême, ême, ime, em, im



**B/V**  
bê, bê, be, bi  
vê, vê, ve, vi



**R**  
rê, rê, re, ri  
êr, êr, ir



**A**  
á, à, â, a, ah, ha



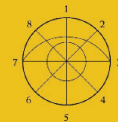
**E**  
ê, ê, e



**J/G**  
jê, jê, je, ji  
gê, gê, ge, gi



**N**  
nê, nê, ne, ni  
éne, êne, ine, en, in



**L**  
lé /lê/le/li  
éle, éle, él, él, il



**I**  
e = i



**O**  
ó, ó, o



**U**  
o = u

GRAFIA

ALFABETO ESTENOGRÁFICO

GRAFIA

ALFABETO ESTENOGRÁFICO

Fig. 55 | Exercício Alfabeto Estenográfico

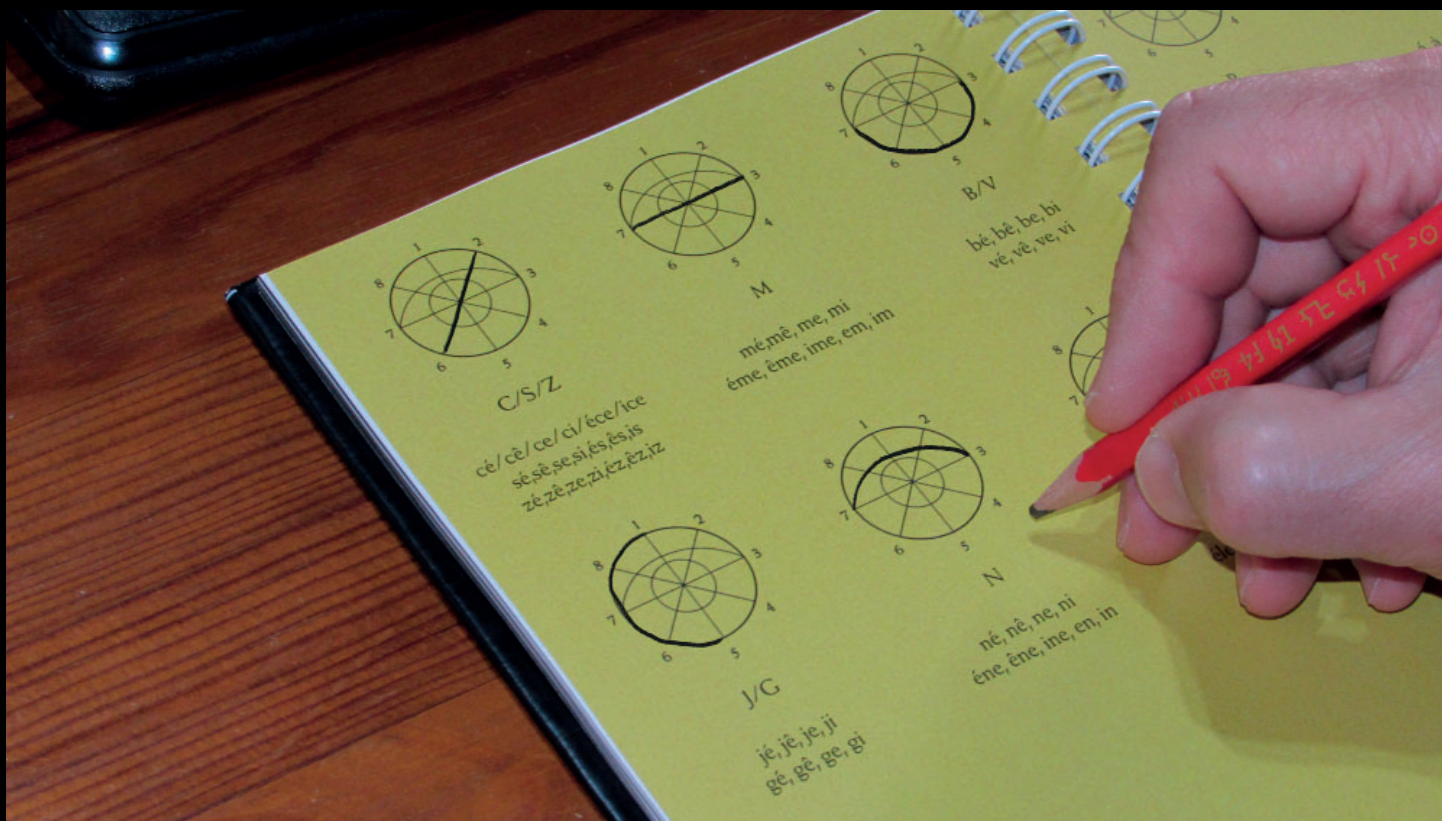
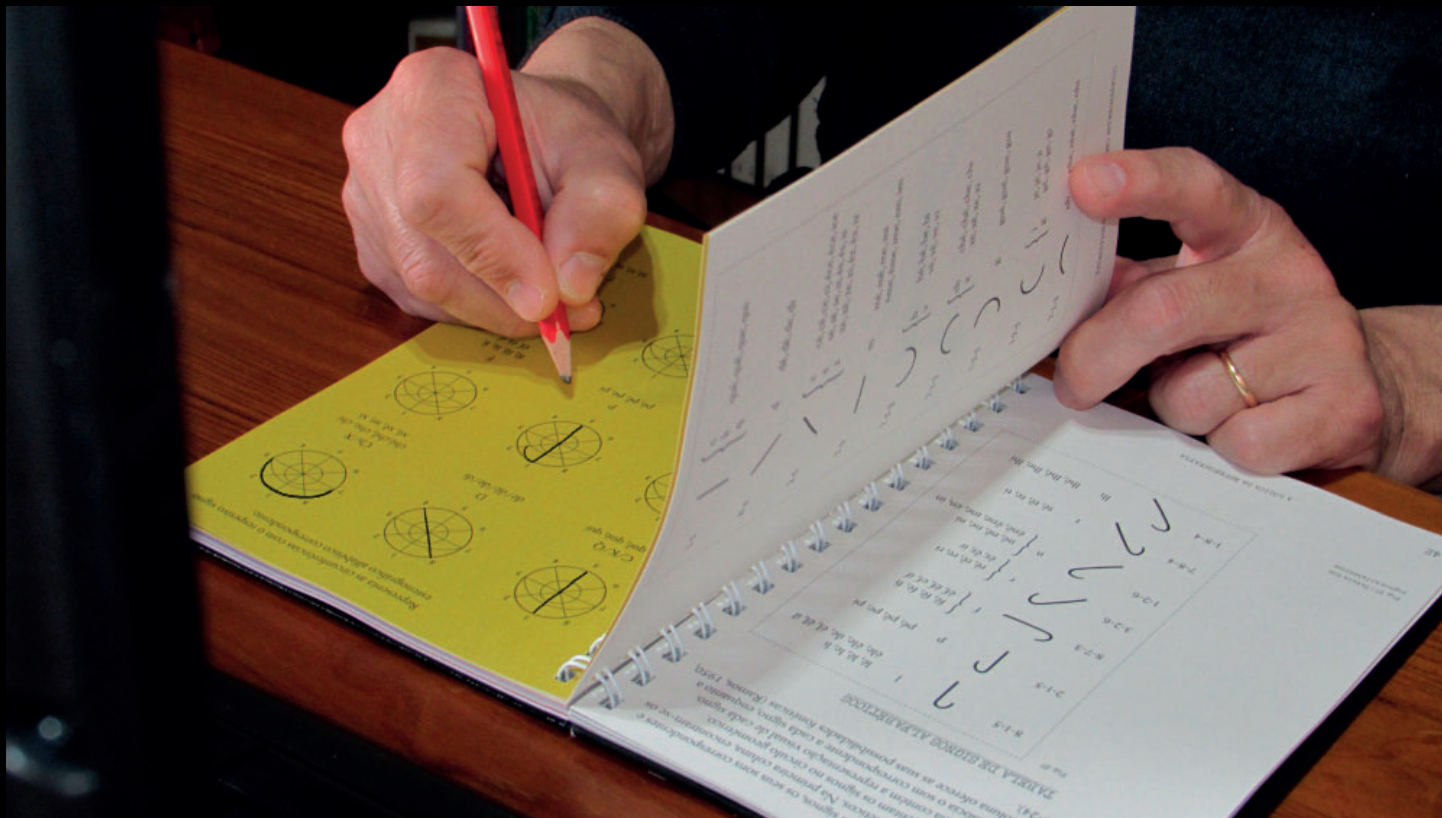


Fig. 56 | Realização do exercício do alfabeto estenográfico

# ABREVIATURAS SONORAS

Como a simples substituição das letras pelos seus signos alfabéticos não é suficiente para garantir uma escrita estenográfica eficaz, mostra-se vantajoso utilizarmos os sons sintéticos. Neste sentido, o exercício que se segue, tem como objetivo abreviar e substituir os sons pelos seus respectivos sons sintéticos.

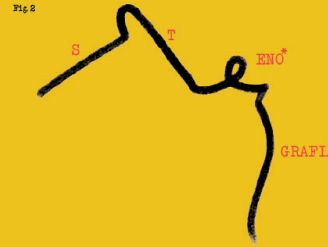
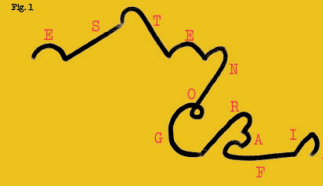


Fig. 1 - Palavra «Batenografia» escrita sem recorrer à incorporação de sons sintéticos. Foi escrita apenas com signos alfabéticos.

Fig. 2 - Palavra «Batenografia» escrita incorporando sons sintéticos e signos alfabéticos.

† Son final e arbitrário de "ano" da variação "ano". Para ver mais variações consultar a tabela de sons sintéticos da página 48 e 49.

\* Son final e arbitrário "grafia".

GRAFIA ABREVIATURAS SONORAS

GRAFIA ABREVIATURAS SONORAS

1. Substitui as seguintes palavras, pelos seus respectivos signos alfabéticos.

IMODESTO MODA LIMA

**DICA** Consulta os signos alfabéticos do exercício anterior ou os da página 42 e 43. Têm em atenção, a direção e o tamanho dos signos.

GRAFIA ABREVIATURAS SONORAS

2. Substitui as seguintes palavras, pelos seus respectivos sons sintéticos correspondentes.

IMODESTO PATO LIGAÇÃO

**NOTAS** O "o" quando está entre dois signos retos escreve-se no ângulo exterior; quando está antes ou depois de um signo curvo escreve-se no seu interior.



«dos»

2 signos retos



«opor»

1 signo reto  
1 signo curvo



«ovo»

2 signos curvos

GRAFIA ABREVIATURAS SONORAS

Fig. 57 | Exercício das abreviaturas sonoras

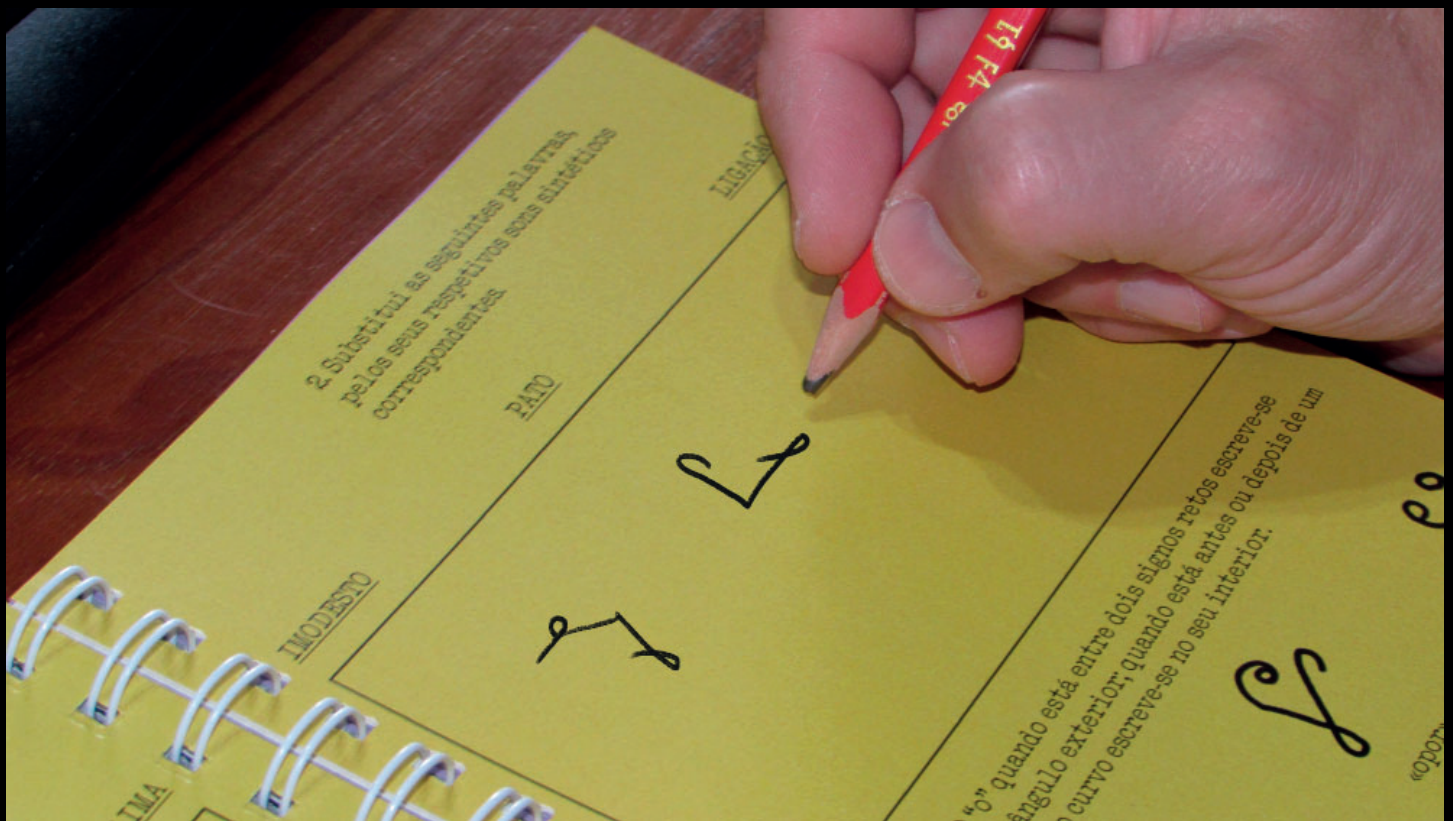
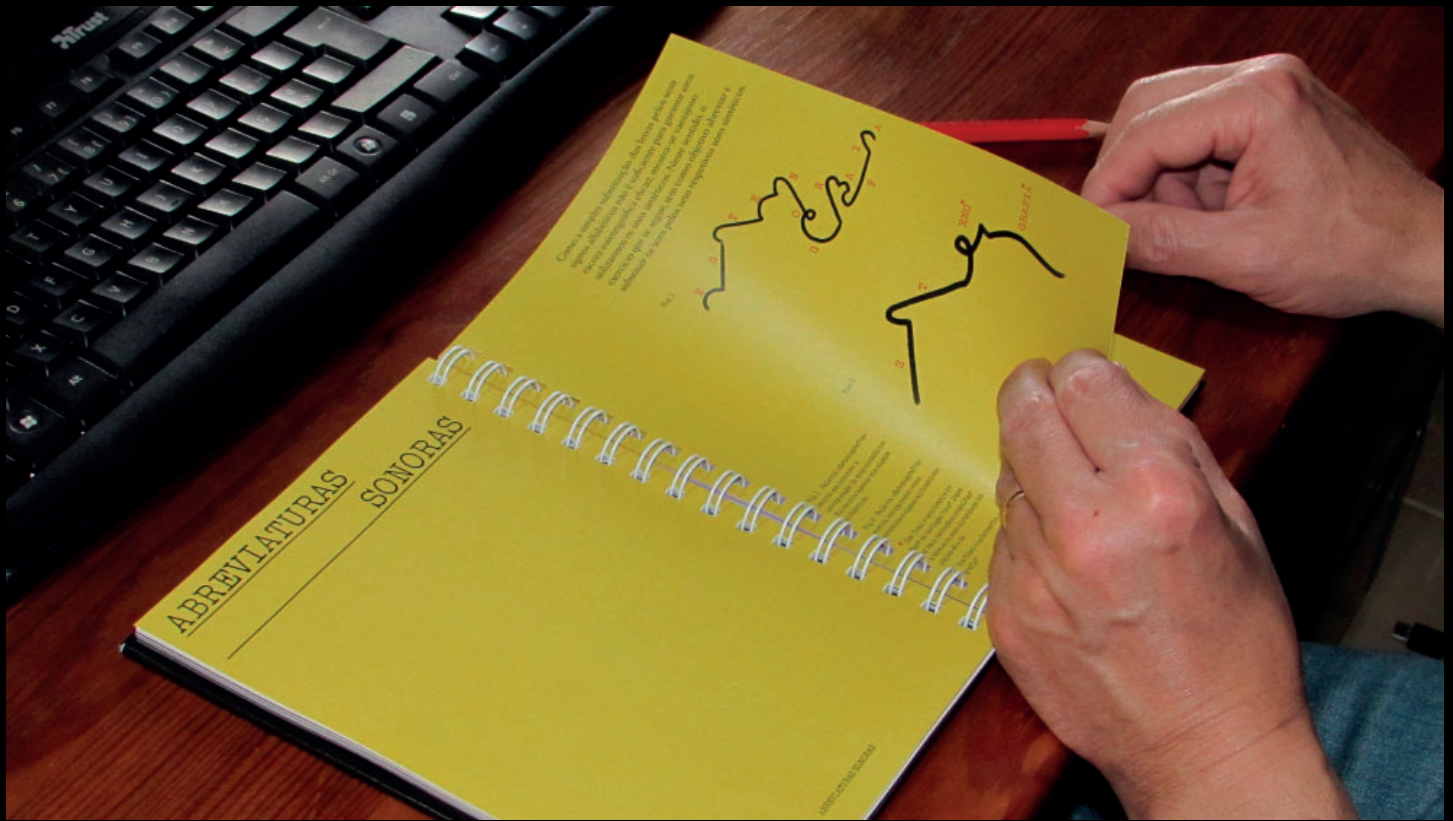


Fig. 58 | Realização do exercício das abreviaturas sonoras

# LEOPOLDO

## DE

# CARVALHO

A seguir, apresentamos todos os sons sintéticos apresentados no manual de Leopoldo de Carvalho.

### SONS INICIAIS

sons que só podem ser aplicados no princípio das palavras

com  
condes

### SONS ARBITRÁRIOS

sons que só podem ser aplicados indistintamente no princípio, meio e fim das palavras

ato

ato, eto, ito, oto, uto  
at, et, it, ot, ut  
ate, ete, ite, ote, ute

agro

agro, egro, igro, ogro, ugro  
agr, egr, igr, ogr, ugr  
ango, engo, ingo, ongo, ungo  
ang, eng, ing, ong, ung

GRAFIA

LEOPOLDO DE CARVALHO

GRAFIA

LEOPOLDO DE CARVALHO

Dica: Consultar som sintético terminal "aro" das páginas anteriores

1. Com o signo estenográfico dado escreva todas as possibilidades que esta palavra pode adquirir, tendo em conta todos os sons que pode ter.



B/V - aro

barro

.....

.....

.....

.....

.....

.....

GRAFIA

LEOPOLDO DE CARVALHO

2. Com o signo estenográfico dado escreva palavras possíveis de serem incorporadas com o signo sintético terminal seguinte:



amo

fumo

.....

.....

.....

.....

.....

.....

GRAFIA

LEOPOLDO DE CARVALHO

Fig. 59 | Exercício Leopoldo de Carvalho

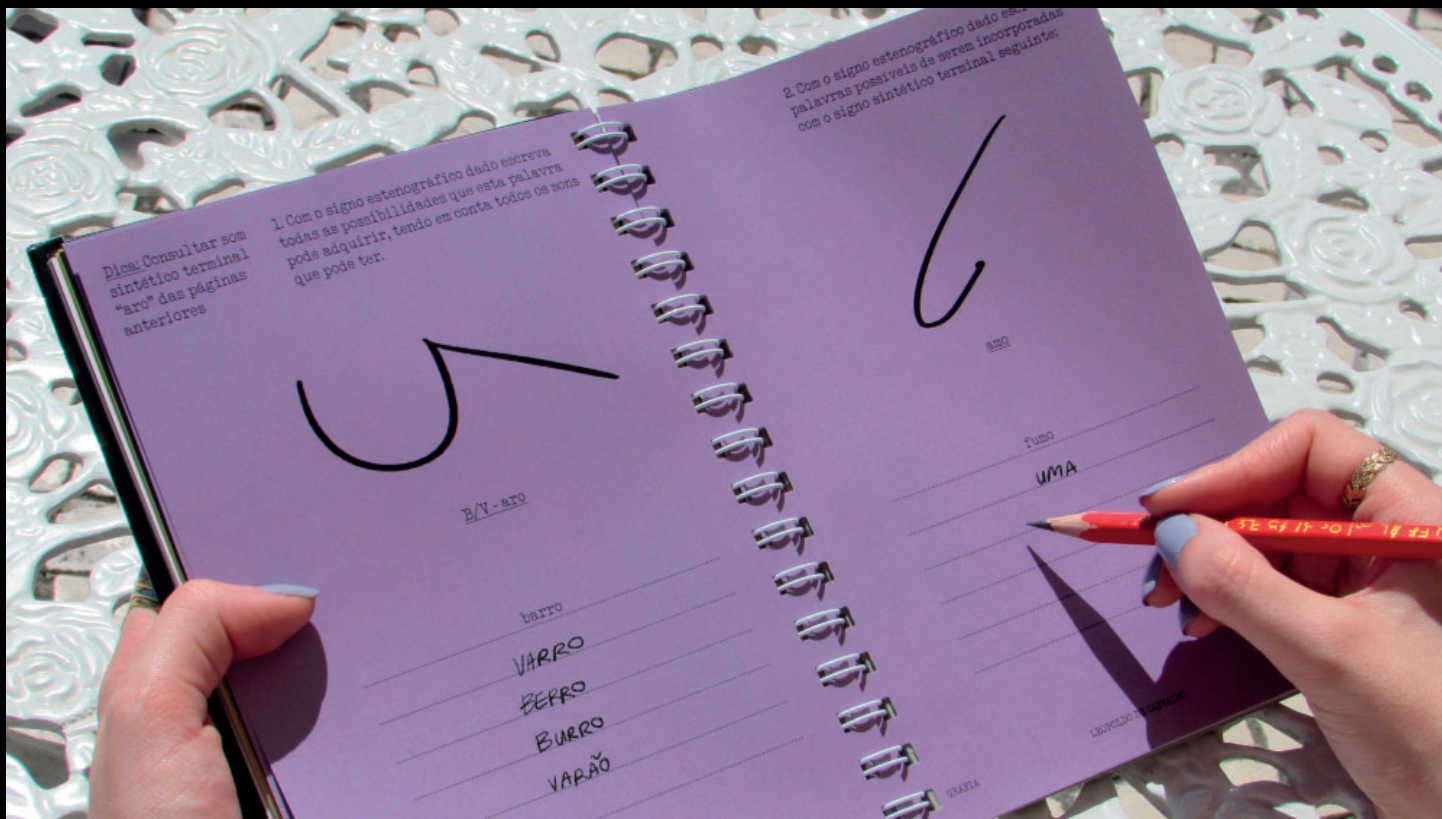
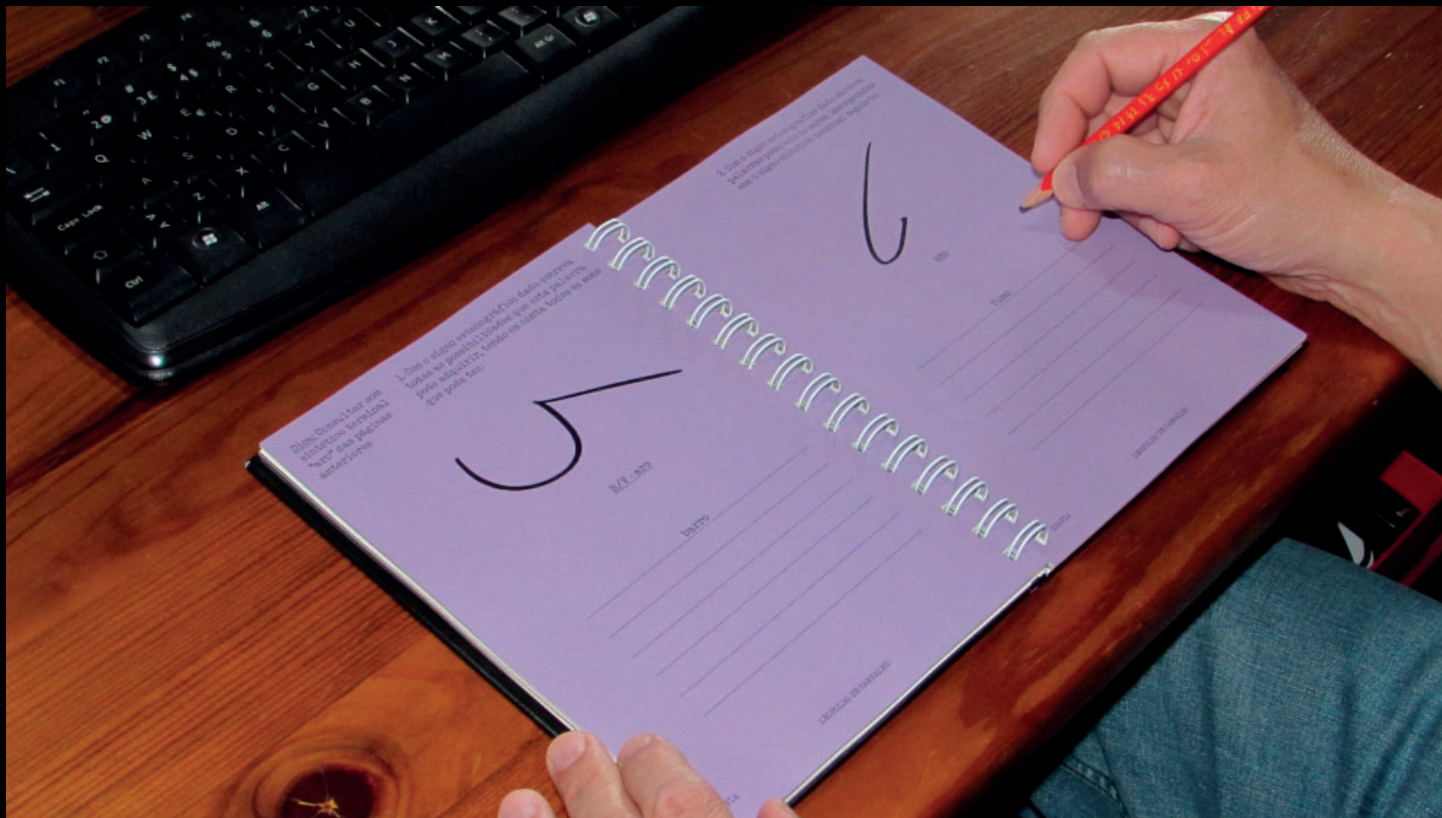
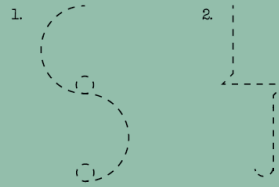


Fig. 60 | Realização do exercício do Leopoldo de Carvalho

Nota: Consulta o primeiro exercício ou a tabela de signos alfabéticos da página 42 e 43

No seu manual, Francisco Póvoas destaca a importância dos signos sintéticos, demonstrando através dos seus exercícios as inconveniências que algumas palavras apresentam quando escritas apenas com signos alfabéticos.

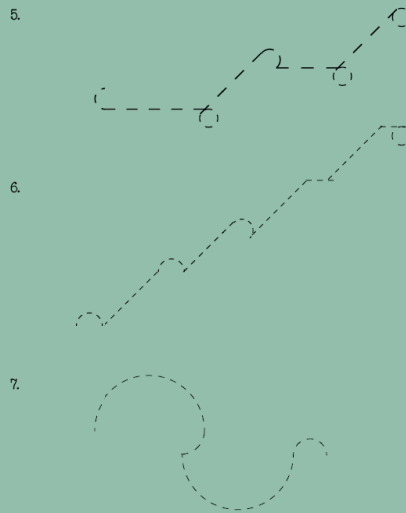
De seguida, conecta os pontos sem levantar o lápis de forma a identificar os signos alfabéticos presentes e, assim, descobrir a palavra correspondente.



1. \_\_\_\_\_  
2. \_\_\_\_\_



3. \_\_\_\_\_  
4. \_\_\_\_\_



5. \_\_\_\_\_  
6. \_\_\_\_\_  
7. \_\_\_\_\_

Fig. 61 | Exercício Francisco Póvoas

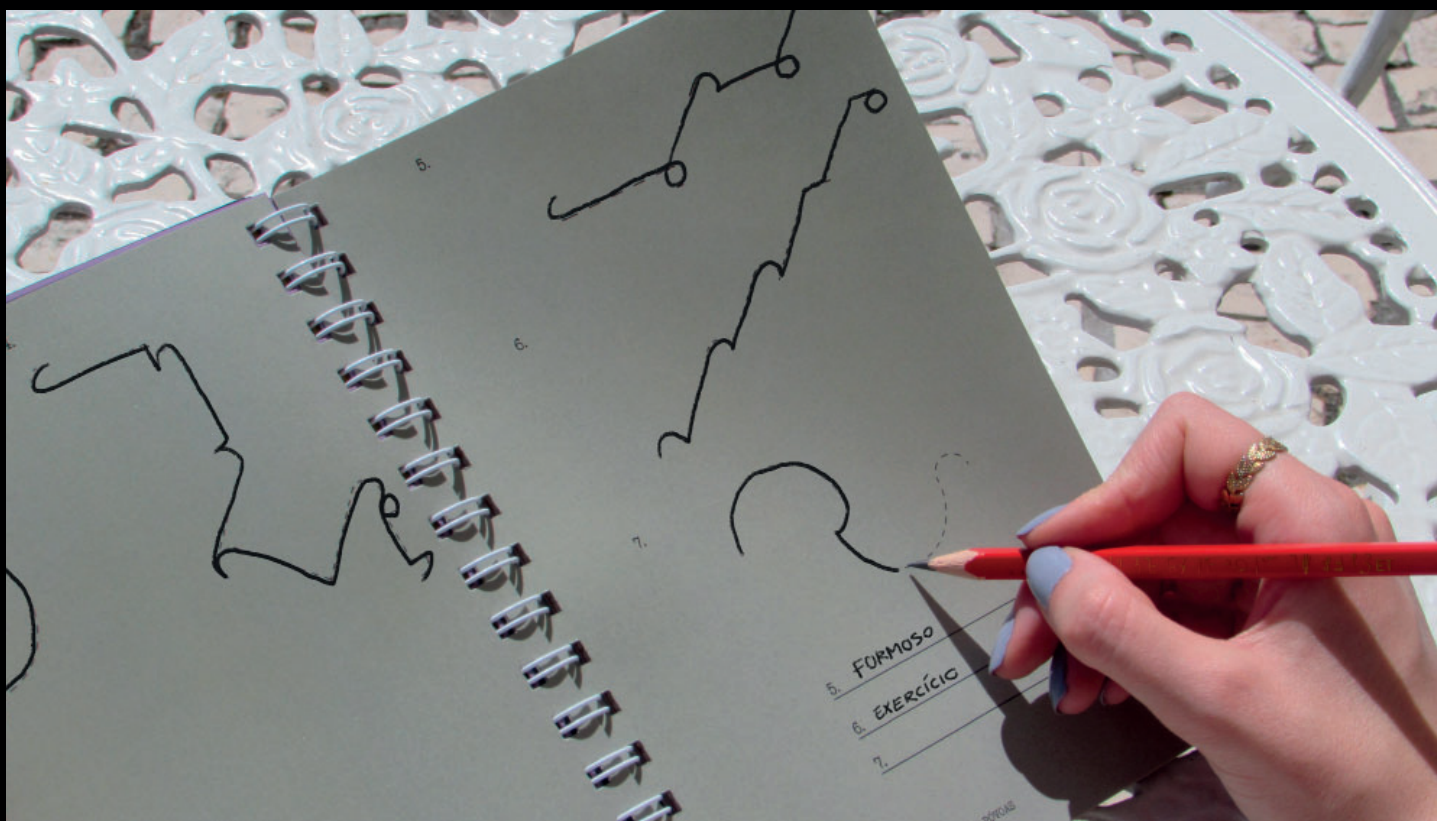
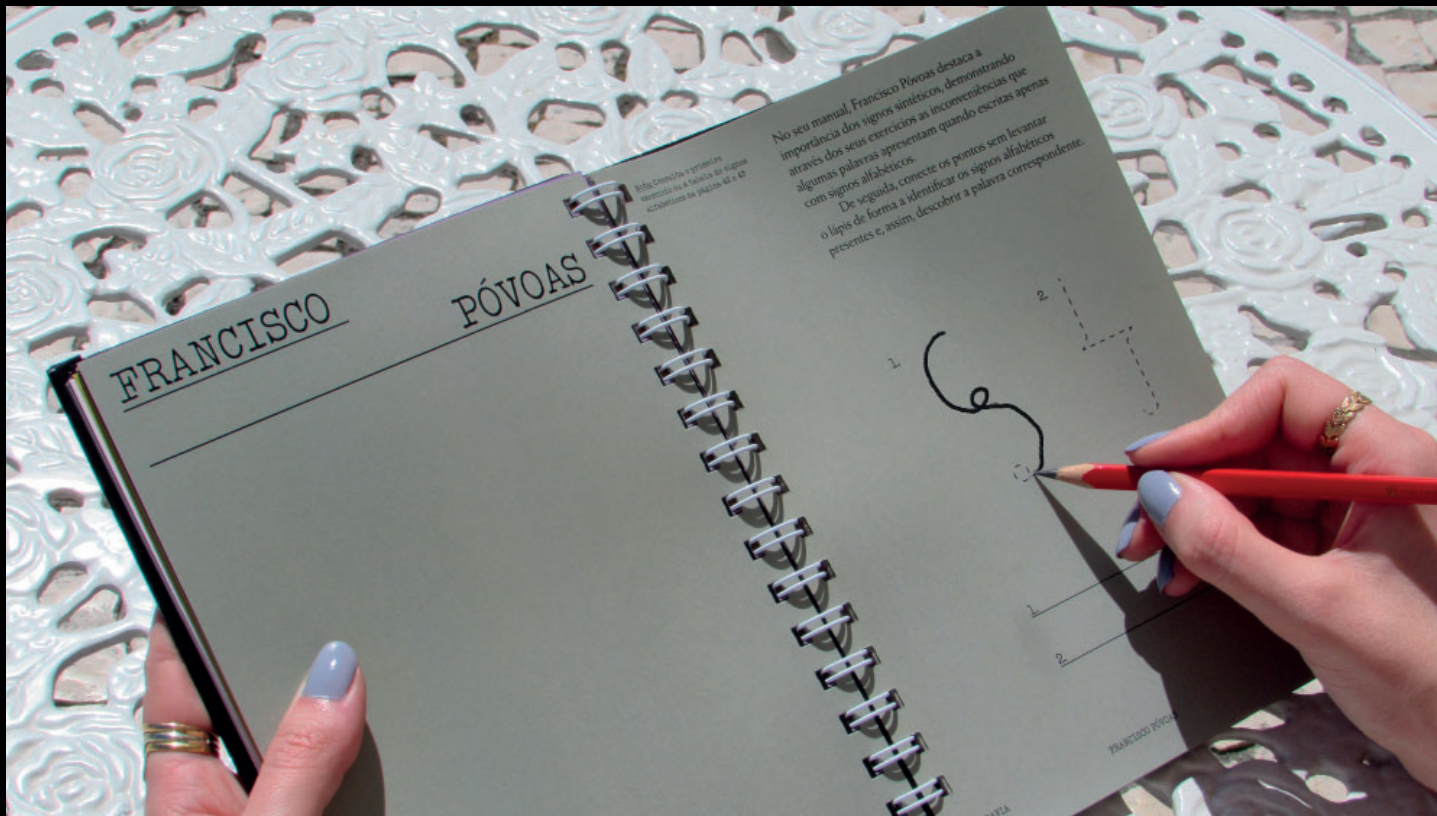


Fig. 62 | Realização do exercício do Francisco Póvoas

# PAULO DE CANTOS

A seguir, apresentamos o alfabeto do sistema Cantiano, que se baseia nas terminações características de cada letra, em vez de utilizar o círculo geométrico de Martí, como acontece com outros sistemas.

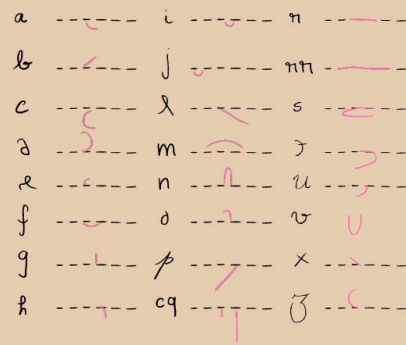


Fig. 1

Fig. 3 - O alfabeto no sistema Cantiano

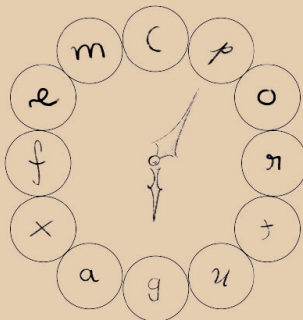
GRAFIA

PAULO DE CANTOS

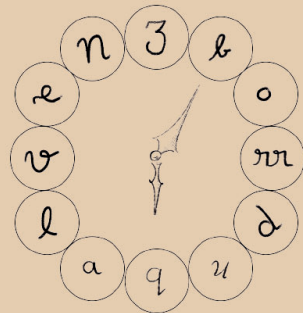
GRAFIA

PAULO DE CANTOS

AM



PM



Com base no exemplo anterior, descubra a palavra estenográfica correspondente a cada hora apresentada.

22h25 ..... 12h10 ..... 5h55 ..... 20h50 ..... 16h35 ..... 2h15 .....  
 17h ..... 7h ..... 00h55 ..... 12h ..... 4h35 .....  
 7h ..... 12h .....

Abreviatura Sonora

.....

Frase

.....

GRAFIA

PAULO DE CANTOS

GRAFIA

PAULO DE CANTOS

Fig. 63 | Exercício Paulo de Cantos

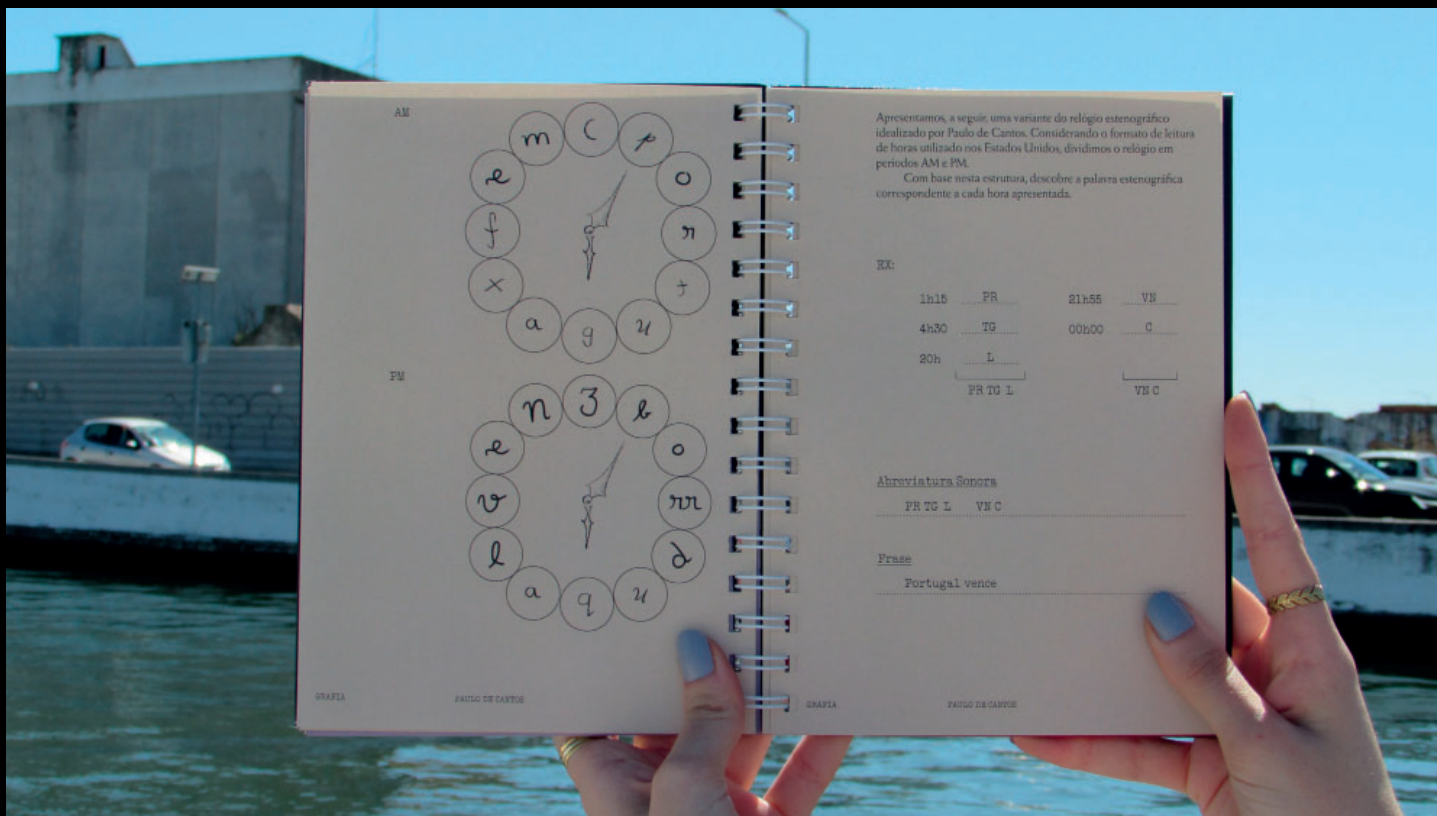
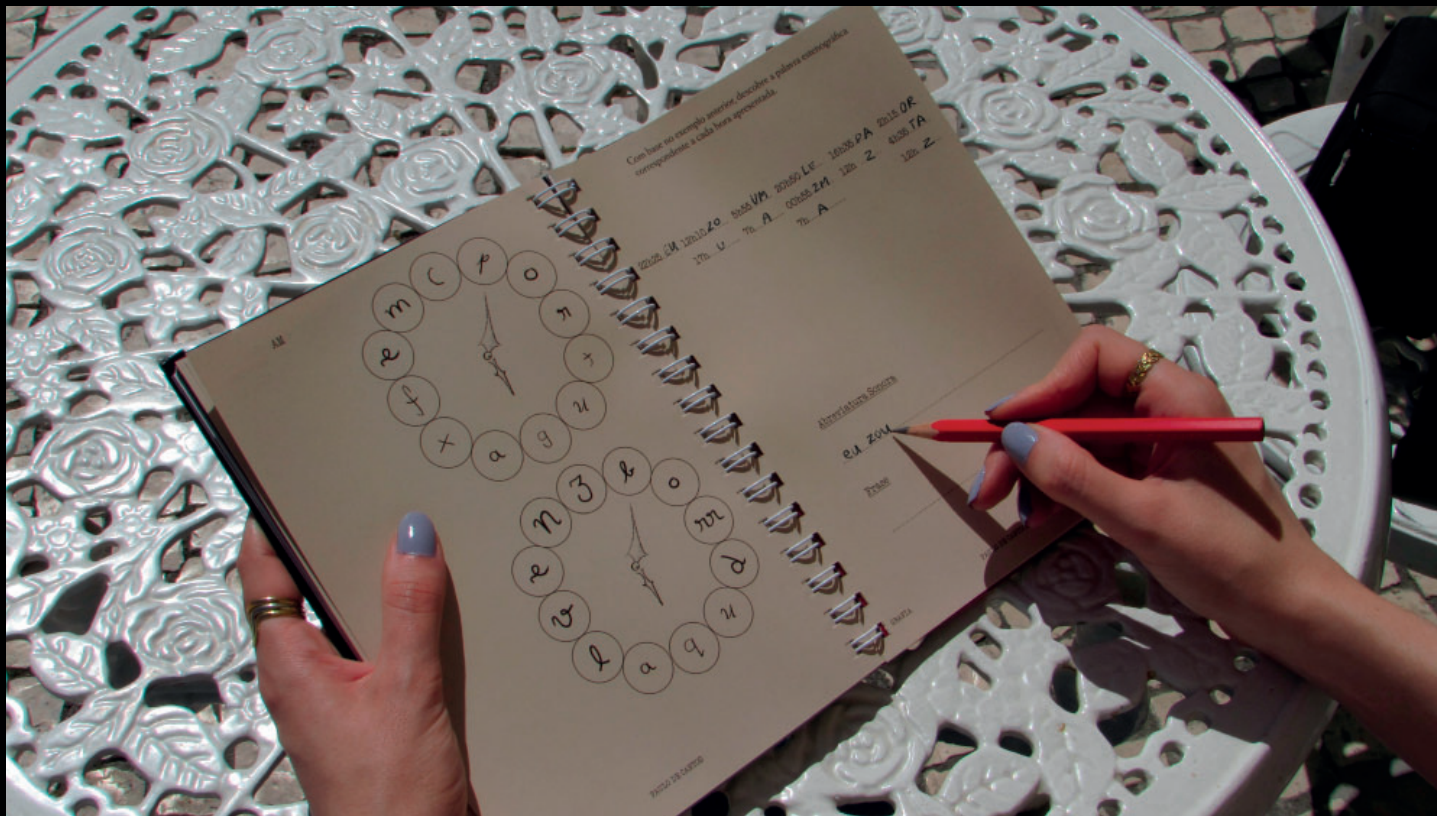


Fig. 64 | Realização do exercício de Paulo de Cantos

# JOSÉ RAMOS

Tendo em conta que a estenografia procura a máxima simplificação das formas, eliminam-se os elementos desnecessários para que as palavras alcancem a sua maior simplicidade sonora, de acordo com as seguintes regras:

1. Suprimem-se as vogais "e" e "i" por virtude das consoantes terem esse valor fonético e não ser se forem ditongos;
2. O "h" não tem som quando é inicial e portanto em estenografia não se escreve;
3. Em estenografia atende-se exclusivamente ao som da palavra próprio ou semelhante desprezando-se a ortografia;
4. Havendo necessidade de repetir a mesma consoante ligada escreve-se uma em tamanho maior;
5. Omitem-se certos ditongos ou substituem-se por uma vogal.  
P.e. Queira --> q'ra

Ex:

Queira me ver esse recibo — Suprime-se «e»  
e «i»  
Omite-se ditongo 2 consoantes  
iguais, omite-se 1  
par 1 para escrever  
a outra maior

Abreviatura Sonora ..... Q/ra m vr es rcibo .....

GRAFIA

JOSÉ RAMOS

GRAFIA

JOSÉ RAMOS

1. Simplifique as seguintes frases, tendo em conta as regras mencionadas anteriormente.

1.1 Aquele homem  
parece            um touro

Abreviatura Sonora .....

1.2 O meu primo soube  
da            festa

Abreviatura Sonora .....

1.3 Fui o pedir por  
escrito

Abreviatura Sonora .....

1.3 Sabes lá o que é  
um            moleiro!

Abreviatura Sonora .....

GRAFIA

JOSÉ RAMOS

GRAFIA

JOSÉ RAMOS

Fig. 65 | Exercício  
José Ramos



Fig. 66 | Realização do exercício do José Ramos

# CONCLUSÃO

106	Conclusão
111	Limitações do estudo

## Conclusão

O presente projeto caracteriza-se pelo estudo da estenografia, tanto no seu carácter histórico como técnico. O objetivo é proporcionar um enquadramento geral para a realização de uma publicação que reúna a história da origem da estenografia, bem como a sua evolução no mundo e em Portugal. Além disso, pretende oferecer uma compreensão rápida e clara da lógica da escrita estenográfica. Para tal, inclui exercícios práticos que evidenciam as diferenças entre os sistemas propostos pelos diversos autores apresentados ao longo da publicação.

Esta investigação teve início com uma revisão da literatura sobre o tema, de forma a compreender a sua origem, evolução histórica e diversas manifestações, procurando, assim, responder à questão: **«Quais são os principais sistemas de estenografia?»**

Constatámos que os principais sistemas de estenografia incluíram o sistema Tironiano (63 a.c.), o sistema de Samuel Taylor (1786), o sistema Pitman (1830) e o sistema Gregg (1880). De modo a responder à questão: **«Quais foram os sistemas de estenografia utilizados em Portugal?»** procedeu-se à recolha de livros e manuais sobre o tema. Para o efeito, foi realizada uma pesquisa em arquivos, bibliotecas e alfarrabistas que identificou uma **amostra de 4 manuais**: Estenografia Portuguesa, de Leopoldo de Carvalho; Tratado de Estenografia, de Francisco Póvoas; Esteno, de Paulo de Cantos; Estenografia Prática, de José Ramos.

Após o estudo e análise de cada um dos manuais, com o objetivo de compreender, de forma geral, cada sistema, apercebemo-nos da diversidade de contribuições na área, o que nos levou a questionar qual o sistema predominante.

Através da realização de entrevistas descobrimos que, em Portugal, o principal sistema de estenografia terá sido o sistema Martiniano ou Martí (1822) dando assim resposta à questão de investigação anterior.

Relativamente às entrevistas realizadas, estas tiveram como principal foco: O Ensino de Estenografia; A Estenografia enquanto área profissional; Os sistemas de estenografia ensinados em Portugal (quais existiam); e a relação das pessoas com a estenografia na época.

As entrevistas permitiram recolher informações detalhadas sobre o ensino de estenografia no país. Constatou-se que cada professor de estenografia elaborava o seu próprio manual, baseando-se em livros especializados e no conhecimento adquirido ao longo da sua formação. Inicialmente, esses manuais e sebatas eram reproduzidos por stencil e copiados à máquina, mas, mais tarde, os exercícios passaram a ser impressos através de fotocopiadoras. Os exercícios realizados pelos alunos consistiam, sobretudo, em ditados escritos a lápis. Era comum os alunos terem sempre dois lápis à mão, caso a ponta de um deles se partisse. Quando cometiam erros, não os apagavam; limitavam-se a riscar e continuavam a escrever.

Nas avaliações, os exercícios incluíam frases que os alunos deviam transcrever em estenografia e textos ditados, que os alunos estenografavam e posteriormente traduziam para verificar a precisão em relação ao texto original. O tempo para realizar a retroversão era limitado. Utilizava-se papel comum branco, dividido ao meio, de forma a reduzir o tempo gasto no retorno da mão ao início da página. Quanto mais estreita fosse a coluna, mais rápida era a escrita. Um dos elementos essenciais exigidos aos alunos era a velocidade de escrita em estenografia, sendo o ideal alcançar as 120 palavras por minuto. O ensino da estenografia incluía tanto o português como o francês, devido às relações comerciais de Portugal com França e à necessidade de redigir cartas comerciais em ambos os idiomas.

As entrevistadas destacaram dois desafios principais na aprendizagem da estenografia: por um lado, a memori-

zação das abreviaturas e, por outro, a transcrição do que tinham escrito em estenografia para escrita comum, especialmente após algum tempo decorrido desde a anotação.

De seguida, procurámos analisar os sistemas apresentados pelos autores identificados na recolha bibliográfica, de forma a responder à questão: «**Quais são as suas principais diferenças?**». Para isso, elaborámos duas tabelas: A tabela de sistemas, concebida para reunir os pontos em comum e identificar as diferenças entre os sistemas e as tabelas diagramáticas criadas com o propósito de comparar graficamente o modo como a informação era estruturada e representada.

Estas permitiram-nos concluir que a maioria dos sistemas (Póvoas, Ramos e Carvalho) utilizaram o sistema Martiniano como base, baseando-se no círculo geométrico para criar o respetivo alfabeto estenográfico. Deste modo, os seus sistemas revelam-se simultaneamente geométricos e fonéticos. Por outro lado, o sistema de Cantos, apesar de partilhar essa natureza geométrica e fonética, distingue-se pelo seu alfabeto, por utilizar as terminações características de cada letra.

Apesar da maioria partilhar a mesma base, diferenciam-se em diferentes aspetos que agrupámos nas seguintes categorias: natureza; alfabeto; vogais e consoantes; pontuação; numeração; datas; abreviaturas e supressões; pronomes; nomes e artigos.

Esta análise revelou que a maioria dos sistemas são bastante semelhantes entre si, apresentando apenas algumas diferenças subtis como:

As vogais e consoantes têm valores fonéticos atribuídos, sendo as vogais menores em tamanho relativamente ao tamanho das consoantes e omitidas sempre que possível. Certos ditongos são simplificados para uma única vogal. A maioria dos sistemas dispensa pontuação, com exceção do sistema de Cantos, onde propõe que em vez de utilizar o ponto de interrogação se empregue a abreviatura «sn» e

no sistema de José Ramos representa o ponto final através de um traço oblíquo.

Na numeração, o sistema de Paulo de Cantos e de Ramos estenografam algarismos, enquanto o sistema de Póvoas e de Carvalho os representam por extenso. Quanto às datas, a maioria dos sistemas não estenografa o mês, optando por escrevê-lo de forma abreviada ou por extenso na escrita comum. Apenas o sistema de Cantos utiliza algarismos para as datas.

As abreviaturas ordenam-se segundo a posição dos sons nas palavras nas quais são denominadas por sons sintéticos iniciais, finais ou variáveis. A maioria representa os pronomes com traços no estenograma e não estenografa nomes próprios, abreviando-os de forma vulgar. Todos dispensam signos para género, número ou formas verbais, confiando essa indicação ao artigo precedente. Apenas o sistema de Cantos não utiliza sons sintéticos iniciais, finais e variáveis apresentando em vez disso uma economia de sons fundamentada nas particularidades e nuances da língua portuguesa, recorrendo foneticamente a oito dialetos portugueses para criar determinadas abreviaturas.

Após a análise teórica, desenvolvemos uma publicação que visa expôr de forma clara a lógica da escrita estenográfica, facilitando a sua aplicação e compreensão. A obra também explora o contexto histórico, a evolução da estenografia e a sua utilização em Portugal.

Para a conceção da publicação, recorreremos tanto à pesquisa bibliográfica previamente realizada sobre a história da estenografia, apresentada no capítulo de enquadramento, como à análise dos manuais no capítulo dos casos de estudo. Esta análise permitiu-nos desenvolver os exercícios, definidos em diferentes tipologias, cada uma focada no desenvolvimento das competências essenciais para a escrita estenográfica. Estas incluem: Saber identificar os signos alfabéticos conforme a sua fonética; Estar ciente das particularidades; Reconhecer a importância e saber aplicar a escrita sintética e reconhecer que a estenografia não atende à ortografia.

Posteriormente organizámos os exercícios por níveis de dificuldade, estrategicamente integrados para introduzir uma dimensão lúdica de forma a elucidar os diferentes sistemas abordados.

Estes exercícios têm dois objetivos principais: por um lado, apresentar ao leitor a lógica da escrita estenográfica de forma simples; por outro, evidenciar as diferenças entre os sistemas propostos pelos autores, permitindo assim, explorar as potencialidades pedagógicas e de design que acarretam enquanto métodos heurísticos.

Preocupámo-nos em assegurar que os exercícios ilustrassem não apenas a lógica subjacente à escrita estenográfica, mas também as particularidades de cada sistema. Para isso, os exercícios que acompanham as secções dedicadas a cada autor foram elaborados com base nos seus manuais, garantindo uma conexão direta com as suas metodologias.

Por último, procurámos responder à última questão de investigação: **«Qual é a pertinência prática da estenografia na atualidade?»** Ao longo da conceção desta dissertação, foram surgindo diversas ideias sobre a aplicação contemporânea da estenografia. Este estudo abre caminho para que este conhecimento possa ser aplicado, por exemplo, para treinar modelos de machine learning na descodificação de documentos de arquivo, ampliando o seu potencial em áreas como a inteligência artificial e a preservação do património histórico. Adicionalmente, quando inserida no universo do «design fiction», a estenografia pode levantar questões especulativas e práticas sobre cenários alternativos despertando reflexões sobre as novas formas de produção e consumo de informação.

### **Limitações do estudo**

Dado que o presente estudo é pioneiro nesta área, as fontes disponíveis limitaram a investigação, por exemplo no estudo do sistema martiniano cuja análise não foi possível realizar bem como o estudo de outros sistemas, designadamente «Curso Geral de Estenografia» de Joaquim Travassos-Lopes Mendonça Santos Marques, e «Estenografia: escrita rápida; sistema C.G.C em sete lições ao alcance de todos» por Cândido Gomes Craveiro, dado que não foi viável reunir todos os manuais de estenografia disponíveis.

Apesar da aplicação prática dos sistemas nos exercícios, a sua validação permanece limitada pela ausência de confirmação por especialistas ou praticantes experientes na matéria.



# ANEXOS

114	Consentimento para entrevististas
116	Entrevista 1 - Fátima Teixeira
124	Entrevista 2 - Fátima Almeida
132	Recursos de trabalho - Miro
134	Recursos de trabalho - Figma
140	Encontros de Tipografia



Beatriz Fernandes  
Estudante

Data 31 / 01 / 23

Telemóvel 913773972  
Email beatrizmartfernandes@gmail.com

### CONSENTIMENTO INFORMADO

O presente estudo tem enquadramento no âmbito do projeto de mestrado em design gráfico no qual procura obter mais informações em relação ao universo da estenografia em Portugal. Assim, pretende-se recolher informações através dos depoimentos e vivências de pessoas que tiveram contacto com esta atividade. A aplicação deste conhecimento irá permitir o enriquecimento do projeto, e contribuir para este domínio.

### PROCEDIMENTO

A recolha de dados será feita através de entrevistas. Estas serão gravadas em formato vídeo e áudio. Eventualmente serão realizadas notas de campo.

### TRATAMENTO DE DADOS

Os dados recolhidos através destas entrevistas não serão tornados públicos.

### CONFIDENCIALIDADE

Qualquer informação obtida no âmbito deste estudo será confidencial e unicamente utilizada para fins académicos. O seu uso será exclusivo no âmbito desta tese de mestrado bem como futuros trabalhos relacionados, tais como, artigos científicos.

Tendo o referido em conta, concordo em participar de livre e espontânea vontade neste estudo, e dou o meu consentimento para o tratamento de dados, concordando que os mesmos sejam apresentados em projetos académicos e futuros trabalhos relacionados.

Ass: Flávia de Fátima Bot. Batista Teixeira

Obrigada pela sua disponibilidade e interesse!

Beatriz Fernandes  
Estudante

Data 02 / 02 / 23

Telemóvel 913773972  
Email beatrizmartfernandes@gmail.com

### **CONSENTIMENTO INFORMADO**

O presente estudo tem enquadramento no âmbito do projeto de mestrado em design gráfico no qual procura obter mais informações em relação ao universo da estenografia em Portugal. Assim, pretende-se recolher informações através dos depoimentos e vivências de pessoas que tiveram contacto com esta atividade. A aplicação deste conhecimento irá permitir o enriquecimento do projeto, e contribuir para este domínio.

### **PROCEDIMENTO**

A recolha de dados será feita através de entrevistas. Estas serão gravadas em formato vídeo e áudio. Eventualmente serão realizadas notas de campo.

### **TRATAMENTO DE DADOS**

Os dados recolhidos através destas entrevistas não serão tornados públicos.

### **CONFIDENCIALIDADE**

Qualquer informação obtida no âmbito deste estudo será confidencial e unicamente utilizada para fins académicos. O seu uso será exclusivo no âmbito desta tese de mestrado bem como futuros trabalhos relacionados, tais como, artigos científicos.

Tendo o referido em conta, concordo em participar de livre e espontânea vontade neste estudo, e dou o meu consentimento para o tratamento de dados, concordando que os mesmos sejam apresentados em projetos académicos e futuros trabalhos relacionados.

Ass: 

Obrigada pela sua disponibilidade e interesse!

**Data:** 31/01/2023

**Nome:** Fátima Teixeira

**Ocupação:** Funcionária da Avelab/Enfermeira/Funcionária de Análises Clínicas/trabalha em laboratório

**Relação com a Estenografia:** Antiga Aluna no curso de Secretariado e Relações Públicas da Escola Industrial e Comercial de Aveiro

**Beatriz**

Onde aprendeu estenografia?

**Fátima Teixeira**

A estenografia, o quanto eu me recordo e nos era dito, o curso era de Secretariado e de Relações Públicas. Portanto, isto era feito para secretárias. Este curso era dado para as pessoas que nas empresas tinham o diretor nas reuniões (hoje já se escrevem no computador não é? ou gravam-se) naquela altura fazia-se em estenografia porque era muito mais rápido escrever em estenografia do que estar a escrever tudo. Excelentíssimo senhor doutor e não sei quê, e nos tribunais também usam muito, usavam muito porque eles falavam e elas escreviam e depois traduziam.

**Beatriz** (a folhear apontamentos)

Certo. Agora que estou a reparar nos seus apontamentos, noto que os exercícios que faziam eram sempre a lápis. Não utilizavam caneta?

**Fátima Teixeira**

Não, não. Era sempre a lápis que era para podermos apagar.

**Beatriz**

E em termos de papel, não usavam nenhum em específico? Pergunto porque nas minhas pesquisas recorrentemente vejo papéis, A4 como a senhora os tem, mas com uma divisória a meio, de forma a que a mão não tenha de passar pelo comprimento todo da folha. Suponho que também tenha sido uma forma de economia de tempo.

**Fátima Teixeira**

Usávamos papel comum. Nada de especial. É esse papel que tem nas mãos.

**Beatriz**

E as aulas como eram? Faziam ditados?

**Fátima Teixeira**

Sim, tínhamos tínhamos. Os ditados podiam ser tanto ditados em estenografia como em discurso normal.

**Beatriz** (a folhear apontamentos)

Pergunto-me se o sistema que aprendeu foi o sistema Marti ou martiniano. Sabe?

**Fátima Teixeira**

Marti?

**Beatriz**

Sim. Com base nas minhas pesquisas, o sistema Martí penso (mas não tenho nenhuma confirmação) tenha sido o sistema estenográfico mais utilizado em Portugal, ou pelo menos tenha sido o sistema que tenha sido implementado nas escolas.

**Fátima Teixeira**

Eu sei que há muito pouca gente que sabe estenografia. Se calhar antes do nosso curso (não sei como é que as secretárias aprendiam) que já havia secretárias há muito, mas agora não faço ideia. Isto também era tudo novo, quando criaram isto, foi o primeiro ano que criaram os cursos complementares...Só havia uma professora que dava isso...Era sempre a mesma.

**Beatriz**

Ainda se lembra do nome da sua professora?

**Fátima Teixeira**

Era Elsa. Eu nunca mais a vi, mas sei que ela morava no...no edifício...no arranha-céus. Elsa..Sei que era Elsa, uma senhora baixinha.

**Beatriz**

Por acaso não se lembra do último nome, pois não?

**Fátima Teixeira**

Pois não. Eu nem sei se-... Depois até havemos de ir ali-que ela tinha uma loja ali ao lado da esquina viva durante muitos anos.

**Beatriz**

Ok!

**Fátima Teixeira**

Que ela depois deixou de dar aulas tá a ver? Se calhar acabaram estas disciplinas e eu não sei onde é que ela tinha aprendido.

**Beatriz**

Pois.

**Fátima Teixeira**

Elsa...deixa ver se a Ana se lembra. Ela era até nossa utente..Ela até tinha aí a assinatura mas eu não sei já não me lembro.

*(A Fátima começa a ligar à Ana e ainda para mais pessoas para descobrir o nome da professora)*

**Fátima Teixeira**

Elsa Regina Teixeira. E nós nem tínhamos manuais. Ela dava a matéria e os exercícios era ela que passava.

**Beatriz**

Olhe, está a dar-me uma novidade. Estava convencida de que pelo menos um manual de estenografia teriam.

**Fátima Teixeira**

Tu já foste à Escola Comercial?

**Beatriz**

Ainda não. Mas acha que ainda teriam documentos de estenografia ainda? Que eu possa ver?

**Fátima Teixeira**

Eles têm lá uma biblioteca muito grande, e tu podes visitar a biblioteca que tem livros antiquíssimos. E como esta era uma disciplina dada na escola comercial, é natural que eles tenham. Porque no liceu não haviam. Tu sabes que antes do 25 de Abril, o ensino era muito distinto. Porque um era mais para o campo do trabalho e o outro era mais para as ciências. Quem queria ir para medicina tinha de ir para o liceu, quem queria ir para farmácia tinha de ir para o Liceu. Nós, na escola comercial, era mais para o campo de trabalho. Mais engenheiros, mecânicos, contabilistas. Quem quisesse depois seguir outro ramo e fazer- por exemplo, até faziam o quinto ano na escola comercial depois iam fazer o sexto e o sétimo no liceu. Para poderem ingressar depois noutra-na faculdade, nos cursos que eles queriam. De ciências, ou de letras ou-não haviam tantos como há hoje não é? Mas, o que é que eu acho, há muitos quadros superiores aí de empresas que saíram da escola comercial. Porque depois não continuavam a estudar, depois iam para o instituto, depois iam ao Porto fazer exame porque não havia cá em Aveiro. Agora já há o ISCA. Antigamente não. O ensino era completamente diferente. E as propinas também eram muito mais baratas nas escolas do que no liceu. Porque-lá está, as pessoas mais pobres, eu falo por mim, iam para a escola comercial, que era o mais acessível. As pessoas com poder económico iam para o liceu. Antes do 25 de Abril havia essa separação, e muito pouca gente estudava, como tu sabes. E ingressavam no campo de trabalho muito mais cedo. Uma coisa boa que o 25 de Abril trouxe foi acesso a toda a gente para estudar. Os que não querem, não estudem. O ensino é gratuito para todos.

Mas é como eu te digo, eu fui pioneira no curso. Aquilo era tudo uma adaptação. Eu estou mesmo a ver, a professora devia ter umas noções, eu não sei porquê que ela começou a dar estenografia. De onde é que ela vinha..aahm e depois se calhar até acabou. Não sabia, nesse ano sei que tivemos e fizemos algumas cartas-Ah demos os tons, aquilo era mais por ditongos e por sons. Nós pelo som é que fazíamos as coisas.

**Beatriz**

Certo. E também estou a ver pelos seus apontamentos que não só aprendeu estenografia portuguesa como francesa também.

**Fátima Teixeira**

Sim, depois também tivemos estenografia em francês. Isto nos 2 anos, eu não sei quanto tempo foi cada um. Ou se foi no primeiro ano ou no segundo estas mesmas- se as disciplinas foram sempre as mesmas. Devem ter sido. Percebe o que estou a dizer? Tivemos português não é? Inglês, Filosofia, Introdução à Política, se calhar (e isto também já não me

consigo lembrar) se os 2 anos foi debater sobre estas disciplinas, não é? 11 disciplinas. Se quiseres até podemos ir lá à escola que eles têm lá isto registado. Eles na escola comercial, fornecem-te isso. Nem que tenham de entrar no meu processo para ver. Porque isso eu já não me lembro. Agora, sei que os professores eram sempre os mesmos.

### **Beatriz**

Então esta professora que teve de estenografia se calhar até dava também outras disciplinas, sabe disso? Porque, se os professores eram sempre os mesmos..

### **Fátima Teixeira**

Pois. Mas como ela também só dava à noite...não sei se de dia...eu acho que ela até tinha outro emprego e à noite é que ia dar isto. E nós achávamos nessa altura, eu teria já 20 e tal anos, que havia professores bons mas a maioria dos professores eram fraquinhos. Ela era fraquinha. Ela não era assim uma expert. Uma pessoa que- como eu que eu hei de explicar...uma pessoa no qual pudéssemos tirar muitas dúvidas. Era aquilo e aquilo mesmo. Não sei onde ela se tinha baseado para nos ensinar. Penso que ela era uma aprendiz de feiticeiro (riso) ai se ela sabia que eu andava a dizer isto. Ela era simpática e muito nossa amiga, mas não...eu como era muito interessada e como andava a estudar à noite, a minha professora de português era muito meiguinha, muito- mas não puxava muito por nós, ela tinha pena de nós por sermos trabalhadores, sabes? E portanto, não exigia muito, e isso a mim aborrecia-me porque depois de um dia de trabalho e de ter meia aula em que ela não exigisse parecia que estava ali a fazer de conta. E acontecia-nos que alguns eram muito severos, muito exigentes.

*(A Fátima começa a falar dos outros professores que teve na escola profissional)*

Uns eram muito bonzinhos, e a minha professora de estenografia era uma delas. Penso até que ela tinha um estabelecimento que ela não era muito exigente. Pronto, dava-nos umas noções. Agora porquê que ela foi professora disso não sei. Aquilo para nós também foi tudo novo, a estenografia e já tinha tido desde o primeiro ano datilografia e a caligrafia, que eram coisas novas. Mas quando eu fui para o laboratório, estive na recepção 1 ano e já tinha feito um curso de datilografia. Porque como era para escrever à máquina, nós os processos que hoje se faz no computador, fazíamos na máquina. Chegavas lá para tirar sangue, tinha de tirar a data, o nome, a data de nascimento e era tudo na máquina, portanto nós tínhamos de saber escrever na máquina.

### **Beatriz**

Na sua área profissional acabou então por usar mais datilografia do que estenografia portanto.

### **Fátima Teixeira**

Sim, mas foi por pouco tempo, porque eu depois ingressei, mudei para técnica, fiz cursos de formação, que o doutor gostava muito de ser ele a ensinar. Ele dizia que preferia uma técnica formada por ele do que uma que viesse de uma escola. Dantes o curso chamava-se “preparadora de análises clínicas” que vinham cheias de vícios e não sabiam nada. Ele ensinava-nos do zero.

*(A Fátima começa a contar sobre o seu ensino para se tornar técnica, e de como ainda*

*hoje esse ensino lhe foi uma mais valia, e que muitas das estagiárias a quem ela ensina, ficam admiradas com o nível de conhecimento técnico que a Fátima possui.)*

**Fátima Teixeira** *(A rever material, e exercícios de estenografia)*

Olha, uma coisa que eu sempre fiz foi assinar o meu nome em estenografia.

*(Procede a escrever o seu nome em estenografia)*

E esta é a minha rubrica. Isto é um “f” um “ato” e um “ão”.

**Beatriz**

Por acaso, essas terminações são as que tenho mais dificuldade em entender.

**Fátima Teixeira**

Isto é Fátima. Inês é assim. É só o som “ano”, Inês só tem um som, só tem uma sílaba, que é “ano”. Por exemplo, Beatriz. Agora tenho de pensar. Tem o “B”, o som “ato” de bia, e triz. Tem 2 sons. Tem o “B” e depois tem o som “ato” e o som-...Bi-a-atriz...atoam, portanto bia, o som “ato” é assim e depois o “t”, o “i” e o “z” que acho que seria assim. Beatriz.

*(Eu e a Fátima continuamos a analisar os apontamentos dela, os exercícios e os ditados)*

**Fátima Teixeira**

Acho que os sons “ins” punham-se em cima, está a ver?

**Beatriz**

Ainda se lembra porque é que assim era? Qual era a regra?

**Fátima Teixeira**

Eu acho que eram estas, ai como é que isto se chamava...as conjunções. O “in” e o “e”. É que às vezes também ponhamos conjunções e vogais, não só os sons.

**Beatriz**

Aqui as terminações realmente podem significar muita coisa.

**Fátima Teixeira**

Depende do contexto da carta. E depois havia pessoas que já faziam isto automaticamente. Já sabiam mais ou menos as frases. Olha se quiseres levar isto, porque tu tens a estenografia e tens escrito à mão. Porque tu por aqui, és capaz de lá chegar melhor porque tu tens em estenografia e tens escrito manual. É um registo.

**Beatriz**

Se a Fátima não se importasse, agradecia-lhe.

**Fátima Teixeira**

Tu com isto és capaz de chegar a alguma conclusão mais depressa que eu.

**Beatriz**

Obrigada, obrigada.

**Fátima Teixeira**

Ah olha a tradução desta, está aqui. Agora onde estava este... não sei se foi ditado. Porque nós também fazíamos ditados. A professora lia-nos textos e nós tínhamos de datilografar. Então porque se eu era secretária eu tinha que registar o que estava a ouvir, tal como se fosse um ditado.

**Beatriz**

Gostou de aprender estenografia?

**Fátima Teixeira**

Olha é como te digo, foi uma coisa nova, é uma coisa rara. No laboratório (e isto agora é uma brincadeira) a minha irmã lembra-se sempre de eu fazer brincadeiras. Quando eu queria mandar alguém para o outro lado eu escrevia em estenografia porque ninguém percebia- (Risos - E elas assim, “ai escreveste ali uns hieróglifos e não sei quê” e eu “mal vocês sabem o que é que eu escrevi” (Risos) ia mandá-las à merda...(risos) e então, olha isto quer dizer merda \*estenografa a palavra merda (Mais risos). Estás a perceber? (Risos) Quando estava chateada, mas de resto não tive muita utilização. Mas isto o que é que eu acho, que é cultura geral. Fez parte de um curso que eu tive, porque nós pela vida fora aprendemos muita coisa. Mas se eu tivesse sido secretária teria-me dado muito jeito. Se fosse secretariar alguém ou fosse trabalhar para outra área. A minha área não era aquela, mas na altura foi o que eu achei mais interessante. Também só havia dois. Ou era para as oficinas ou para secretariado e relações públicas.

*(A Fátima começa a falar de uma colega dela, que foi professora de estenografia, a próxima entrevistada, ela telefona-lhe e é aqui que consigo ter contacto com ela)*

**Beatriz**

Aproveitava-lhe para fazer mais uma pergunta que é se considerou aprender estenografia um processo difícil, e no que é que teve mais dificuldades. Em que aspeto achou mais chato talvez, mais moroso.

**Fátima Teixeira**

Achei uma disciplina chata. Talvez porque não tivesse grande interesse. Aquilo era novo, mas como eu já trabalhava no laboratório, era análises. E portanto aquilo para mim- era engraçado, era escrever por sons, era diferente. Uma pessoa tinha de estar muito atenta, ouvir muito bem. Mas era uma coisa nova, é como te digo, fazia parte do curso tinha de se aprender. Como a datilografia e a caligrafia. É nesse âmbito. Eu também tinha aí umas cartas datilografadas em francês.

**Beatriz**

Eu vi. Estão aqui.

**Fátima Teixeira**

Olha isto também é interessante.

**Beatriz**

Sim quer dizer, não só aprendiam estenografia portuguesa como francesa.

**Fátima Teixeira**

Exatamente, porque lá está, as transações eram muito feitas entre a França, a Espanha, as transações comerciais. Tivemos 1 ano a aprender estenografia em português e o outro em Francês. Porque, se calhar até faziam um apanhado das palavras que mais se usavam e chegaram à conclusão dos sons, no contexto das cartas. Isto era tudo cartas comerciais. Ninguém ia escrever uma carta que não fosse comercial, uma secretária, em estenografia não é?

**Beatriz**

Se calhar já era aplicado mais para esse propósito. O ensino era adaptado para esse fim.

*(Depois disto mostrei à Fátima Teixeira os outros livros que tinha comigo de estenografia que requisitei das bibliotecas e tivemos a discutir as semelhanças do que ela aprendeu e do método de Francisco Póvoas. Achou piada ao livro “Esteno”. Acabámos a entrevista por aqui).*



**Data:** 02/02/2023

**Nome:** Fátima Almeida

**Ocupação:** Reformada

**Relação com a Estenografia:** Antiga Professora de Estenografia na escola privada INESP em Aveiro; Antiga Aluna no curso de Secretariado e Relações Públicas da Escola Industrial e Comercial de Aveiro

**Beatriz**

Começava por lhe perguntar então onde aprendeu estenografia?

**Fátima Almeida**

Ora bem, eu tirei o curso em 77 a 78 quando tirei o curso de Secretariado e Relações Públicas, na escola industrial que hoje é a escola nº1. Na altura chamava-se EICA (Escola Pública Industrial e Comercial de Aveiro) não sei se conhece.

**Beatriz**

Sim, é agora a Mário Sacramento.

**Fátima Almeida**

A Mário Sacramento, agora é a Mário Sacramento. Era o marido de uma professora de lá. A Cecília Sacramento. Pronto, eu fiz- a Fátima e a minha irmã fizeram- começaram no ano anterior, e depois eu andei- era para entrar em enfermagem, andei 2 anos para entrar em enfermagem, não consegui entrar em enfermagem e disse não vou estar mais parada e então depois regresssei e fui tirar secretariado e relações públicas. Entretanto, quando eu ainda nem tinha terminado completamente o curso (que ainda me faltava fazer um exame) abriu uma escola em Aveiro que se chamava INESP, que era um instituto de estudos profissionais e como eles tinham o curso também de secretariado, então precisavam de uma pessoa que tivesse a dactilografia e a estenografia porque era essencialmente o que eles iam dar. Prontos, contactaram comigo, fomos algumas pessoas entrevistadas e eu fiquei a abrir a escola assim “toma lá, abre a escola e toca a andar e põe a escola a funcionar”. (Risos) Comecei a 21 de Julho e tinha terminado as aulas uns dias antes na semana anterior e comecei portanto. E entre eles, tinha o curso de secretariado também lá. Olhe tinha a dactilografia, a estenografia, práticas de secretariado, tínhamos...normalmente eu dava correspondência comercial portuguesa, porque eu ensinava a parte de-das pessoas aprenderem como é que se faziam um registo nos correios, como é que se faziam os envelopes, todas essas coisas. E estive praticamente 20 anos a dar aulas.

**Beatriz**

Lecionou durante 20 anos na INESP, isso é muito ano.

**Fátima Almeida**

É ainda dei bastante. Não todas as vezes, não tínhamos todas as vezes, mas normalmente tínhamos um curso por ano. Mas também não começámos logo logo porque primeiro a escola começou só com datilografia. Mais tarde é que começou a ter outros cursos. Tínhamos desenho na construção civil, tínhamos cursos profissionais, informática... Muitas das pessoas que se formaram lá em informática depois foram para a universidade tirar informática.

**Beatriz**

Certo. E dava só correspondência comercial?

**Fátima Almeida**

Não. Eu dava dactilografia, dava estenografia, dava a correspondência comercial portuguesa, práticas de secretariado, que me lembre. E depois mais tarde, passou de dactilografia para computadores. Que entretanto depois passamos a passar o curso de dactilografia nos computadores.

**Beatriz**

Ainda se lembra qual era o sistema estenográfico que lecionava?

**Fátima Almeida**

O sistema estenográfico? Eu acho que só havia um. Que eu saiba em português. Eu aprendi estenografia em português, estenografia francesa e estenodatilografia.

**Beatriz**

Sim. Eu não sabia que também se aprendia estenografia francesa. Até foi a Fátima que me esteve a explicar que era por causa das relações comerciais que Portugal tinha com a França.

**Fátima Almeida**

Porque os cursos primeiro eram só, aliás, até ao 9º ano eu tive o Francês. Só depois do 9ºano é que tive o Inglês. Substituíram o Francês pelo Inglês. Aliás, eu tenho um curso que diz que é um curso de experiências pedagógicas. Portanto, o meu 9 ano chama-se curso geral de formação femininas experiências pedagógicas. Que era quando eles andavam ainda a adaptar o que é que era melhor e o que é que era pior para os alunos. Mas prontos, eram cursos novos.

**Beatriz**

Claro. Mas ainda em relação ao sistema estenográfico implementado, o nome sistema Marti diz-lhe alguma coisa? Sistema Martiniano?

**Fátima Almeida**

Sistema Marti...sim qualquer coisa. Sim. Ele era Marti qualquer coisa...mas nós não tínhamos um manual. Era a professora que nos dava a informação. E eu tinha a história, eu tinha a parte da história toda mas realmente.

**Beatriz**

Oh, então aprendeu também a história da estenografia?

**Fátima Almeida**

Aprendi uma parte, sim sim. Havia uma parte de história da estenografia, que tinham as datas e etc mas essas coisas agora já não me lembro como é evidente. Mas tinha uma parte de história. Eu não sei se porventura, a professora que nos deu aula (porque deu-nos aulas a todas que era a única na escola industrial) se porventura ainda terá alguma coisa sobre isso. Não faço ideia onde ela anda neste momento. (...)

**Beatriz**

Ok, não há problema. Mas só para confirmar, acha que o sistema que aprendeu e que se lecionava era o de Martí?

**Fátima Almeida**

Sim sim, era Martí qualquer coisa. Pois. Na altura, ela disse-nos que havia realmente assim- mas ela... ela própria escreveu e fez ela só o que era importante. Adaptado ao curso. E depois, era praticamente o que tínhamos na escola também, porque a irmã dela, da Elsa Regina era a que estava no INESP no Porto. Portanto elas tinham o mesmo. E nós adotamos também a mesma coisa.

**Beatriz**

Muito bem. E que material se utilizava para estenografar?

**Fátima Almeida**

Era sempre feito a lápis. Escrito a lápis. Nunca caneta. E normalmente tínhamos de ter sempre dois lápis prontos, porque um podia partir o bico e nós tínhamos de continuar. Outra das coisas eram a velocidade que se atingia. Normalmente, o objetivo eram 120 palavras por minuto. Claro que nem sempre se conseguia.

**Beatriz**

Mas esse era o ideal.

**Fátima Almeida**

Era porque, por exemplo, isto também se usava nas salas de audiências porque não podia haver-pronto, e entretanto os juizes e nas reuniões (porque as reuniões não podiam ser gravadas, nada disso podia ser gravado) e além disso nalgumas alturas nem havia gravadores, portanto mais para trás. E entretanto o objetivo era realmente ter uma maior velocidade.

*(Entretanto dei à Fátima os livros de estenografia que tinha requisitado, ao qual ajudou-a a lembrar de mais pormenores em relação dos conteúdos que tinha de estudar)*

**Fátima Almeida (A folhear livros)**

O nosso era um sistema geométrico, baseado na circunferência. A única coisa que para além de termos as letras tínhamos uma lista de abreviaturas que eram cento e não sei quantas.

**Beatriz**

Pois e imagino que tinham de decorar tudo.

**Fátima Almeida (A folhear livros)**

Sim tínhamos que saber, algumas- a maior parte das abreviaturas para podermos ter aquela velocidade, porque senão... por exemplo o “mente” que era um só um corte. A palavra “finalmente”, a gente escrevia “final” e pumba e o “mente” que era só um traço. A única vantagem depois era que a gente para traduzir...senão traduzisse logo a seguir...era mais complicado. Eu ainda hoje consigo escrever em estenografia.

**Beatriz**

A sério? Que incrível.

**Fátima Almeida**

Sim, é muito fácil. A gente depois muitas vezes brincava com essas coisas. Às vezes para chamar nomes às pessoas. Para dizer, que estávamos no café e dizia-

*(A Fátima começa a estenografar a mensagem: "Aquela pessoa, é muito maluca")*

Porque isto depois é uma escrita. Isto é um som. Este é um "p" e outro som. É o som "aço". "P" e "aço". Pessoa. Portanto, a gente depois é que tinha pronto. Mas eu ainda hoje consigo escrever, não com tanta- que eu não faço isto. Não pratico nada. Isto é o que ainda está na minha memória. Porque de resto eu já não pratico isto. Desde que deixei de dar aulas praticamente. Só mesmo se-mas também as colegas depois foram umas para cada lado a gente não...

**Beatriz**

E as suas aulas como é que eram?

**Fátima Almeida**

Foi a disciplina que eu mais gostei, sabe? Porque era diferente. Eu, por exemplo, na de francês, a outra professora era muito exigente, era mesmo muito exigente e não dava notas altas. Mas eu lembro-me que na de francês eu tirei 14, 16, 18 na disciplina. Foi a disciplina que eu tirei as notas mais favoráveis. E a outra para ela dar um 16...era preciso a pessoa ser muito muito boa, porque senão, não tinha hipóteses. E talvez por isso, porque pronto como eu gostava de coisas diferentes, né? Não gostava tanto da monotonia das aulas é- mas aquela era diferente porque todos os dias a gente ia aprender uma coisa nova e íamos fazer saber como escrevíamos, como é que fazíamos. O que é interessante. Pronto, o curso foi 2 anos. Eram os chamados complementares, o 10º e o 12º.

**Beatriz**

E quando começou a dar aulas, disse-me há bocado que não utilizavam manuais, mas era o mesmo caso com as suas aulas? Ou seja, o que é que passava aos alunos? Como é que seleccionava a matéria por assim dizer?

**Fátima Almeida**

Eu tinha o meu. E baseei-me no meu. Baseei-me no que a minha professora me tinha dado, portanto, baseei-me nesse e os manuais que a escola, neste caso a INESP do Porto, mandava porque eram eles que mandavam os manuais.

**Beatriz**

E por acaso não se lembra do título dos manuais pois não?

**Fátima Almeida**

Não, eram feitos todos à- eram feitos em stencil e eram passados na máquina. Eram feitos na própria- portanto as pessoas, os professores neste caso, é que faziam o próprio manual. Não eram manuais pré feitos. Nós escrevíamos aquilo em stencil que era muito difícil de fazer estenografia em stencil. Não sei se conhece o stencil. Pronto e escrever no stencil para

ele não rasgar, era muito difícil. E depois eram passados na máquina, e eram assim que se faziam os exercícios, e isso tudo e as coisas para os alunos. Depois mais tarde, já passou a ser com fotocópia.

### **Beatriz**

Está-me a dar uma novidade. Não fazia ideia que cada professor acabava por fazer o seu próprio manual

### **Fátima Almeida**

Era, fazia, vá lá, tirava informações sobre o que é que existia e depois fazia um bocadinho o seu manual. Não é como agora que já estão os manuais feitos e é só seguir os manuais. Não, o professor na altura tinha muito mais trabalho, no fundo, porque tinha de todos os dias chegar a casa e ir fazer a lição para o dia seguinte. E lá nos entregava a folhinha, as coisas todas e pronto. Ela dava-nos todos os dias, que a gente tinha uma aula, ela dava-nos as folhas. 2, 3 folhas conforme aquilo que ela fizesse e fosse nos dar na aula. E a partir daí, depois de a gente ter dado aquilo tudo, e mesmo já desde o princípio, a gente começava a fazer os ditados. O objetivo depois era a velocidade, portanto, todos os dias tínhamos de fazer ditados. E o ditado era que nos dava a velocidade da gente começar a escrever cada vez mais fácil, mais rápido.

### **Beatriz**

Considera que aprender estenografia foi um processo difícil? No que é que teve mais dificuldade em aprender?

### **Fátima Almeida**

É assim, era completamente diferente de todas as outras disciplinas. Era uma coisa que a gente não fazia ideia. O mais difícil era decorar aquelas 200 e tal abreviaturas, por exemplo. Meter na cabeça não é? Era conforme a gente ia escrevendo, ia memorizando...e a própria, pronto os próprios sons porque como é uma escrita de sons, basta a gente enganar-se às vezes num dos sons e depois quando vai a traduzir já não percebe nada do que é que para ali está. Portanto, essa é a dificuldade da estenografia. É o não ser concretamente “a, e, i, o, u”, nem ser concretamente a palavra que lá está. Eu aqui por exemplo:

*(A Fátima Almeida recorre à palavra “pessoa” estenografada, já escrita anteriormente para mostrar a versatilidade de significados que uma palavra estenográfica pode ter)*

Isto pode ser pessoas, pode ser paço, pode ser piza. Só depois no contexto é que nós vamos decifrar qual é a palavra que lá está. Porque, como é uma escrita de sons tudo o que soar igual, pode ser. É por isso que eu disse também, quando a gente traduzia logo a seguir era uma coisa que ainda estava meia...estava fresco. Agora, por exemplo, numa reunião não é assim que se passa, não é? As pessoas estão na reunião escrevem, e depois quando vão fazer a ata ou o relatório ou qualquer coisa:

“E agora? O que é que é esta palavra que eu não consigo entender?”.

Às vezes acontecia. Muitas vezes, a gente ficava ali a matutar o que era a palavra.

**Beatriz**

Isso se calhar é capaz de ser a maior desvantagem da estenografia.

**Fátima Almeida**

Talvez. Sim, porque a maior vantagem é a velocidade, sem dúvida nenhuma. Porque, as pessoas não tinham capacidade de uma pessoa estar a falar e em direto estar a escrever tudo.

**Beatriz**

Nem hoje, mesmo com o computador se consegue alcançar passar exatamente- pelo menos falo por mim, que ainda sou estudante e mesmo nas aulas se quero passar o que o meu professor está a dizer, é inevitável que eu perca informação. Mesmo escrevendo no computador, não consigo copiar exatamente as palavras que o professor está a dizer.

**Fátima Almeida**

Exatamente. Todas as coisas que a gente aprende, às vezes tem utilidade, outras vezes não tem utilidade nenhuma, não é? Prontos, eu por exemplo dei-lhe muita utilidade porque a seguir fui dar as aulas não é? Ou então se fosse para secretariar alguém. Porque de outra forma, por exemplo, a Fátima estava a dizer que praticamente nunca usou. Mas eu acho que os cursos antigamente que eram muito mais profissionais, que é aquilo que a gente hoje vê. Faltam profissionais de algumas coisas. A escola por exemplo formava carpinteiros, formava serralheiros, formava eletricistas, formava contabilistas, ceramistas. Tudo isso eram cursos que eram dados na escola Mário Sacramento, e que as pessoas saíam dali a ir trabalhar, a saber trabalhar. Havia as oficinas onde se iam fazer, e nós por exemplo na primeira parte, foi a parte de trabalhos manuais e labores. O meu curso primeiro era baseado em desenho e trabalhos manuais e depois a parte do secretariado já foi depois mais tarde que eu fui tirar a seguir.

**Beatriz**

Há bocado falou-me que quando estenografava que tinha de ter sempre um lápis a mais, e queria lhe perguntar também se o papel se era de algum tipo específico.

**Fátima Almeida**

O papel era normal, branco. E nós fazíamos uma divisória ao meio para ser mais rápido a escrita. Porque, enquanto a gente vai ali e vem aqui já perdeu tempo. E quanto mais pequenino fosse mais rápido nós conseguíamos escrever. Podia ser a metade, mas mesmo a metade, está a ver enquanto eu vou ali e venho aqui-e se for aqui praticamente nem saio. Portanto, nós fazíamos a divisão para escrever mais rapidamente.

**Beatriz**

E havia mais alguma característica técnica ao estenografar? Quais eram os cuidados que se tinham de ter?

**Fátima Almeida**

Não se usava borracha. Eu enganei-me, fiz isto \*risca no papel\* e continuei. Risquei e continuei porque não há tempo a perder. Tudo o que for mais rápido é o melhor.

**Beatriz**

Em que áreas profissionais era utilizada a estenografia na altura?

**Fátima Almeida**

Essencialmente no secretariado. Nas secretárias que têm de assistir a reuniões. Normalmente, e depois nos tribunais também utilizavam. Também trabalhei com advogados e aquilo realmente às vezes, a gente para ler aquelas letras que eles escrevem no tribunal é complicadíssimo. São letras muito difíceis de ler. Mas basicamente seria essa parte sim. Também para tirar apontamentos nas aulas e assim. Mas isto eram coisas que tinham de ser aprendidas muito rápidas porque nós só tínhamos 2 anos! O primeiro ano era basicamente para a aprendizagem completa, e o segundo era mais para a parte prática e do desenvolvimento. A professora estar ali com o texto e nós a apanhar aquilo que apanhávamos. A maior parte prontos. Ela tentava sempre ler todas as vezes mais rápida até nós chegarmos às 120 palavras que nem sempre se conseguia. Ah e era uma disciplina nuclear. Se a gente chumbasse a estenografia chumbava a tudo.

**Beatriz**

Está-me a dar outra novidade também

(Risos)

**Fátima Almeida**

Pois era complicado! Por isso a gente tinha de lhe dar mesmo!

(No resto da entrevista, tirei algumas dúvidas que tinha dos meus próprios estudos, nomeadamente nas terminações e abreviações das palavras. A Fátima também estenografou algumas palavras e frases bem como me explicou a base da circunferência para retirar os símbolos).

**Beatriz**

Já agora, sabe qual era o sistema estenográfico francês?

**Fátima Almeida**

Acho que era o mesmo. Porque a gente escrevia com os mesmos sons. Tinham alguns sons diferentes porque francês tem sons diferentes mas já não me lembro não. A do francês não me lembro. O francês também só utilizei quando dei aulas. Porque depois nas aulas que nós dávamos não fazíamos isso em francês, porque nessa altura já não existia tanto o francês. Era mais o inglês portanto o de francês nem sei.

**Beatriz**

Então também aprendiam estenografia portuguesa, francesa e inglesa?

**Fátima Almeida**

Não, não inglês não.

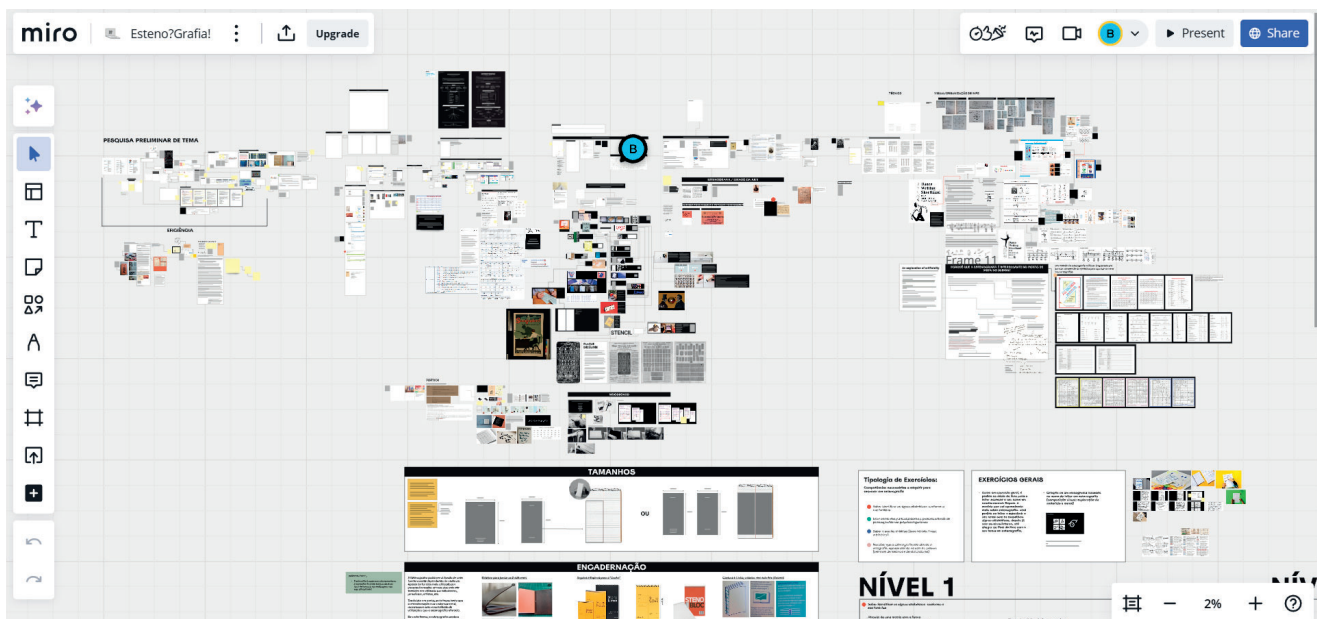
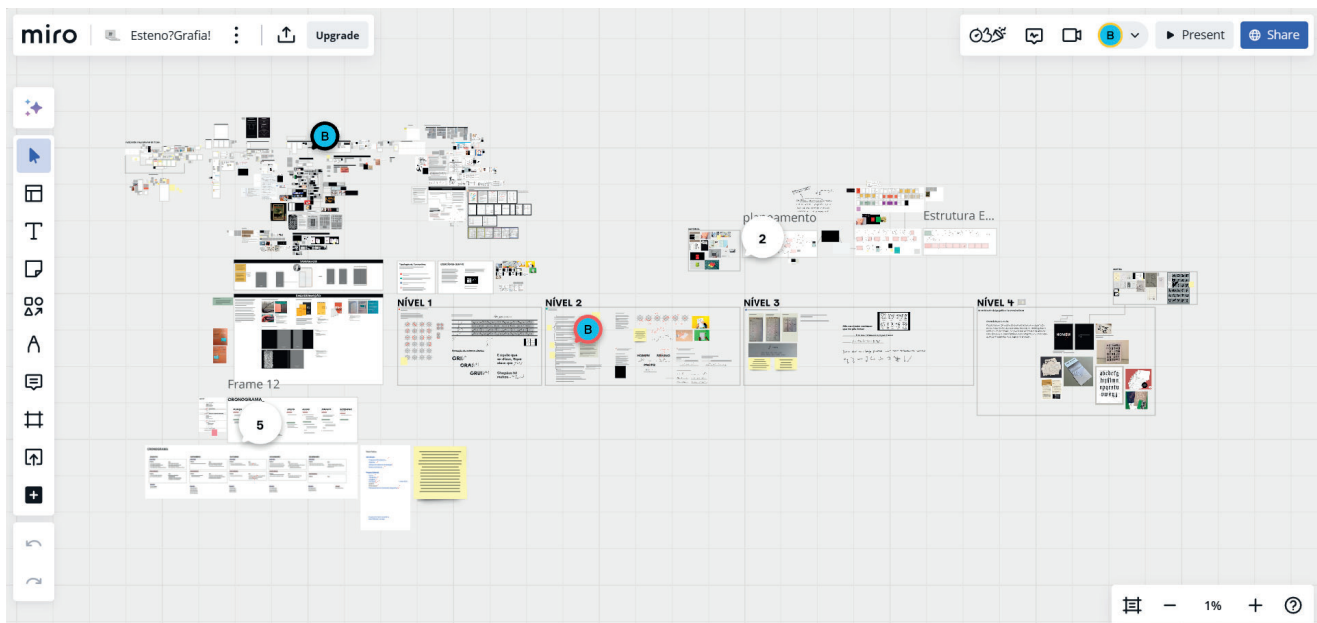
**Beatriz**

Ok. E os momentos de avaliação como eram?

**Fátima Almeida**

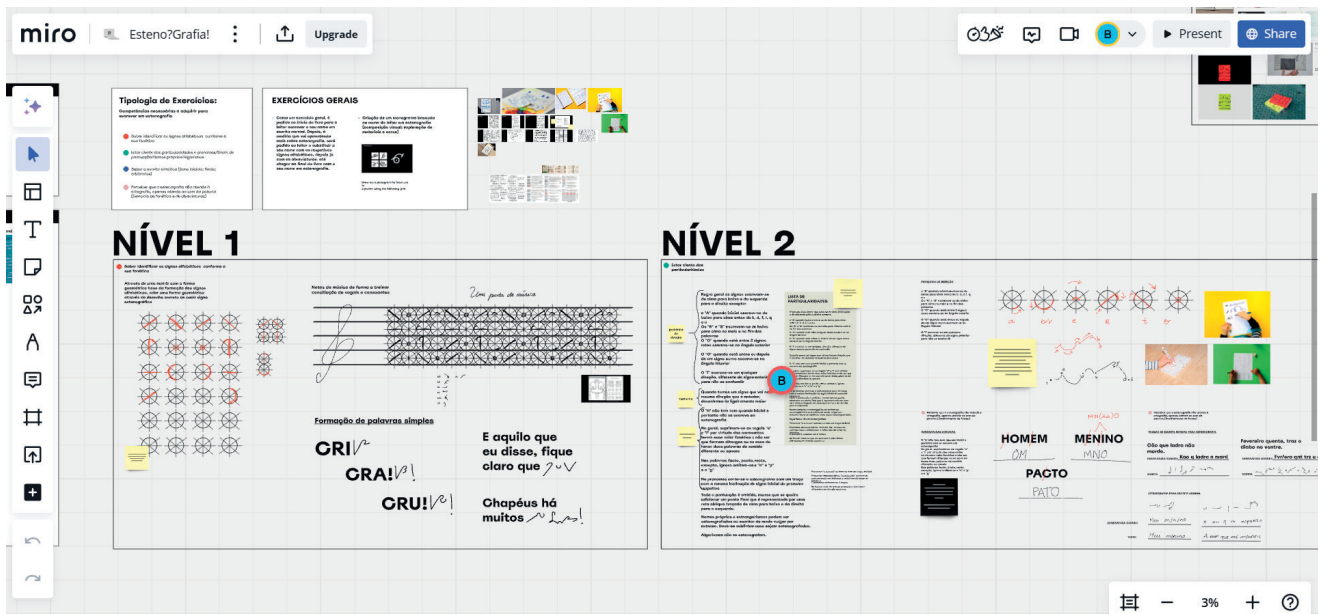
Era as fichas que ela fazia, para a gente estenografar com frases feitas. A gente estenografava por baixo e depois ela levava para avaliar. E mais tarde eram os ditados. Ela ditava, nós estenografávamos, e depois traduzimos por baixo. O teste era feito assim. E depois ela ia fazer as duas coisas. A estenografia e a tradução. Tínhamos x minutos para fazer a tradução daquilo que a gente fazia. Mas lembro-me que eu tinha 2 colegas e quando saíamos e estávamos à espera do comboio estávamos sempre a estenografar que era para ver se a gente entendia aquilo e metia bem na cabecinha. E no fim de semana, a minha irmã e a fátima era o meu cunhado que ditava. O meu cunhado ditava e elas iam escrevendo e eu ia escrevendo também aquilo que conseguia fazer. Pronto era o nosso treino.

*(Depois da Fátima ter folheado o resto dos livros, começámos a conversar sobre outros tópicos e portanto a entrevista acabou por aqui)*

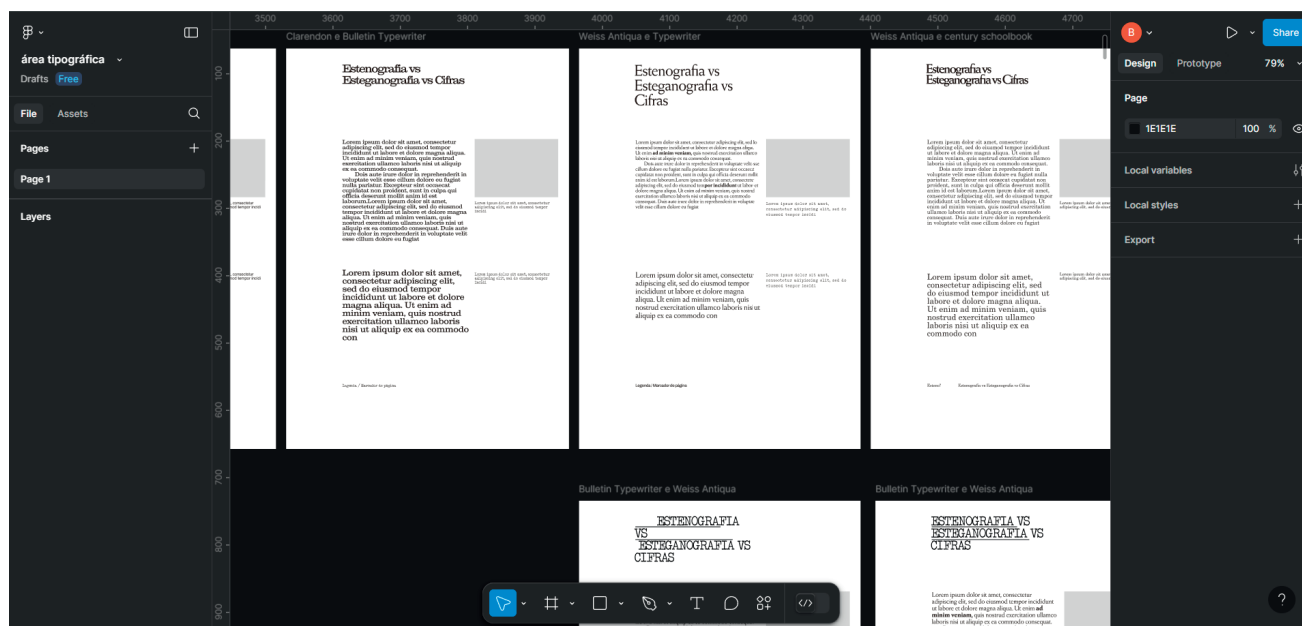
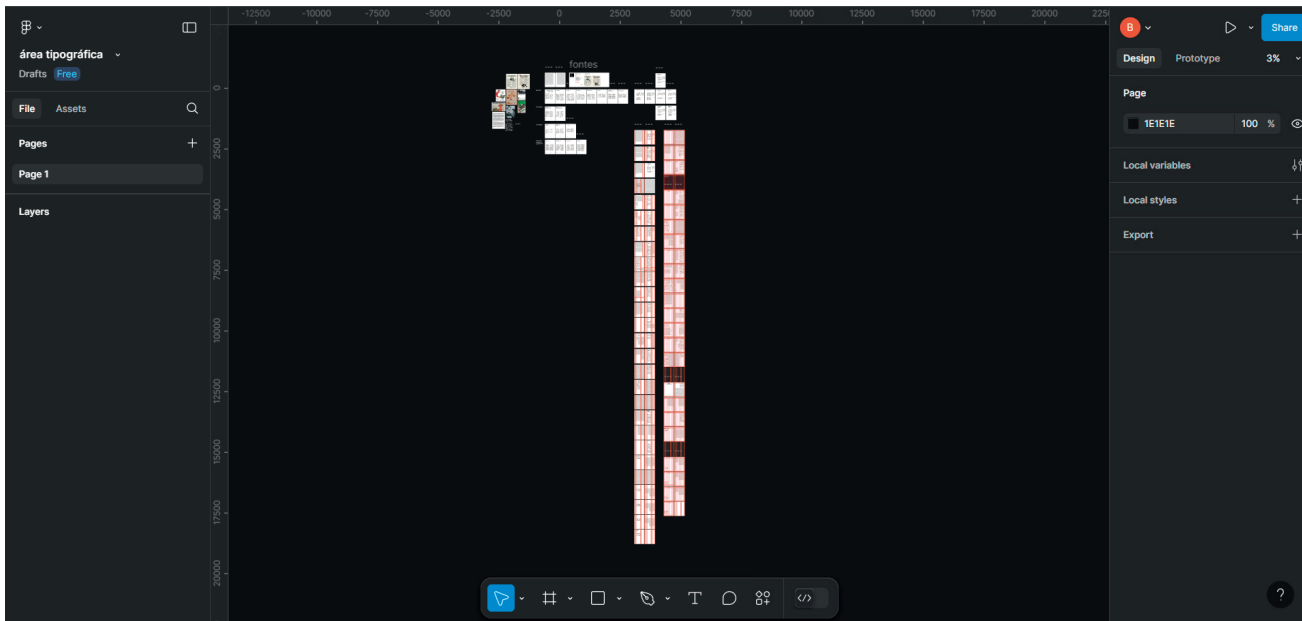


**Plataforma Miro**

Acedível através do link: [https://miro.com/app/board/uXj-VOBCEoKo=?share\\_link\\_id=219737701423](https://miro.com/app/board/uXj-VOBCEoKo=?share_link_id=219737701423)

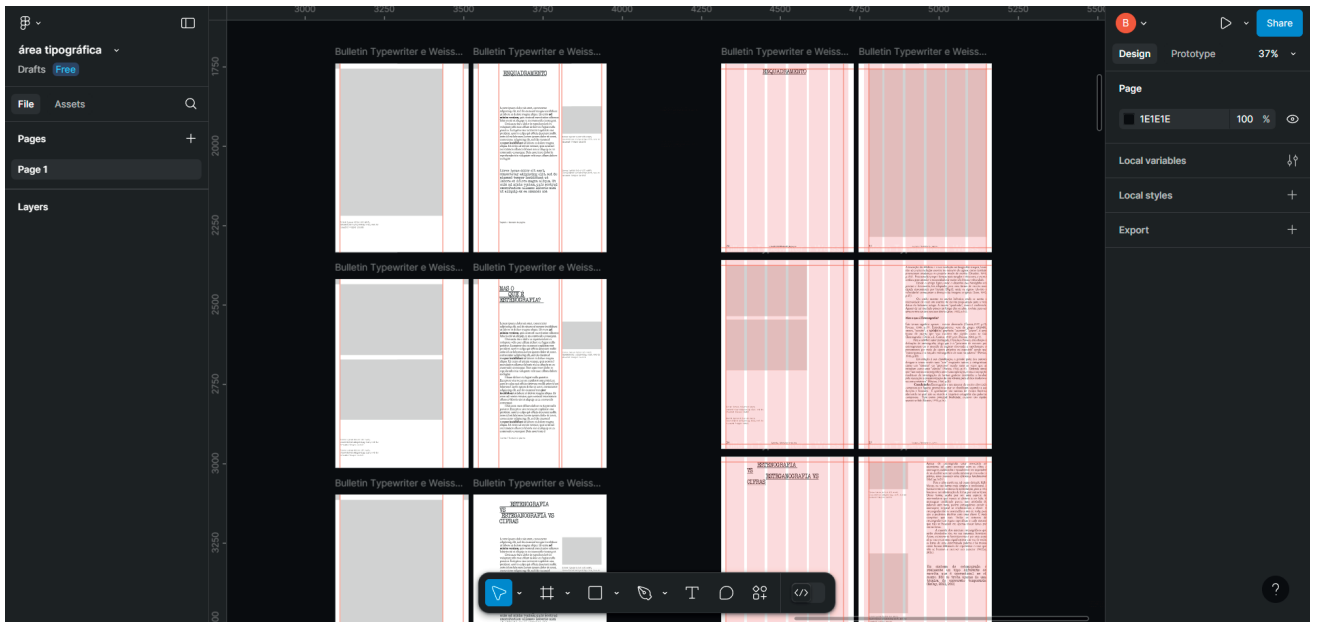
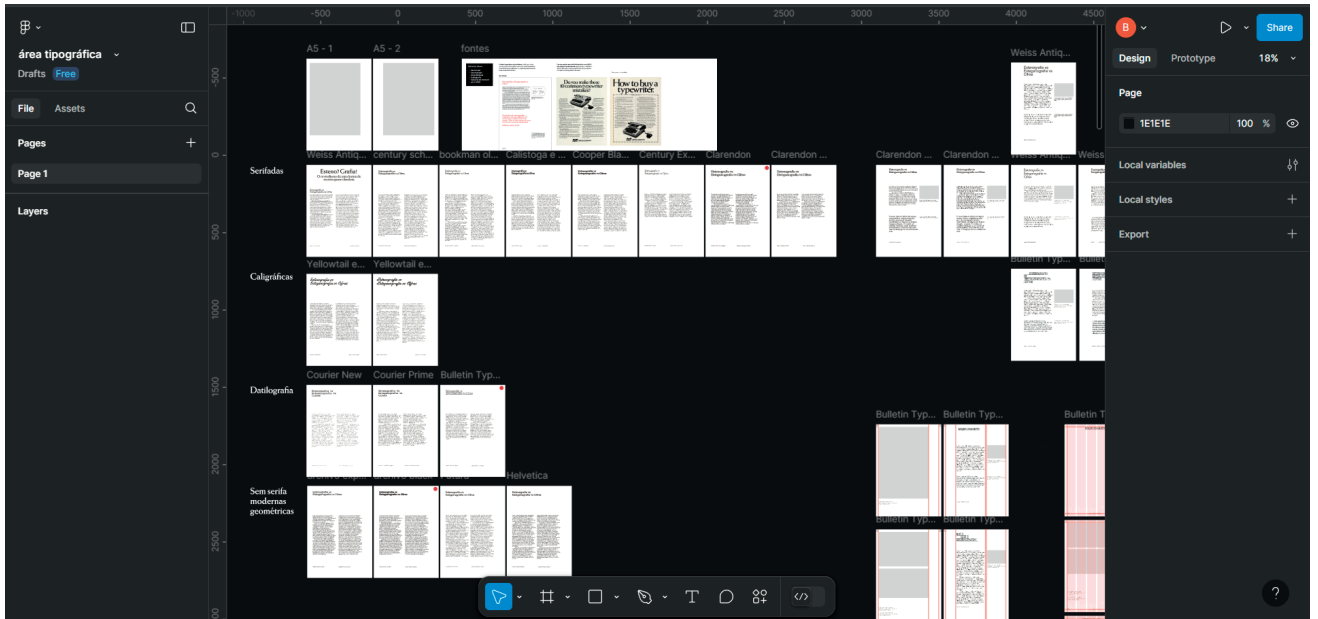


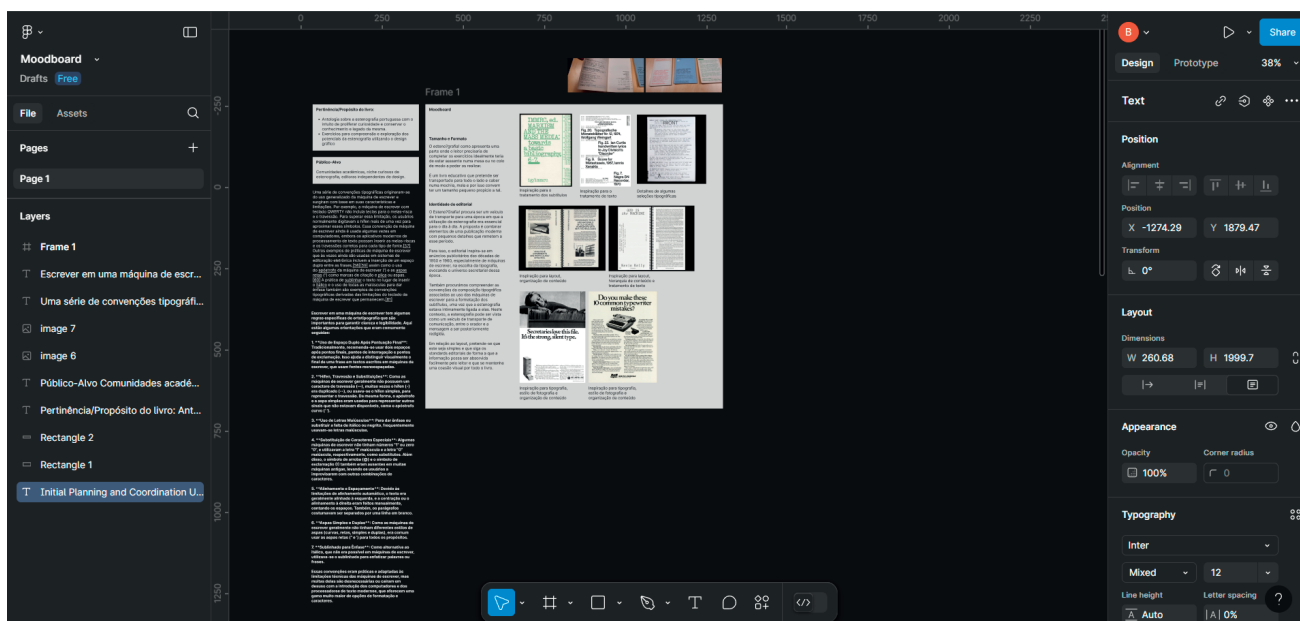
# ANEXOS 3 | Recursos de trabalho - Figma (Quadro 1)



Figma

Acedível através do link: <https://www.figma.com/design/w8C3hY7HIKV8M5IEwuy7Co/%C3%A1re-a-tipogr%C3%A1fica?node-id=0-1&t=GafC8XMGbE-DobxuS-1>





Figma

Acedível através do link: <https://www.figma.com/design/7d05nnYjqa-qChtkahkg1lq/Moodboard?t=GafC8XMGbEDobxuS-1>

**Moodboard**

Drafts Free

File Assets

Pages

Page 1

Layers

- Frame 1
- Escrever em uma máquina de escr...
- Uma série de convenções tipográf...
- image 7
- image 6
- Público-Alvo Comunidades acad...
- Pertinência/Propósito do livro: Ant...
- Rectangle 2
- Rectangle 1
- Initial Planning and Coordination U...

**Frame 1**

**Pertinência/Propósito do livro:**

- Antologia sobre a estenografia portuguesa com o intuito de proliferar curiosidade e conservar o conhecimento e legado do mesmo.
- Exercícios para compreensão e exploração das potencialidades da estenografia utilizando o design gráfico.

**Público-Alvo**

Comunidades acadêmicas, ríche curiosos de estenografia, editores independentes de design.

Uma série de convenções tipográficas originaram-se do uso generalizado da máquina de escrever e surgiram com base em suas características e limitações. Por exemplo, a máquina de escrever com teclado QWERTY não incluía teclas para o maiúsculo e o til. Para superar esta limitação, os editores normalmente digitavam o Men mais de uma vez para representar esses símbolos. Essa convenção da máquina de escrever ainda é usada algumas vezes em computadores, embora os aplicativos modernos de processamento de texto possam inserir as maiúsculas e os acentos corretos para cada tipo de fonte [1]. Outros exemplos de práticas da máquina de escrever que se refletem ainda são o uso de caracteres de editoração eletrônica (como a inserção de um espaço duplo entre as frases [2][3]) e o uso de caracteres de editoração eletrônica (como o uso de caracteres de editoração eletrônica [4] e os caracteres [5]). A maioria dos caracteres de editoração eletrônica são heranças das limitações do teclado da máquina de escrever. [6]

**Escrever em uma máquina de escrever tem algumas regras específicas de ortografia que são importantes para garantir clareza e legibilidade. Aqui estão algumas orientações que foram fornecidas seguidas:**

- 1. "Uso de Espaço Duplo Após Pontuação Final":** Tradicionalmente, recomendava-se usar dois espaços após pontos finais, pontos de interrogação e pontos de exclamação, isso ajudava a distinguir visualmente o final de uma frase em textos escritos em máquinas de escrever, que usavam fontes monoespaçadas.
- 2. "Hifen, Travessão e Substituições":** Como as máquinas de escrever geralmente não possuem um caractere de travessão (—), muitas vezes o hífen (-) era duplicado (--) ou usava-se o hífen simples, para representar o travessão. Da mesma forma, o apóstrofo e a aspa simples eram usados para representar outros sinais que não estavam disponíveis, como o apóstrofo curvo (’).
- 3. "Uso de Letras Maiúsculas":** Para dar ênfase ou ênfase e falta de ênfase ao texto, frequentemente usavam-se letras maiúsculas.

Design Prototype 64%

Text

Position

Alignment

Position

X -1274.29 Y 1879.47

Transform

Layout

Dimensions

W 260.68 H 1999.7

Appearance

Opacity 100%

Typography

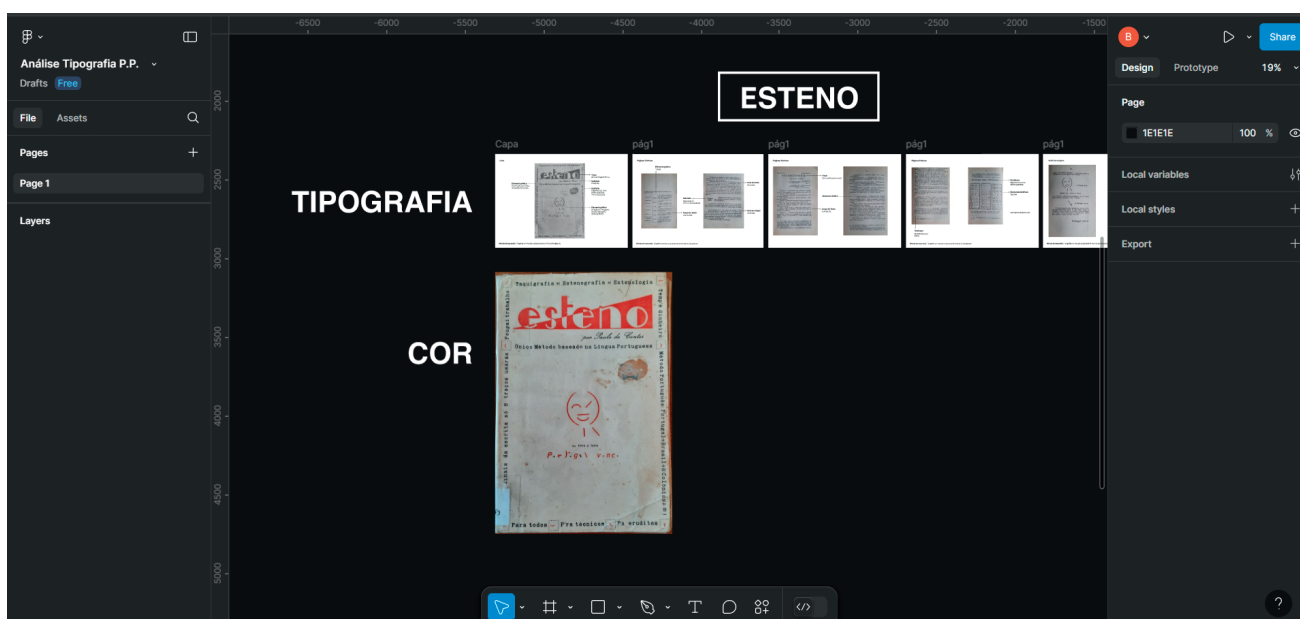
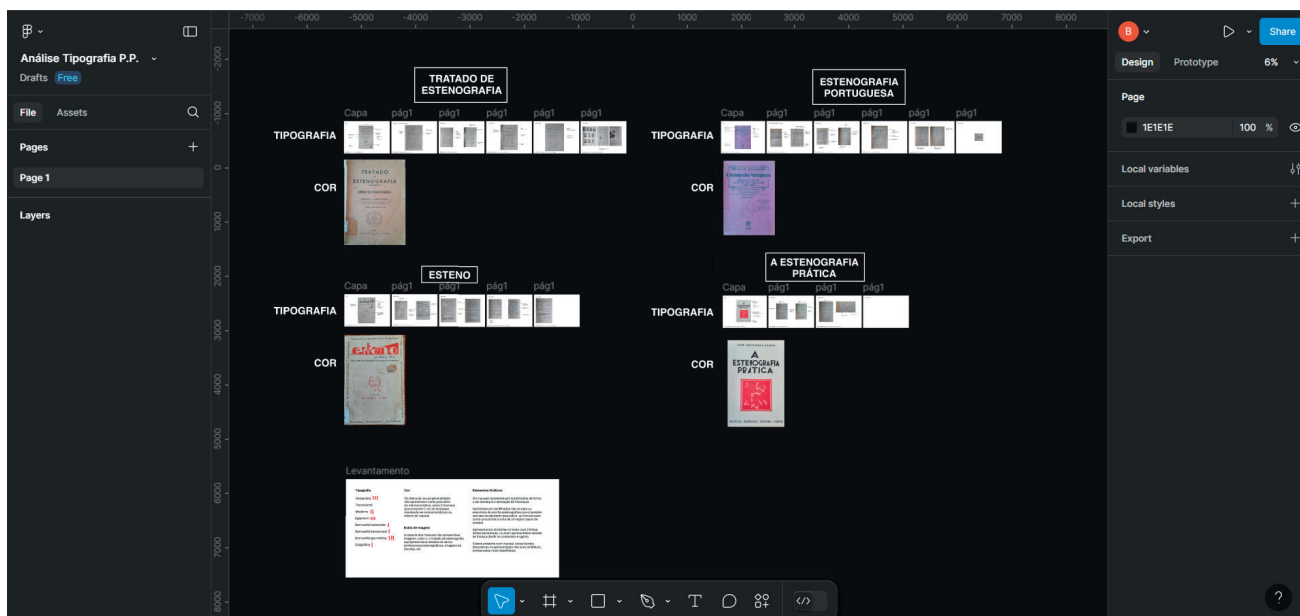
Inter

Mixed 12

Line height Letter spacing

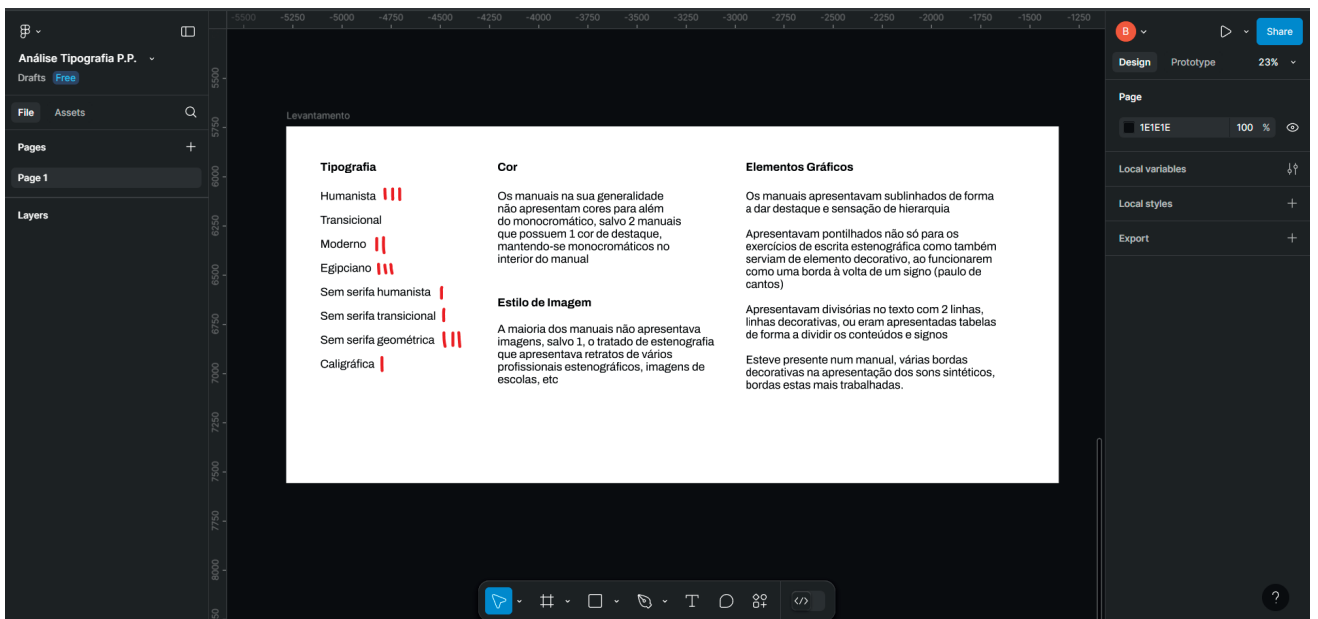
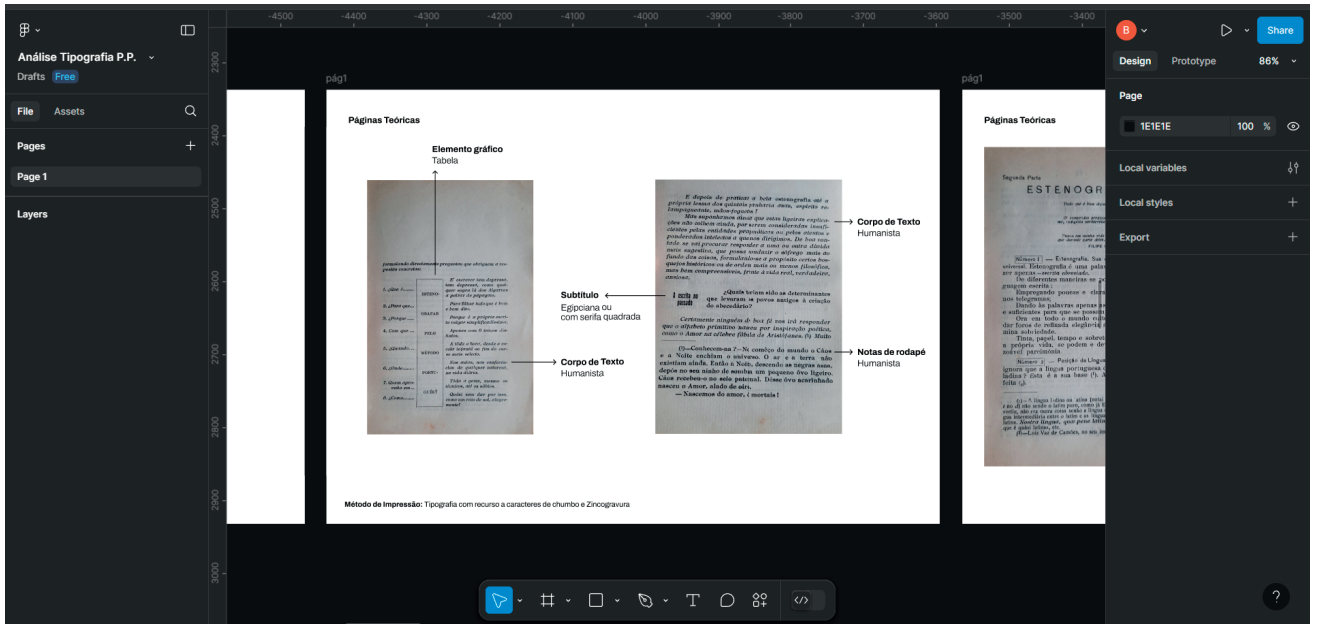
Auto | A 0%

## ANEXOS 3 | Recursos de trabalho - Figma (Quadro 3)



Figma

Acedível através do link: <https://www.figma.com/design/psNZf49tpYTywgMR33Yesf/An%C3%A1lise-Tipografia-P.P.?t=GafC8XMGbEDobxUS-1>







# BIBLIOGRAFIA

Adobe Fonts. (s.d.). Bulletin Typewriter MN. Adobe Fonts. Retrieved Janeiro 6, 2025, from <https://fonts.adobe.com/fonts/bulletin-typewriter-mn#about-section>

Bright, T. (1588). Characterie : an arte of shorte, swifte, and secrete writing by character. I.Windet. <https://archive.org/details/characteriearteo00brig/page/n45/mode/2up>

Cantos, P. (1937). Esteno: Único Método Baseado na Língua Portuguesa. Livraria Povoense - Póvoa de Varzim.

Carvalho, L. d. (1927). Estenografia Portuguesa, Ciência que tem por fim escrever tão depressa como se fala a língua lusitana (2nd ed.). Tipografia Pires.

Castro, L. d. A. (s.d.). Escrita veloz. Taquigrafia. Retrieved Julho 4, 2023, from <http://lizetecastro.blogspot.com/>

Drucker, J. (1995). The alphabetic labyrinth : the letters in history and imagination. Thames and Hudson.

The Editors of Encyclopaedia Britannica. (s.d.). Peter Bales | English calligrapher | Britannica. Encyclopedia Britannica. Retrieved April 17, 2023, from <https://www.britannica.com/biography/Peter-Bales>

The Editors of Encyclopaedia Britannica. (s.d.). The Universal English Shorthand | work by Byrom. Encyclopedia Britannica. Retrieved April 20, 2023, from <https://www.britannica.com/topic/The-Universal-English-Shorthand>

Frenesi. (2019, Outubro 2). Tratado de Stenographia. frenesi loja. Retrieved Julho 19, 2023, from <https://frenesilivros.blogspot.com/2019/10/tratado-de-stenographia.html>

Geschichte der kurzschrift. (2009, Março 27). Internet Archive Wayback Machine. Retrieved Março 25, 2025, from <https://web.archive.org/web/20090327060935/http://www.steno.ch/htm/120.htm#biografien>

Gomes, A. M. S. S. (2016, Julho). Ver e Ler Paulo de Can-

tos, Um projeto bio-bibliográfico. 399. <https://estudogeral.uc.pt/handle/10316/31763>

Home. (s.d.). Google Books. Retrieved April 20, 2023, from [https://books.google.pt/books?id=DkcEAAAAQAA-J&printsec=frontcover&redir\\_esc=y#v=onepage&q&f=false](https://books.google.pt/books?id=DkcEAAAAQAA-J&printsec=frontcover&redir_esc=y#v=onepage&q&f=false)

Internet Archive. (2021, Junho 28). Meiningen. Meiningen. Retrieved Março 25, 2025, from <https://web.archive.org/web/20210628151428/https://www.meiningen.de/Tourismus-Kultur/Kultur-entdecken/Historische-Orte-und-Pers%C3%B6nlichkeiten/Pers%C3%B6nlichkeiten/>

Jean, G. (1992). Discoveries: Writing: The Stories of Alphabets and Scripts. Harry N. Abrams.

King, D. (2001). The Ciphers of the Monks: A Forgotten Number-notation of the Middle Ages. FRANZ STEINER VERLAG STUTTGART.

Martins, R. (2023, Março 23). Paulo de Cantos: um editor à frente do seu tempo. Câmara Municipal Póvoa de Varzim - Paulo de Cantos. [http://ww.cm-pvarzim.pt/biblioteca/download/folheto\\_paulo\\_de\\_cantos.pdf](http://ww.cm-pvarzim.pt/biblioteca/download/folheto_paulo_de_cantos.pdf)

Martins, R., Bourgard, J., Saraiva, A., Botelho, L., Sá, A., Pereira, H., Martins, R., Sapage, S., Sousa, T., Casanova, R., Ferreira, V., Leite, M., Soares, R., Bacelar, A., Campos, A., Cardoso, D., Coutinho, I., Pereira, A., Santos, J., ...  
Rocha, D. (2013, March 23). Paulo de Cantos: um editor à frente do seu tempo. Público. Retrieved November 20, 2024, from <https://www.publico.pt/2013/03/23/culturaip-silon/noticia/paulo-de-cantos-um-editor-a-frente-do-seu-tempo-1588835>

Mason, J. (2018). Qualitative Researching. SAGE Publications.

Métodos ou Sistemas de Taquigrafia. (s.d.). Taquigrafia em Foco. <http://www.taquigrafiaemfoco.com.br/>

MyFonts by Monotype. (s.d.). Weiss Antiqua® by URW Type Foundry. Retrieved Janeiro 6, 2025, from <https://www.myfonts.com/collections/weiss-antiqua-font-urw>

Norman, J. M. (s.d.). Exploring the History of Information and Media through Timelines. History of Information. Retrieved March 17, 2023, from [https://historyofinformation.com/index.php?cat=5#entry\\_2053](https://historyofinformation.com/index.php?cat=5#entry_2053)

Norman, J. M. (2023, February 23). Samuel Taylor Develops the First System of Shorthand Used Throughout the English Speaking World. History of Information. Retrieved April 20, 2023, from <https://www.historyofinformation.com/detail.php?entryid=3685>

Parkinson, J. (2016, January 16). Is the art of shorthand dying? BBC. Retrieved April 5, 2023, from <https://www.bbc.com/news/magazine-34603886>

Póvoas, F. A. M. (1946). Tratado de Estenografia: (Taquiografia) e Apêndice de Estenodactilografia (2nd ed.). Empresa Nacional de Publicidade.

Quest: Gregg Shorthand | gregarious adventures. (2012, July 17). gregarious adventures. Retrieved April 24, 2023, from <https://gregariousadvents.wordpress.com/2012/07/17/httpgregg-angelfishy-net/>

Ramos, J. D. (1950). A Estenografia Prática (2º ed.). Manuel Barreira.

Russon, A. R. (s.d.). Timothy Bright | English stenographer | Britannica. Encyclopedia Britannica. Retrieved April 4, 2023, from <https://www.britannica.com/biography/Timothy-Bright>

Santos, J. T.-L. M. (1945). Curso Geral de Estenografia (1st ed.). Imprensa Portugal-Brasil.

Scott, W. B. (s.d.). Shorthand.- Taylor (Samuel) An

E.s.s.a.y intended to - Jan 13, 2022 | Forum Auctions in London. LiveAuctioneers. Retrieved April 20, 2023, from [https://www.liveauctioneers.com/item/119136120\\_shorthand-taylor-samuel-an-essay-intended-to](https://www.liveauctioneers.com/item/119136120_shorthand-taylor-samuel-an-essay-intended-to)

STENOGRAFIA - AMANTI, EMILIO. (s.d.). Finarte. Retrieved April 24, 2023, from <https://www.finarte.it/asta/libri-autografi-e-stampe-roma-2022-12-06/emilio-amanti-sistema-universale-e-completo-di-stenografia-o-sia-mania-di-scrivere-in-compendio-applicabile-a-tutti-gli-idiomifonda-87886?lang=en>

Tuplin, C. J. (2023, February 28). Xenophon | Greek historian | Britannica. Encyclopedia Britannica. Retrieved March 24, 2023, from <https://www.britannica.com/biography/Xenophon>

Willis, J. (1632). The Art of Stenography, or Short-Writing, by spelling Characterie (9th ed.). <https://books.google.pt/books?id=tfi6x8j1QCYC&printsec=frontcover&hl=pt-PT#v=onepage&q&f=false>

